



o Irã sob o

1 1



o Irã sob o
chador

Duas brasileiras no país dos aiatolás

Adriana Carranca e
Marcia Camargos

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Outros títulos desta série

Haiti, depois do inferno – Rodrigo Alvarez

Paquistão, viagem à terra dos puros – Fernando Scheller

Sobre as obras que
compõem esta série:

Esta série de livros oferece ao leitor local a possibilidade de descobrir culturas pouco conhecidas a partir de narrativas de escritores e jornalistas brasileiros. São relatos escritos no fio tênue que corre entre a objetividade da descrição jornalística e a abordagem personalista, baseada na intensa troca de experiências com o desconhecido. Buscando vieses despercebidos, atacando os estereótipos com que percebemos os que não nos são próximos, estes livros surgem com o intuito de informar e surpreender. Afinal, do mesmo modo que nós como nação somos vistos pelas lentes do equívoco, essas culturas, complexas o bastante para não caberem em resumos rasteiros, tendem a ser tratadas a partir de uma miríade de lugares comuns. Contornar essas práticas com o cuidado e o respeito que só o viajante atento e sensível possui, constitui-se como projeto principal desta proposta editorial.

Ótima leitura!

Os editores

Adriana Carranca e
Marcia Camargos

O Irã sob o chador
Duas brasileiras no país dos aiatolás



EDITORA
GLOBO

Copyright © 2010 by Editora Globo S.A. para a presente edição

Copyright © 2010 by Adriana Carranca Corrêa e

Marcia Mascarenhas de Rezende Camargos

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Preparação: Ronald Polito

Revisão: Clim Editorial / Adriana Bernardino Sharada

Projeto gráfico, paginação e capa: ZB Editorial

Diagramação para ebook: Xeriph

Tratamento de imagens: Paula Korosue

Ilustrações: José Carlos Chicuta

Imagem da capa: Adriana Carranca

Fotos de orelha: Marjaneh Aryanasab e Gilson Packer

Imagens de miolo: Adriana Carranca e Marcia Camargos – Foto da página 07: © Marc Deville/Corbis/Latinstock

1ª edição, 2010

1ª reimpressão

eISBN 978-85-250-5094-6

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.

Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo – SP

www.globolivros.com.br

Prefácio

O fascínio do “outro”

Dizem que existe a vida antes e depois de conhecer o Irã. Colocada assim, a frase pode soar exagerada. Mas não é. Quem esteve lá sabe que se trata da mais cristalina verdade. Porque o Irã fascina e muda a perspectiva do visitante. Seja conservador, liberal, socialista, feminista, agnóstico, crente ou cético, será marcado de maneira única e indelével.

Quando milhares de manifestantes lotaram as ruas de Teerã e outras cidades em protesto contra a reeleição de Mahmoud Ahmadinejad no pleito presidencial de junho de 2009, o mundo arregalou os olhos diante da coragem dos iranianos, que insistiam em ter suas vozes ouvidas, embora fossem brutalmente reprimidos. Aqueles com um conhecimento mais aprofundado sobre a história do Irã, no entanto, não poderiam esperar outra reação dos bravos persas, um povo de altiva e prestigiosa linhagem milenar, que soube preservar como nenhum outro a própria identidade ao longo de seus 2.500 anos de história.

Incontáveis invasores tentaram dominá-los à força, mas foram expulsos ou se adaptaram à cultura local — e não o contrário. Quem pisou nessas terras sabe que no cerne da questão nuclear encontra-se, justamente, o forte legado persa. Algo com que o regime sabia poder contar, quando preciso fosse, como instrumento de união nacional. Os aiatolás tinham consciência de que diante da ameaça de um inimigo externo, eles se uniriam em uma só grande massa.

Além da necessidade de coesão interna cada vez maior, e embora o conflito entre o Irã e as potências ocidentais sempre fosse latente, as ameaças externas tornaram-se mais concretas após o 11 de Setembro com a invasão do Afeganistão, em 2001, e do Iraque, em 2003, ambos vizinhos do Irã, que se viu, portanto, cercado por tropas estrangeiras. O argumento utilizado pelo então presidente americano George W. Bush e o primeiro-ministro britânico Tony Blair para invadir o Iraque fora o desenvolvimento pelo ditador Saddam Hussein de armas químicas letais. Argumento este mais tarde desmascarado como mentiroso, o que intensificaria as suspeitas do regime iraniano de que o real interesse das potências ocidentais na região era o petróleo.

Nessa linha de raciocínio, o Irã seria o próximo alvo, acreditavam. Daí a crise nuclear impetrada pelo regime e protagonizada por Ahmadinejad. Na lógica do nacionalismo iraniano, a interferência da comunidade internacional sobre o programa atômico representava um golpe à soberania do país. Por trás disso, haveria uma tentativa de impedir o desenvolvimento econômico e minimizar o poder político do Irã na região.

Violações de direitos humanos e os problemas políticos e econômicos que o Irã enfrenta são largamente denunciados e combatidos pelos próprios iranianos, não raro com trágicas consequências. Mas, entre eles ainda impera, sobretudo, a herança do orgulho persa. Se o povo foi às ruas pela Revolução Islâmica, que em 1979 derrubou o xá Reza Pahlevi para colocar no poder o imã Ruhollah Khomeini, terá de encontrar o

caminho por mudanças.

Não faltam notícias sobre o Irã na mídia internacional, em maior escala desde 1979. Está nas manchetes dos jornais e nas capas de revistas. Mas, para nós, e a maioria dos brasileiros, continuava a ser um lugar distante e de difícil compreensão. Diante das informações, muitas vezes contraditórias, que chegavam de lá e dos testemunhos dos imigrantes, refugiados e descendentes iranianos vivendo no Brasil, uma singela pergunta nos perturbava: afinal de contas, que país é esse?

As tentativas de resposta virão ao longo destas páginas. Porque o Irã permanecerá um enigma. Um lugar onde Ocidente e Oriente se encontram, berço de impérios, passagem de povos, cruzamento de culturas. Uma nação mutante, com história repleta de vicissitudes, mas sempre atenta à preservação de sua riqueza cultural. Um país com cenário de palácios preservados e recobertos de espelhos minúsculos, que multiplicam a dimensão das salas, pomares e jardins verdejantes em meio à paisagem árida e bazares que nos levam à dimensão onírica das *Mil e uma noites*... Sem mencionar as cúpulas em azul e dourado das mesquitas com suas torres despontando no horizonte a nortear o peregrino, os pátios internos no lusco-fusco do entardecer, as paredes de adobe exalando o calor do sol poente como uma praça medieval da Toscana. E, ao mesmo tempo, uma sociedade dinâmica de trinta milhões de pessoas, com questões tão atuais quanto o trânsito e a poluição comuns às grandes metrópoles e presentes também na capital Teerã, a versão moderna de Pasárgada e Persépolis, fincadas no deserto meridional do Irã há quase três mil anos.

Nem precisa do efeito do álcool, proibidíssimo ali, para se embriagar de emoções contraditórias. Porque no Irã elas se farão presentes no cotidiano de sinais invertidos. Apesar da simpatia do povo, da naturalidade simples de acolher o estrangeiro a ponto de fazê-lo sentir-se em casa, as notas dissonantes soam como alarmes estridentes, alertando-nos contra o Estado autoritário e impositivo como um Big Brother de George Orwell. Não dá para fingir que são normais alguns ônibus com espaços separados para homens e mulheres, praias segregadas, a proibição de música alta e ocidental ao ar livre, a polícia de costumes vigilante contra deslizos de comportamento e as interdições às liberdades individuais.

Na fase que precedeu nossas respectivas viagens ao Irã, nos perguntavam se tínhamos coragem de enfrentar uma região inóspita semeada de homens-bomba, minas terrestres e outros absurdos beirando o ridículo — o Irã não tem homens-bomba e não está em guerra. Sim, milhares de civis iranianos foram vítimas de minas terrestres plantadas durante a guerra com o Iraque, entre 1980 e 1988, segundo a organização Human Rights Watch. Porém, no momento de nossas visitas ao país, os artefatos se concentravam principalmente nas fronteiras com o Afeganistão, onde os conflitos entre o Taliban e as forças de coalizão lideradas pelos Estados Unidos prosseguiam.

Em face desses conflitos, as leituras negativistas e estereotipadas do universo islâmico forjadas no imaginário ocidental se estendiam ao Irã e ecoaram nos nossos ouvidos por semanas a fio. A desconfiança crescia na medida em que o noticiário

misturava raízes e estilos de vida daquela parte do planeta, como se o Oriente formasse um só bloco uniforme. As diferenças entre Irã, Iraque, Afeganistão, Palestina, por exemplo, fundiam-se em uma incomensurável zona cinzenta de desinformação e preconceito.

A ideia do perigo iminente estava arraigada de modo tão inexorável que nenhuma empresa aceitou fazer nosso seguro de viagem. Para nós, porém, a questão era clara. Não nos sentíamos como cavaleiros das Cruzadas investindo contra muçulmanos incultos e sanguinários. Já desconfiávamos que, ali, os bárbaros seríamos nós.

Assim, em meio aos preparativos, explicávamos que no Irã se falava *farsi* e não árabe, que os números utilizados são diferentes dos algarismos árabicos e que naquele país a população abraça a linha xiita do islamismo. As mulheres não vestem burca, típica do vizinho Afeganistão, e tampouco o *niqab*, que esconde o rosto e é visto nas nações árabes mais conservadoras como a Arábia Saudita.

Em um país onde política e religião se misturam como no Irã contemporâneo, a veste islâmica se tornou, sobretudo, um símbolo de identidade e posição política. Jovens partidárias dos ideais reformistas e mais abertas a mudanças usam o *hijab*, um lenço comum que cobre apenas parte dos cabelos. Já as simpatizantes do regime islâmico e socialmente conservadoras cobrem-se da cabeça aos pés, exceto pelo rosto, com o chador, um manto muito parecido com aquele usado por freiras católicas. A veste só é obrigatória nas mesquitas e em outros locais sagrados. Mesmo nas repartições públicas, as funcionárias do governo podem usar apenas o *hijab*, desde que seja preto.

Pouca valia tiveram nossos esforços de esclarecimento. Até porque, àquela altura, tudo se mostrava ainda confuso também para nós em relação ao Irã. A sensação de que estávamos diante de um enigma a ser desvendado fez com que registrássemos o que vimos, ouvimos e experimentamos durante nossas viagens, feitas em momentos diferentes, mas que voltariam a se cruzar na descoberta comum de uma emocionante lição de vida.

Essa não é, porém, uma obra definitiva sobre o Irã. Trata-se, sim, de um retrato filtrado pela lente de valores éticos e morais que formam nosso caráter, ainda que tenhamos tentado respeitar a imparcialidade exigida no exercício da narrativa documental. Tampouco é ficção, mas fragmentos de uma realidade vivenciada por nós apenas. O nosso Irã será diferente do seu, leitor, se um dia decidir visitar o país. Os conteúdos desse livro escrito em primeira pessoa são baseados em nossa experiência pessoal nos lugares que visitamos. Gostaríamos de deixar isso claro, antes de convidá-lo a nos acompanhar nessa experiência que revivemos agora através de seus olhos.

Esperamos que aprecie a jornada!

Adriana Carranca e Marcia Camargos

*Não pertenço a nenhum credo ou religião,
Não sou oriental nem ocidental,
Muçulmano nem infiel,
Zoroastriano, cristão, judeu ou gentio.*

Jalaluddin Rumi (1207-1273)

Parte 1

A caminho de Pasárgada

Teerã sofre dos males típicos das metrópoles que crescem sem planejamento urbano. Barulhenta, poluída, tem alta densidade populacional e congestionamentos permanentes. Para compensar, é cercada pela cordilheira do Alborz, que funciona como uma moldura natural, amenizando seu aspecto caótico. Shiraz, capital da província de Fars e berço dos poetas Haféz e Saadi, aparece como um oásis no horizonte desértico. Esfahan, a cidade tida como a “metade do mundo”, ou “Esfahan nesfeh jahan”, segundo lenda da dinastia safávida, mas ainda perfeitamente aplicável nos dias de hoje graças às suas pontes sobre o rio Zâyandeh, que se estendem por quase 150 metros desdobrando-se em dezenas de arcos e pequenos pavilhões iluminados à noite. No meio do caminho, entre elas, tem muitas pedras milenares. Arcaicas. Numerosas como as miríades de espelhos e dos mosaicos que recobrem as cúpulas de suas mesquitas. Elas formam os pilares de mais de vinte metros de altura que em épocas remotas sustentavam o teto das cidades sagradas de Persépolis e Pasárgada, onde o poeta Manuel Bandeira tornou-se amigo do rei. Estão nas muralhas e torres do silêncio zoroastras próximas às tumbas dos soberanos aquemênidas Ciro, Dario e Xerxes, escavadas no alto da rocha bruta, em Naghsh-e Rostam.

Tudo isso faz parte da primeira seção deste livro, que traz uma série de informações sobre a história desse país tido como o berço da civilização. As páginas vêm temperadas com informações históricas e factuais, experiências vividas e impressões sobre os descendentes dos antigos persas colhidas em uma visita ao Irã em fins de 2008.

1. Que país é esse?

No hall de entrada do hotel em Teerã, a televisão mostra mulheres sempre cobertas da cabeça aos pés. Elas conversam em voz baixa e nunca tocam alguém do sexo oposto. Pouco adiante, a prateleira atrás da recepção enfileira bandeirinhas de todos os países, com exceção dos Estados Unidos. Sua antiga embaixada, que ocupava um quarteirão inteiro, traz, nos altos muros externos, pichações de “Yankees, go home”, e está fechada desde 1979, quando seus 53 funcionários foram mantidos reféns por 444 dias. Provoco o gerente do hotel apontando a falha, mas ele não perde o humor: “O povo norte-americano mora no nosso coração”, responde, levando as mãos ao peito para emprestar maior ênfase à fala.

Assim começava meu aprendizado sobre o jeito de ser iraniano. A aventura tivera início horas antes em Paris. Munida de um guia editado em francês, eu embarcara no voo 554 da Air France, um dos últimos a fazer a rota a Teerã. Numa inversão do ditado “ver para crer”, aceitei o convite de um festival de cine-documentário só para

averiguar, *in loco*, se minha paixão por essa terra distante tinha razão de ser. Uma atração que foi se agravando na medida direta do meu envolvimento com a saga de um refugiado iraniano acolhido no Brasil. Eu pesquisava a história do Irã e da Pérsia para narrar a fuga de Kurosh, nome fictício do meu personagem que protagonizou uma autêntica odisseia ao escapar das garras das milícias islâmicas, em plena guerra contra o Iraque, na década de 1980. A resposta a essa pergunta eu colheria mais de quinze dias depois. No momento, preparava-me para desembarcar num lugar desconhecido, com a esperança de conseguir o visto na chegada ao aeroporto.

A bordo, poucas mulheres, metade delas com os cabelos já cobertos. As demais passavam certo saudosismo da época de Reza Pahlevi, quando era possível seguir as tendências da moda e modos do “lado de cá”. Sentada, concentrava-me nas informações que recolhi na fase preparatória da viagem, na tentativa de compreender o processo histórico daquele país tão singular. Pois o Irã tem especificidades que eu apenas começava a destrinchar.

Herdeiro do grandioso Império Persa, conta com uma população de 70 milhões de habitantes e um território do tamanho do estado do Amazonas. Seu peso econômico, considerável, está ligado ao potencial energético (leia-se petróleo, gás e usinas nucleares) e possui uma importância crescente na conjuntura internacional. Também vale lembrar que, antes de os aiatolás chegarem ao comando em 1979, o Irã protagonizou um processo pioneiro com a revolução constitucionalista de 1906 e a nacionalização da indústria petrolífera implementada por Mohammed Mossaddegh em 1951. Ele pagaria um preço alto pela atitude. Devolver ao povo iraniano o que lhe pertencia custou seu mandato político. Um complô unindo Inglaterra e Estados Unidos desencadeou o golpe que derrubou o governo democrático de Mossaddegh e implantou a longa ditadura do xá Mohammed Reza. Eu tinha planos de visitar a cidade de Ahmad Abad, a sessenta quilômetros a oeste de Teerã, próxima a Karaj. Ali o ex-ministro viveu até sua morte, em 1967, numa residência espaçosa transformada em museu extraoficial tolerado pelas autoridades.

Mas, apesar do apoio “ocidental”, o xá acabaria derrubado por um movimento popular que se opunha à crescente secularização da sociedade e à forte corrupção acobertada pela Savak, sua temida polícia política. Foram tempos conturbados. Expulso em 1964, o aiatolá Khomeini exilara-se na Turquia e depois em Najaf, cidade santa xiita ao sul de Bagdá. Seus discursos eram reproduzidos e distribuídos clandestinamente. Greves paralisaram a administração pública, interrompendo a exportação do petróleo, base da economia. Afinal, em 16 de janeiro de 1979, o xá fugiu com a família real, possibilitando a volta de Khomeini. Os enfrentamentos entre a velha guarda imperial e as unidades do exército fiéis ao aiatolá intensificaram-se, mas na noite de 2 de abril proclamava-se a primeira república islâmica de que se tinha notícia.

O novo regime emergiu com o respaldo de todos os matizes ideológicos. Comunistas, democratas, liberais e os modestos *mollah* — camponeses que vinham engrossar o levante armados com paus e pedras —, muçulmanos sunitas e xiitas,

zoroastras, cristãos, judeus e mesmo ateus confessos uniam-se na empreitada política. Não havia um programa nessa revolução popular, apenas a perspectiva difusa de liberdade e democracia. Nada disso seria alcançado porque, após chegar ao poder, o governo endureceu o discurso. Escolas e universidades foram fechadas para adaptar os currículos à *sharia*, a lei islâmica que, entre outras coisas, obriga as mulheres a cobrir os cabelos em público. Assim, antes de pousarmos, avisam sobre as normas islâmicas, e todas se apressam em colocar um lenço e uma veste que desce até os joelhos por cima da calça comprida.

No saguão de entrada, dirijo-me ao setor indicado. Sou a única mulher no meio de 27 pessoas. Há homens do mundo inteiro à minha volta, todos ali a trabalho. Apresento a carta convite e explico que pretendo esticar minha estada para além da duração do festival. Pago uma taxa de cinquenta euros e vislumbro, por detrás do guichê, uma sala com imensos sofás pesados forrados de amarelo-ouro que, depois constataria, predominam na maioria das casas e repartições públicas. O aparelho de televisão estava ligado, embora ninguém assistisse. Lá dentro, os funcionários da alfândega gesticulam e conversam em voz alta como se fossem napolitanos. Não têm a nossa pressa ocidental, levam o tempo que Alá lhes deu. Aguardo na fila do visto por quase quarenta minutos. Sufoco debaixo do *hijab* de lãzinha que teima em escorregar para os ombros e da capa de chuva grossa improvisada como veste. O calor aumenta e, com ele, a vontade de arrancar tudo para me refrescar. Porém, como os demais estrangeiros ao meu lado, apenas suspiro resignada, sem reclamar. Afinal de contas, como já dizia Manuel Bandeira em seu famoso verso, aqui é outra civilização. Mais especificamente, o berço dela. Foi onde viveram brilhantes astrônomos e matemáticos, entre outros mestres da ciência, cujas descobertas espalharam-se quando os árabes islamizaram todo o Oriente Médio a partir dos anos 600 d.C. Poucos têm essa informação, mas foi lá que surgiu, por volta de 1000 a.C., a primeira religião monoteísta.

Fundada em épocas remotas por Zoroastro, mais conhecido como Zaratustra, o maseísmo influenciaria toda a tradição judaico-cristã. Seus cânticos, os *gâthâ*, estão registrados no *Avesta*, o livro sagrado dessa doutrina pré-islâmica, e alertam que, na eterna luta entre o Bem e o Mal, todos devem trabalhar para estabelecer a justiça na Terra. Definem que o homem é livre para julgar o melhor caminho a seguir, sendo seu fundamento ético baseado no discernimento individual.

O zoroastrismo foi uma das armas de Ciro, o rei aquemênida, na sua audaciosa campanha de construção do Império Persa, que arregimentou imensa quantidade de fiéis no decorrer dos séculos. Ele ensinou que é obrigação dos súditos tanto obedecer aos reis sábios quanto se insurgir contra as lideranças perversas. Os governantes são vistos como representantes de Deus na Terra, mas só são dignos de lealdade enquanto mantêm consigo a bênção divina obtida pelo comportamento moral. Para conseguir a graça, eles visitavam os templos onde queima perpetuamente o fogo sagrado, símbolo da constante vigilância contra a iniquidade.

Acesa há mais de 1.500 anos, a chama que estava em Yazd, tida como a segunda

cidade mais antiga do mundo, foi levada a Teerã há pelo menos um século. Numa rua agitada do centro, em frente a uma igreja armênia, encontra-se o templo Adrian, ou “lugar de fogo”. Pela porta sempre destrancada, entra-se em um pátio calçado, que dá acesso a uma construção no estilo grego, com colunas redondas e a fachada em triângulo, exibindo os símbolos do zoroastrismo, cujas figuras humanas lembram o Egito antigo. No meio, em uma câmara circundada por quarenta cadeiras onde se sentam os fiéis para rezar individualmente, no horário que lhes convier, a chama jamais extinta arde num pedaço de lenha.

Essa religião ancestral tem cerca de cem mil adeptos, da parcela que escapou à islamização. Uma de suas características semânticas é que falam um *farsi* “puro”, dispensando “arabismos”, como a saudação “salaam” (paz), por exemplo, substituída pela palavra *farsi* “dorud” (olá). Além de roupas limpas, para entrar em um templo zoroastra é preciso lavar as mãos e colocar uma touca, pois a pureza é um dos seus valores centrais, assim como para os muçulmanos que fazem a ablução e tiram os sapatos antes de orar na mesquita. Tanto que os mortos não devem entrar em contato direto com o fogo ou a terra, elementos sagrados. Por isso, colocavam-se os corpos no alto das torres do silêncio para serem devorados pelos abutres sem contaminar o solo. De formato circular, as Dakhmas erguiam-se sobre colinas longe das áreas urbanas. Depois de descarnados, os ossos eram empurrados para dentro da torre pelos sacerdotes. Nos anos recentes, por questões de higiene e saúde pública, passaram a usar caixões com blindagem de chumbo. Ainda hoje os masdeístas, assim chamados em referência a Ahura Mazda, seu Deus, integram uma parcela ínfima de 0,07% da população, mas são respeitados dentro do Irã, ao contrário dos *baha'is*, ferozmente perseguidos.

Estes últimos são adeptos de Bahá'u'lláh, título de Mirzá Husayn Ali (1817-1892), que buscou, segundo alguns teóricos, responder aos anseios de parte da burguesia esclarecida disposta a abraçar uma religião menos opressiva do que o islamismo então vigente. Foi entusiasticamente apoiada pelos britânicos que enxergaram, nessa ruptura, uma oportunidade de ouro para levar a cabo sua tradicional estratégia de “dividir para melhor dominar”.

Em comum com o islã, mantém a recomendação do jejum anual aos maiores de quinze anos e o banimento do consumo de bebidas alcoólicas, mas não possui dogmas, rituais, clero nem sacerdotício. Prega direitos iguais entre homens e mulheres, a paz mundial e uma comunidade baseada na justiça social. Com aproximadamente sete milhões de adeptos, sendo quase 400 mil no Irã, tem sede na cidade israelense de Haifa, então Palestina, onde seu fundador foi exilado no passado. Considerado pela unesco como um “local histórico protegido”, o jardim do santuário Baha'i, que ocupa toda uma montanha, é visitado por mais de meio milhão de pessoas a cada ano. Uma das precursoras da luta pela liberdade das mulheres foi Tehere (a Pura), também conhecida como Quarratu'l-Ayn. Dona de uma beleza combinada à rara erudição e eloquência, há mais de 150 anos, na antiga Pérsia, retirou o véu e foi às ruas difundir as ideias do profeta Bahá'u'lláh. Pela transgressão, acabou presa em 1852, com outros *baha'is*, e

executada no mesmo ano.

Os cerca de 150 mil cristãos, a maioria dos quais armênios, os assírios caldeus, vindos da região hoje conhecida como Iraque, além dos 25 mil judeus, têm representantes na Assembleia, que, no entanto, os impede de ocupar cargos mais relevantes na hierarquia burocrática. Dos cursos universitários, tanto os judeus quanto os *baha'is* estão definitivamente banidos. Para contornar o problema, a comunidade organiza aulas nas residências dos professores.

Também o sufismo, corrente mística e contemplativa do islã, nascida no Oriente Médio no século VIII, tampouco é tolerado pelo regime. Conhecidos como sufis ou sufistas, seus praticantes procuram uma relação direta com Deus por meio de cânticos, música e danças. Têm como pregadores os dervixes, monges muçulmanos que adotam uma vida nômade de abnegação, fazendo votos de pobreza, humildade e castidade. Com esses pensamentos, pego de volta meu passaporte com o visto estendido sem problema. As letras, em *farsi*, nem procuro compreender. No lugar dos nossos familiares um, dois, três, vejo traços, um coração de cabeça para baixo e um pontinho minúsculo que deduzo tratar-se do zero. Com o tempo, aprendo a decifrar os números e, como uma criança recém-alfabetizada, disputo com um colega quem lê mais rápido as placas dos carros.

Cabe explicar que o idioma do Irã, que foi rebatizado em 1935 e cujo atual nome significa “terra onde moram os arianos”, tem origem indo-europeia. Era falado na província de Fars, de onde deriva o nome da língua. Antes, chamava-se Pars, mas como não existe este som no árabe, foi mudado para a letra “P”. Até o século VII, o alfabeto era uma variante do assírio. A partir da dominação árabe, assumiram o alfabeto dos invasores, com ligeiras modificações. Assim, o persa adota a quase totalidade das letras árabes, às quais acrescentou mais algumas. As palavras emprestadas conservam sua ortografia original, porém com pronúncia diferente. Dialeto locais, bem como o curdo, o árabe e o turco são também falados.

Lá fora me aguardava uma das monitoras do festival, com calça jeans apertada por debaixo da veste escura. Os olhos negros de sobrancelhas bem delineadas brilham atrás do lenço que esconde parte dos cabelos, o pescoço e o colo. Logo eu descobriria que elas fazem de tudo para parecerem modernas e atualizadas dentro das rígidas normas islâmicas. Não é à toa que uma gritante porcentagem de plástica no nariz ocorra neste trecho do globo terrestre. Sem o recurso de ombros, barriga, pernas ou braços à mostra, precisam conquistar o sexo oposto pela expressão do rosto. Como são bonitas! E os homens não ficam para trás.

A simpatia acompanha a beleza física. No meu contato inicial com aquela terra longínqua, eu aprenderia as regras básicas da hospitalidade iraniana. Todos se desdobram para atendê-lo, fazendo com que você se sinta especial o tempo todo sem precisar ser amigo do rei. Bons auspícios para minha aventura que apenas se iniciava. Não foi de surpreender quando, diante da minha manifesta curiosidade, no caminho para o centro fizemos um pequeno *tour* para ver dois monumentos no trajeto. Passamos pelo

mausoléu de Khomeini, um complexo de mesquitas e locais sagrados em permanente construção que ultrapassa em tamanho a maioria dos santuários ao redor do planeta. Ostenta quatro minaretes brilhando no céu poluído dos arredores de Teerã, simbolizando os quatro filhos do imã. Cada um deles mede 91 metros de altura, numa referência à idade de Khomeini quando morreu. No interior descobrimos uma sala de cem metros de comprimento, sobriamente decorada com dâlias de mármore e recoberta por tapetes. Ao centro, fica o túmulo cercado de grades. A grandiosidade do projeto, que impacta até o menos fervoroso dos turistas, recebeu novas salas de reunião, bibliotecas religiosas e até uma linha especial de metrô para comemorar, em 2009, o trigésimo aniversário da Revolução Islâmica.

Em seguida, vimos o Shâhyâde, que significa algo como “em lembrança do xá”, imponente arco do triunfo erguido por Reza Pahlevi para os 2.500 anos do Império Persa. Rebatizado Azadi, ou Praça da Liberdade, seria palco de todos os eventos do governo islâmico e também das manifestações contra o regime. Apenas admiro o monumento. Com 45 metros de altura, saiu da prancheta do então jovem arquiteto *baha'i*, Hossein Amanat, sendo concluído em 1971. Assentado sobre quatro pés em forma de cone, vai mudando de tonalidade conforme os refletores projetam luzes arroxeadas ou esverdeadas sobre a superfície branca da pedra. Ainda não tinha me dado conta, mas logo descobriria o quanto os iranianos apreciam o jogo de cores, dando à maioria dos marcos arquitetônicos um toque ligeiramente *kitsch*.

Essa seria, aliás, uma sensação que permaneceria ao longo da minha estada. Um *naïf*, que em muitos aspectos evoca o realismo soviético, perpassa o dia a dia desse país ainda bastante isolado. Dos cartazes de cinema aos anúncios luminosos nos prédios e nas fachadas das lojas, da frota de automóveis antiquada à decoração do interior de espaços públicos e residências, tudo remete aos anos 1950, com aquele traço deliciosamente ingênuo dos reclames do passado. A simpatia contagiante das pessoas também parece fora de moda nestes tempos de hedonismo pós-moderno. A pressa exacerbada ditada pelo ritmo alucinante da produtividade exigida de nós, ocidentais, não assolou tanto o Irã. Por isso, eles estão atentos e sempre dispostos a nos ouvir, ajudar, trocar ideias ou simplesmente bater papo.

O isolamento do Irã se reflete ainda na ausência de cartão de crédito. É preciso levar dinheiro vivo, dólares ou euros, pois as maquininhas tão práticas que transacionam o dinheiro de plástico estão aposentadas desde a Revolução Islâmica. O mesmo ocorre com as ligações internacionais. A cobrar, impossível. Chamada direta também demanda enorme paciência. Internet banda larga só nos hotéis e centros de convenção. Nas residências, ainda persiste a conexão discada, que cai a cada tentativa de contato com o exterior. Assim o regime se resguarda por mais alguns anos das influências importadas, embora a tentativa esteja longe de ser eficaz. Basta dizer que o Twitter e o Facebook, ambos proibidos, contavam, em fins de 2009, com 1,4 milhão de usuários e 800 mil contas ativas, respectivamente. Para se ter uma noção do que isso significa, é só comparar com a China, onde ambos são igualmente bloqueados. Lá o Twitter tem 409 mil perfis e

os do Facebook despencaram para 14 mil, numa população vinte vezes maior do que a do Irã. Aliás, nesta rede social, tenho amigos e amigas que vivem em Teerã. Nas fotos, uma delas aparece de *hijab* e as outras, de cabelos soltos.

Mas de um jeito ou de outro, para quem vem de longe, tais inconveniências têm suas vantagens. O Irã ainda não foi invadido pelas hordas predatórias de turistas. É possível caminhar pelos bazares e ruínas milenares sem aquela sensação desagradável de uma visita à Disneylândia. Pelo contrário, o visitante vai sentir-se como um desbravador pisando território virgem na mais absoluta segurança. Em plena era da globalização, quando encontramos McDonald's nos mais remotos pontos do globo, isso não tem preço e vale a pena ser experimentado antes que acabe. O lado ruim é que os restaurantes servem invariavelmente a mesma comida: arroz com açafrão, tomate e cebola cozidos, além dos espetinhos de frango e de carneiro. Uma delícia que às vezes cansa, embora haja a opção do *fast food* em forma de *kebab*. Isso tudo regado a Coca-Cola. Não adianta sonhar com uma bela taça de vinho e muito menos com uma vodca, pois a bebida alcoólica está banida no país, que segue uma interpretação bastante rígida do *Alcorão*.

Revelação divina

Etimologicamente, *Alcorão* ou *Alquraan* é uma palavra composta do artigo definido invariável “Al” mais o infinitivo substantivado “Quraan”, do verbo “qara’a”, que significa “ler”. *Alcorão* é a leitura no sentido mais amplo do termo, denotando a índole cultural do islamismo. Para saber de onde veio, é preciso voltar ao profeta Mohammed, que nasceu por volta de 570 d.C. na tribo dos coraixitas, pertencente ao clã de Hachim. Órfão pobre, foi educado por um tio. Já casado com Khadija, mulher cuja rica caravana ele conduzia por sua fama de honesto e hábil mercador, entre 609 e 610 d.C. Mohammed recebe a visita do arcanjo Gabriel, que revela sua missão profética. Três anos mais tarde, começa a pregação e, na medida em que lhe chegavam os versículos, ele os transmitia de imediato e oralmente a um grupo de seguidores letrados. Estes os anotavam sobre omoplatas de animais, pergaminhos ou pedras. Por isso, o *Alcorão* é tido como o único livro divino até então registrado no instante da revelação.

Poético, o *Alcorão* traz uma série de ensinamentos e respeita as demais religiões. Neste sentido, a sura 136 diz: “Cremos em Alá e no que foi revelado para nós, e no que fora revelado para Abraão e Ismael e Isaac e Jacó e para as tribos; e no que fora concedido a Moisés e a Jesus, e no que fora concedido aos profetas, por seu Senhor. Não fazemos distinção entre nenhum deles. E, para Ele, somos muçulmanos”.

O problema, portanto, é a interpretação que alguns governantes dão às

suras com o objetivo específico de manipular as massas e oprimir os dissidentes. Seu uso político em favor de determinadas causas assemelha-se aos papas da Igreja católica no passado, que pescavam trechos dos sermões de Cristo para justificar os massacres e a tortura contra os seguidores de outros credos.

Como é sabido, no Irã a esmagadora maioria professa o islamismo xiita, assentado em um substrato zoroástrico da civilização persa, sempre sintonizada com a lógica e a sabedoria em detrimento do obscurantismo. Tal sincretismo, por assim dizer, torna o xiismo iraniano uma síntese bem curiosa. E o fato de Maomé ter sido um mercador ainda explica por que pelas ruelas dos bazares de qualquer cidade iraniana sempre há uma ou mais passagens diretas para o pátio das mesquitas locais, em uma vívida imbricação entre fé e comércio.

Pode-se escolher entre desintoxicar o organismo ou apelar ao mercado negro. Isso não é difícil, basta um ou dois telefonemas. Tanto que, ao se reunirem periodicamente na casa de alguém para discutir política e, claro, falar mal do governo, grupos de iranianos costumam comprar garrafas de vinho a preços proibitivos para “enfeitar” a mesa. Assim, se acabarem delatados e descobertos, serão presos por consumo de álcool, recebendo uma pena mais branda do que se fossem acusados de conspiração contra o Estado. Mas não convém bancar o esperto escondendo uma garrafa de cachaça entre as roupas. À saída do aeroporto, as malas passam pela esteira de raios X para pegar os incautos.

Conformada com a abstinência compulsória, resta encarar com bom humor as alternativas disponíveis. Há refrigerantes, além da principal bebida nativa, o *dugh*, refresco gasoso de leite fermentado por iogurte natural, servido com folhas secas de hortelã trituradas, que não agrada ao paladar tupiniquim. É encontrado em qualquer esquina, com outros produtos de primeira necessidade. Mas quem pretende conhecer um hipermercado para ter noção do estilo de vida dos habitantes, vai descobrir que eles não existem no Irã. Ainda estamos nos tempos das vendinhas de esquina, simpáticas e acolhedoras no seu acanhado modo de ser, com prateleiras forradas de tecido, pequena oferta de produtos e apenas um ou dois atendentes para receber o dinheiro e empacotar as compras em sacolas de papel tipo *craft*. Em compensação, há os irresistíveis bazares, outra verdadeira instituição nacional.

Apesar da chegada dos centros comerciais mais modernos, eles persistem, sempre influentes e atuantes. Segundo o antropólogo norte-americano Clifford Geertz, a economia de bazar na verdade centra-se num modelo específico de trocas, que traz embutidos valores simbólicos e modelos comportamentais muito próprios. Nesse sentido, os chamados *sufs* não são apenas áreas de intercâmbio comercial aparentemente caóticas e desorganizadas, mas espaços privilegiados de troca de informações, de construção de identidades e socialização. Se quisermos desdobrar a teoria, eu arriscaria

colocar a instituição “bazar” como o contraponto saudável ao nosso “supermercado”, com sua lógica impessoal, racionalista, asséptica e um tanto desumana, onde o consumidor pode fazer todas as compras do mês sem trocar palavra com ninguém nem interagir com o meio. Por isso, perder-se nos bazares é essencial, pois eles trazem uma das chaves para melhor entendermos a cultura iraniana.

Outro desafio para os ditos “ocidentais”, sobretudo as mulheres, é encarar o banheiro turco, com um simples buraco no chão. Tente usá-lo meio agachada, segurando a barra da calça, a veste que vai por cima, a câmera fotográfica e o véu que cisma em cair para a frente, arrastando-se pelo chão respingado... E note que, em lugar de papel higiênico, há uma ducha para a higiene pessoal. Não me perguntem com o que elas se enxugam. De minha parte, aprendi a manter lenços de papel na bolsa. Ninguém terá problema em refazer o estoque, o produto é uma verdadeira mania nacional. No quarto de hotel, onde existe o vaso sanitário convencional, no console dos carros e na mesa dos restaurantes eles são onipresentes e fazem as vezes do guardanapo, mercadoria inexistente no país.

2. Contradições

Menos de meia hora. Isto foi o quanto Inka, uma documentarista australiana, conseguiu suportar antes de adquirir uma veste vermelha, que usaria ao longo de todo o festival. Desavisada, ela saiu às ruas com um blusão largo e comprido sobre a calça jeans, achando-se adequadamente vestida. Doce ilusão. Os homens não a deixavam em paz, e as mulheres soltavam risinhos maldosos, apontando para ela como se fosse um et. Ao cabo de 27 minutos, pedi a alguém a indicação de uma loja da qual saiu com uma espécie de paletó de algodão fino que, como num passe de mágica, tornou-a quase invisível aos olhos críticos da multidão.

Comigo aconteceu algo parecido, mas por razões diversas. Como sufocava de calor dentro da capa de chuva tipo Burberry, com a ajuda de uma das monitoras fui às compras. O aspecto retrô das vitrines, com manequins semelhantes a bonecos de cera em roupas monótonas, lembrava uma cidadezinha do interior da infância. Nas prateleiras ou pendurados em “araras”, os vestidos descendo abaixo dos joelhos multiplicavam-se na estreita zona de criatividade exercível neste controlado mundinho da moda. Escolho um azul-turquesa de malha fresca, pago o equivalente a doze dólares e saio de lá paramentada e pronta para enfrentar as altas temperaturas que em fins de outubro já deveriam ter caído. Até um país distante da agenda globalizada não escapa do aquecimento que vem alterando climas e humores ao redor do planeta. Tampouco consigo reprimir a surpresa quando vejo a etiqueta da rede Zara na minha roupa nova. Descubro que, assim como tantos outros donos de grifes, os espanhóis produzem mercadorias voltadas para os gostos e necessidades deste povo. Da mesma forma, a Coca-Cola é bem menos doce do que a fabricada no Brasil, já que no Irã as sobremesas não passam de gelatinas sem sabor e com pouquíssimo açúcar.

Acreditava, no começo, que encontraria resistência ou oposição pacífica ao uso compulsório do véu. Afinal de contas, as denúncias sobre a opressão feminina ecoam desde que Shirin Ebadi, ativista dos direitos da mulher, ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 2003. Mas ninguém ousa descobrir os cabelos em público e logo se apressam para chamar sua atenção quando o lenço escorrega além do permitido, uma tênue linha indefinida, que depende do lugar, da hora e das pessoas envolvidas. Confesso que não foi fácil me acostumar ao adereço, principalmente naquele calor desértico. Troquei o xale de lã por uma echarpe leve, mas só consegui relaxar quando aderi ao costume local e comprei no bazar um véu fechado, que se enfia na cabeça, deixando apenas o rosto à mostra. De tecido bem fino, não escorrega a cada virada repentina. Também coloquei um chador preto que desce aos pés para fazer fotos em meio às ruínas de Persépolis. Em Roma, faça como os romanos, diz o ditado popular.

Tudo muito pitoresco, não fosse o descontentamento da parcela de mulheres que não concorda com seu uso, mas não ousa desafiar a lei para evitar interrogatórios e exaustivos sermões. Em geral, quando detidas por equipes da polícia devido às roupas “inapropriadas”, acabam soltas depois que um homem da família vai à delegacia e se compromete em fazê-las usar o vestuário exigido.

Prova disso é que, na espécie de cantina armada para o almoço dos convidados para o festival de cinema, e onde predominavam estrangeiros, de repente retirei o adereço para rearranjar os cabelos sem pressa. Era como se eu estivesse protagonizando um striptease em cima da mesa do bar. “Você nunca deve fazer isso!”, alertou Bani, uma das monitoras, no mais puro estado de choque. O mesmo pânico tomaria conta de algumas mulheres quando, dali a alguns dias, entramos numa cidade vizinha. Como havíamos alugado uma van com motorista, fizemos o percurso sem o hijab. Mas, ao entrarmos na área urbana, de trânsito lento e semáforos que nos obrigavam a parar no vermelho, sentimos que as ocupantes dos outros veículos nos olhavam horrorizadas através das janelas. Após muitas buzinas, mímicas e caretas, percebemos que nos alertavam sobre o perigo de termos esquecido os lenços, resignadamente recolocados para evitar o risco de sermos interpeladas por algum policial. Nota-se aí um curioso processo dialético, pois foi na Revolução Islâmica que se multiplicaram os cursos universitários. Ou seja, se em trinta anos a população dobrou, os cursos superiores subiram numa proporção incalculável. Assim, é justamente a parcela que teve acesso ao ensino universitário, à internet e a outros recursos tecnológicos proporcionados pela modernização que viria, ao longo do tempo, questionar o regime teocrático, cerceador das liberdades individuais.

O clima de medo ficou evidente em outras ocasiões. Primeiro, na recepção na embaixada da Polônia, em que nos foi possível retirar o véu e examinar, com curiosidade, o comprimento e as cores dos cabelos umas das outras. O que seria um momento de descontração e alívio quase terminou em confusão. Ao sermos informadas de que as monitoras seriam obrigadas a mantê-los, ensaiamos um ato de protesto, sugerindo a todas as estrangeiras que recolocassem os lenços na cabeça em solidariedade

às meninas. “Por favor, não façam isso, vão nos criar sérios problemas”, pediram, em tom de súplica, empalidecidas ao saberem do nosso intento. E assim morreu a incipiente rebeldia, ceifada no nascedouro, embora o mal-estar tenha permanecido pelo restante da jornada.

O limite rarefeito entre o que é ou não permitido trouxe algumas consequências desagradáveis. Uma cineasta franco-marroquina foi parada pela polícia de costumes, que zela pelo bom comportamento nas ruas. Os homens não acreditavam que se tratava de uma estrangeira devido ao semblante moreno. E como estava sem o passaporte, que ficara no hotel, gastou quase uma hora para convencê-los sobre sua nacionalidade. Não havia nada de reprovável nas suas roupas de matrona e no jeito de andar, ao contrário de algumas meninas exageradamente maquiadas às oito horas da manhã. Estas não parecem ser incomodadas, revelando-se aí as fissuras de um regime autoritário que outorga decisões e comando a quem detém um micropoder. As medidas arbitrárias decorrem da falta de cidadania e da noção de que não há direitos automaticamente garantidos como em um regime laico. Em mais de uma ocasião deparei com a violência explícita que amedronta mulheres e apavora os jovens. Quando pegos dentro de um carro sozinhos, por exemplo, os namorados passam por humilhações e podem parar na delegacia. Mãos dadas, só com certidão de casamento no bolso. Outra imagem que não me saiu da memória ocorreu perto do Grande Bazar de Teerã, que vende um pouco de tudo, de tapetes a eletrodomésticos, de especiarias a roupas de cama e banho.

Saía de um almoço no complexo de palácios do Golestân, erigidos na época *qâdjâr* e decorados pelo xá Reza nos moldes dos similares europeus que o encantavam, quando vi uma fileira de rapazes amarrados com uma corda uns aos outros pelos tornozelos. Conduzidos por policiais uniformizados, olhavam à volta com o ar delinquente de quem não tem mais nada a perder. Naquela mesma noite li, num site na internet, que o Irã acabara de assinar um acordo internacional comprometendo-se a não executar menores de dezoito anos. Mas, segundo informações da Anistia Internacional, desde 1990 o Irã executou 42, sendo oito deles em 2008 e um em 21 de janeiro de 2009. Note-se que a maioria legal é de nove anos para as meninas e de quinze para os meninos.

Apesar das perseguições e da falta de liberdades sob o regime teocrático há trinta anos no poder, é no Irã que se encontra o Cilindro de Ciro, anterior à Magna Carta em mais de um milênio. O bravo conquistador deixou como legado um decreto registrado num cilindro de barro, autorizando os povos exilados a retornarem às suas terras de origem assim que tomou a Babilônia, uma conquista tida como “rápida e sem batalha”. O “documento” defende a liberdade religiosa e étnica, o fim da escravidão e de qualquer forma de opressão. O original integra o acervo do British Museum, de Londres, e há uma réplica na sede das Nações Unidas, em Nova York, para enfatizar a importância do que é considerado o primeiro tratado de direitos humanos da história, revelando a tolerância religiosa pregada por Ciro, que declarava em seu reinado:

O Senhor, Deus dos céus, me deu todos os reinos da Terra e me encarregou

de lhe edificar uma casa em Jerusalém de Judá. Quem dentre vós é, de todo o seu povo, seja seu Deus com ele, e suba a Jerusalém de Judá e edifique a Casa do Senhor, Deus de Israel; ele é o Deus que habita em Jerusalém. Todo aquele que restar em alguns lugares em que habita, os homens desse lugar o ajudarão com prata, ouro, bens e gado, afóra as dádivas voluntárias para a Casa de Deus, a qual está em Jerusalém.

As contradições ficam visíveis a cada minuto. Nos ônibus, as mulheres ocupam os assentos de trás, e os homens, os da frente; mas nos táxis coletivos, em que se divide a viagem com outras pessoas de destinos semelhantes, todos e todas se espremem na maior promiscuidade durante o trajeto. Há alguns anos circulam táxis conduzidos por motoristas do sexo feminino e exclusivos para mulheres. E como não há taxímetro, o preço deve ser discutido antes, mas em geral as viagens são baratas, e as corridas custam, em média, não mais do que seis dólares por uma distância média.

Agora, muita atenção ao atravessar a rua para evitar acidente. As motocicletas, com seus condutores sem capacete, traçam zigue-zagues estonteantes. Não procure correr delas, dançando para lá e para cá no meio da pista. Em vez disso, finque o pé, olhe reto para o outro lado da calçada e cruze a avenida. Elas irão desviar e, com sorte, não atropelam ninguém. Ao mesmo tempo os automóveis, que quase nunca buzinaem, tudo podem. Não existem regras claras nem respeito ao sinal vermelho, amarelo ou verde, cuja função não consegui compreender até o final da minha estada. As conversões no meio da autopista, ultrapassagens pela direita, paradas no meio da estrada e outros abusos indescritíveis tornam São Paulo um modelo suíço de bom comportamento ao volante. Sabe aquela lei da física que afirma que dois corpos não ocupam o mesmo espaço ao mesmo tempo? Pois ela foi abolida no Irã, onde todos os carros avançam em movimentos sincronizados na mesma direção. Experimentei fortes emoções ao trafegar pelas vias carregadas e poluídas, com poucos guardas multando os veículos sem *air bag* e com o cinto de segurança não raro cortado fora por falta de uso.

Capitalismo de monopólio

Fundada em 1962 pelos membros da família Khayami, e originalmente denominada Irã Nacional, a Iran Khodro é a maior empresa automobilística do Oriente Médio. Dos seus títulos de propriedade, 40% pertencem ao governo; com a Sapia, configura um monopólio sobre o setor, com 55% e 35% do mercado, respectivamente. Com a abertura às importações, a Khodro firmou acordos de parceria com diversas sociedades estrangeiras interessadas na expansão do mercado iraniano, responsável pela venda de 700 mil carros em 2004, 1,1 milhão em 2006 e 1,5 milhão em 2008, mais do que a Itália, por exemplo. Além de exportar para a Argélia, Egito, Arábia Saudita, Turquia, Armênia, Bulgária e Rússia, a empresa aproveitou a onda do

surgimento de bancos privados neste início de milênio para fundar seu próprio estabelecimento financeiro. É dona de nada menos do que 30% do Parsian, o banco privado mais importante do Irã, de acordo com Ramine Mohamed-Nejad, em artigo publicado no *Le Monde Diplomatique Brasil* em junho de 2009.

Para escapar do caos, a parcela endinheirada refugia-se aos pés do Alborz, visível com seus picos nevados em alguns pontos da metrópole. Lá de cima, pode-se ter uma vista da cidade abaixo. Ela carece de charme, de certa forma lembrando La Paz, na Bolívia, pelos tons monocromáticos da cordilheira ressequida e sem vegetação. Os prédios residenciais da burguesia emergente são erguidos num estilo neoclássico pesado e quase dramático, com enfeites e uma profusão de materiais que os tornam ainda mais deslocados e fora de contexto do que os similares brasileiros.

Por outro lado, favelas não existem: os pobres moram precária, mas decentemente em prédios e casas humildes. Tampouco há crianças ou velhos mendigando pelas ruas e, muito menos, guardadores de carros. Trabalho e firmeza de caráter fazem parte do cardápio de uma sociedade religiosa e policialesca. Tive mais de um exemplo da honestidade a qualquer custo. Esquecida no museu, a máquina fotográfica é devolvida no dia seguinte no hotel, com aquele gesto característico e tão gentil de palmas das mãos voltadas para cima no ato de entregar algum objeto. A bolsa a tiracolo recheada de papel-moeda não corre o risco de ser roubada, numa gostosa e inusitada sensação de bem-estar e segurança bastante raros nos dias atuais.

Como a gasolina é relativamente barata, o número de veículos cresce sem parar. As estradas parecem um tapete, mas não se anime: os ônibus param a cada hora para os passageiros fumarem, irem ao banheiro ou fazerem compras. Ninguém tem pressa em chegar a lugar algum. Por isso, uma viagem de Esfahân a Shiraz, sem uma única curva, levaria cinco horas, mas dura nada menos do que oito. É preciso ter esse dado em mente antes de embarcar. Se puder, opte pelos aviões. Por uma dessas lógicas ininteligíveis ao capitalismo, uma passagem de ônibus de qualquer ponto para outra cidade sai por cinco dólares. Via aérea custa quarenta, seja para onde for. E não se deve confiar nas agências de viagem, que jamais conseguem uma reserva com menos de quinze dias de antecedência. É recomendável ir direto ao aeroporto e comprar no balcão, sempre tem uma poltrona ociosa nos aviões. Mas não é aconselhável abusar da sorte no caso de uma conexão: alguns voos podem atrasar mais de quatro horas sem nenhum motivo aparente.

No hotel, o café da manhã não varia, seja qual for o número de estrelas. Nada de frutas como papaia e melão — só uva, banana e maçã. Lá estarão ovos com salsicha de frango, bolos, iogurte, queijo artesanal e presunto. Café expresso, nem pensar. Servem chá preto e nescafé. Adoçante, pão francês ou preto são inexistentes. O pão é do tipo sírio, mais leve e maior, feito nas padarias espalhadas pelos bairros, e nas quais se pode ver o processo da feitura desses *nune sangak*. De avental branco e mãos ligeiramente

trêmulas devido ao calor constante que enfrentam todos os dias, os padeiros pressionam a massa antes de colocá-la direto sobre pequenas pedras incandescentes no forno de tijolos. Com isso, provocam minúsculas bolhas, tornando ainda mais crocantes os pães, retirados após alguns minutos com uma pá de madeira.

Engraçada é a música do elevador, que dispara no instante em que se aperta o botão do andar. O modo sexy como a gravação pronuncia a palavra “lobby” ficará para sempre guardado na memória de quem passou pela terra dos aiatolás — como são conhecidos, sob as leis do islã xiita, os mais altos dignatários na hierarquia religiosa.

A sensação de volta ao passado permanece. Os carros são velhos, o *layout* geral é antiquado e o gosto, duvidoso para nossos padrões ocidentais de consumo continuamente exacerbado pela criatividade dos publicitários. O Irã é mesmo outra civilização. Pelas paredes externas dos edifícios, *outdoors* que dariam arrepios a uma agência de fundo de quintal anunciam bancos, filmes e empreendimentos imobiliários. Efigies dos soldados que tombaram na guerra Irã-Iraque, que durou dez anos, a partir de 1982, homenageiam os mártires imolados no conflito. Grafites contra o imperialismo norte-americano e europeu, palavras de ordem conclamando os cidadãos a lutar contra a nefasta águia de garras afiadas, símbolo dos Estados Unidos e da suposta decadência “ocidental”, somam-se a outros clichês deliciosamente saudosos, que também remetem à Cuba de Fidel Castro.

As fotos dos aiatolás Khomeini e Khamenei marcam presença em toda loja, cinema, hotel, sala de museu ou teatro. Os suportes variam, mas suas figuras presidem sobre a população que escuta um trecho do hino nacional e algumas suras do *Alcorão* em forma de cânticos, obrigatoriamente, antes de qualquer cerimônia oficial. E os discursos começam sempre com os dizeres: “Be name Khoda”, em nome de Deus...

3. Apesar da censura...

O cinema no Irã merece um capítulo à parte. A produção de filmes surpreende em quantidade e qualidade. Apesar das inúmeras instâncias de aprovação da censura prévia que um roteirista tem de enfrentar, o cinema iraniano ganha espaço e admiradores ao redor do planeta. Abbas Kiarostami, Jafar Panahi, Bahman Ghobadi, Mohsen e a filha, Samira Makhmalbaf, são alguns diretores consagrados no exterior, veiculando aquele típico olhar ligeiramente ingênuo, perpassado de simbolismo e poesia até no trato dos assuntos mais violentos. Esse registro tão característico não é um capricho dos diretores, mas uma forma de manter a produção viva e dinâmica driblando o regime autoritário que cerceia a liberdade dos realizadores.

Para desenvolver-se nessa verdadeira camisa de força, o cinema iraniano conta com uma longa tradição. A imagem em movimento chegou muito cedo por ali. Na passagem do século XIX para o XX, Mirza Ebrahim Khan Akkas Bashi, fotógrafo oficial do soberano persa entre 1896 e 1907, filmou a visita do xá à Europa e cerimônias particulares com uma câmera adquirida em Paris, mas todo o material se perdeu. Em

1904, Mirza Ebrahim Sahhabashi abriria uma sala de projeção na capital que, até os anos 1930, não contaria com mais de quinze cinemas, além de outros onze espalhados pelas várias províncias. Ainda em 1925, um iraniano de origem armênia fundou a primeira escola de cinema no país. Somente em 1932 apareceria um filme falado. Seu autor, Abdolhossein Sepanta, depois filmaria a história de Ferdoussi, que escreveu o *Livro dos reis*, o celebrado épico persa. Mas a indústria cinematográfica iraniana deve-se a Esmail Koushan e Farrokh Ghaffari, que também estabeleceram as bases para o cinema alternativo. Ao longo da década de 1960, foram realizados 65 filmes, a maioria dos quais melodramas e *thrillers*, incluindo *A noiva do mar*, *Casa de Deus* e *O marido de Aho* *Khanom*, entre outros.

Apesar da produção alternativa, a guinada iraniana para filmes de inspiração hollywoodiana fez com que o cinema fosse identificado como símbolo da dominação norte-americana e do xá. Por isso, em 1979, muitas das trezentas salas de cinema tiveram o mesmo fim dos bancos e cafês, sendo depredadas ou queimadas. Nesta fase o aiatolá Khomeini, atento às necessidades de sustentar o novo regime lançando mão de todas as ferramentas disponíveis, salvou as restantes para usar a seu favor, fazendo propaganda do governo. O custo foi alto, com a imposição de linhas estéticas e ideológicas para a fundação de um cinema “islamicamente correto”.

Assim, em poucos meses, a teocracia baixou uma série de regras não escritas. O casamento e a família devem ser respeitados, ao passo que o espectador não pode jamais simpatizar com um criminoso ou alguém que tenha pecado. Na tela, o tráfico de drogas não aparece, o adultério não deve ser evocado, a blasfêmia e os gestos sugestivos estão fora da lei. Os sexos opostos não podem se tocar, os temas tidos como vulgares ou desagradáveis têm de ser evitados e os religiosos não serão mostrados como personagens cômicos ou desonestos. Enfim, um corolário de restrições que não se limitam apenas ao roteiro, mas abrangem a organização inteira das filmagens, determinando, inclusive, maquiadores separados para homens e mulheres, para garantir a ausência de contato físico ilícito.

Transformando-se em importante produto de exportação após o sucesso além das fronteiras de *O comedor*, o cinema ganharia suporte oficial. Premiado em todos os festivais internacionais à época, o filme de Amir Nadent, rodado em 1985, abriu caminho no exterior para as produções que passaram a contar com subvenção e apoio do Estado, numa tentativa de divulgar a República Islâmica. A contradição chega a tal ponto que certos filmes proibidos internamente são autorizados para exibição no exterior. Nessa etapa inicial, realizavam-se quase setenta filmes a cada ano, num processo de ascensão que culminaria com a Palma de Ouro outorgada em 1997 em Cannes a Abbas Kiarostami por *O gosto da cereja*. A presença contínua de filmes iranianos nos mais prestigiados festivais como o de Veneza e o de Berlim garantiu seu lugar no cenário internacional. O próximo passo foi o reconhecimento, pelas autoridades, do cinema étnico como o do Curdistão, por exemplo, o que propiciou a emergência de cineastas como Bahman Ghobadi, logo seguido pelo restante da família.

Para garantir o controle, em 1996 o executivo baixou uma normatização oficial. Intitulada *Princípios e Procedimentos do Cinema Iraniano*, traz, entre suas dezesesseis cláusulas, impedimentos à inclusão de músicas que evoquem alegria e prazer, bem como qualquer insulto aos princípios islâmicos ou à suprema jurisprudência da qual o aiatolá está investido — o *velayat-e faghig*. Assim mesmo os números impressionam. Com um investimento anual superior a 1,5 bilhão de dólares, o Irã lança cerca de cem longas de ficção e mais de mil curtas-metragens, o que o coloca entre os dez maiores produtores mundiais. As escolas de cinema estão presentes em 52 cidades, mas há deficiências a serem corrigidas: “Além de ter apenas 400 salas de projeção para 70 milhões de habitantes, há falta de equilíbrio entre a quantidade de filmes de arte e comerciais”, afirma Massoud Bakhshi, ex-diretor do Departamento de Documentários do Centro de Filmes Experimentais, do Festival Cinema Verdade.

O número de escolas de cinema vem crescendo, e joga a cada ano no mercado mais de vinte diretores, entre os quais muitas mulheres. Nas duas últimas décadas, a porcentagem de diretoras iranianas é maior do que na maioria dos países ocidentais, sendo a prolífica Rakshan Bani-Etemad uma das mais conhecidas. Antes de a jovem Samira Makhmalbaf estrear com *A maçã*, recebendo em 2000 o Prêmio do Júri em Cannes com *O quadro negro*, já atuavam figuras como Pouran Derakhshandeh, Zahra Dowlatabadi, Niki Karimi, Sara Rastegar e Parisa Bakhtavar. Além, é claro, de atrizes premiadas em festivais do mundo inteiro. Em 2006, a escritora Mariane Satrapi, autora do aclamado livro *Persépolis* que conta a história recente do Irã em quadrinhos, tornou-se membro do júri em Cannes, recebendo o Prêmio do Júri deste mesmo Festival no ano seguinte pela adaptação do seu livro em desenho animado.

Obviamente que, como em qualquer sistema coercitivo, os artistas buscam alternativas dentro ou fora para financiar seus projetos, mesmo com poucas chances de viabilização. O cinema independente resiste em um mercado paralelo em que filmes sobre corrupção, prostitutas, homossexualismo, repressão e outros temas explosivos são abordados sem censura.

Fã incondicional da sua produção cinematográfica, em 2009 eu já fazia as malas para o próximo Festival Cinema Verdade, que, em outubro de 2008, abrira para mim as portas desse universo fascinante chamado “Irã”. Engendrava planos de viagem quando fui surpreendida por um e-mail datado de 17 de agosto em *farsi*, inglês, francês, italiano e alemão. Assinado por um grupo de cineastas dissidentes, pedia aos eventuais convidados estrangeiros o boicote à versão 2009 do evento, com um apelo singelamente efetivo que a maioria acatou.

Durante o século passado os documentaristas iranianos registraram valiosos aspectos da nossa sociedade contemporânea. O cinema foi capaz de superar inúmeros obstáculos ao longo dos anos. Nos períodos da Revolução Islâmica, das guerras e conflitos das últimas décadas, os cineastas persas forneceram documentários fundamentais para a compreensão da vida social e histórica

iraniana.

Cinema Verdade é um festival importante, conseguindo nos dois anos anteriores invocar uma atmosfera de debate e reflexão — algo essencial no mundo dos documentários. Infelizmente, nas semanas recentes, restrições extremamente severas foram impostas aos que, nas ruas, tentam capturar os acontecimentos da atual fase de turbulência social. Enxergamos uma série de filmes em potencial que poderiam ter sido feitos, mas não foram autorizados. Assim, devido ao nosso compromisso e respeito à verdade dos fatos, decidimos não participar do Festival seja como cineastas, críticos ou espectadores.

Tempos depois, a história se repetia não como farsa e sim como drama. Novamente recebi convite para outro festival de cinema, desta vez o Fjar, tido como o mais importante do calendário. Preocupada com o recrudescimento da violência dos célebres *basij*, que atacam quem se indis põe contra as injustiças do regime, acabei declinando por solidariedade aos amigos perseguidos. Decisão acertada, pois durante o que seria minha permanência em Teerã, dois jovens *muhajadin* foram sumariamente executados. Seria no mínimo constrangedor encontrar-se como convidada especial de um governo que enforca rapazes e moças cujo único crime foi o de pedir mais liberdade. Por isso, não estranhei quando cheguei um e-mail semelhante ao anterior. Denominado “Segunda carta de cineastas iranianos e cineastas do mundo inteiro” dizia:

Quando Ken Loach desistiu de participar do *Fajr Film Festival* e mencionou a repressão contra os oponentes do governo iraniano em várias formas (tortura, prisão, estupro, mortes e divulgação televisiva de espetaculares julgamentos stalinistas) como motivo do seu protesto, o sistema judicial iraniano ainda não havia cometido sua maior injustiça. Quando Philip Lioret boicotou o festival, afirmando que este regime está ceifando a cultura e a liberdade do seu povo, os dois jovens iranianos ainda não tinham sido enforcados apenas por sua aspiração por liberdade. Quando Theo Angelopoulos recusou o convite do “Fajr” por acreditar que sua participação poderia dar uma espécie de legitimação ao regime iraniano, não havia 9 pessoas aguardando na fila de execução.

Nós, cineastas iranianos, que somos obrigados a permanecer anônimos por razões de segurança, não podemos imaginar como é possível exibir ou assistir filmes no festival deste ano enquanto muitos cidadãos iranianos estão presos há meses, provavelmente na lista das execuções decretadas, sob a acusação de terem registrado breves momentos do que ocorreu durante os protestos por meio dos seus celulares. Acreditamos que os cineastas

estrangeiros que participaram do festival deste ano contra o desejo do povo do Irã ignoravam totalmente esta cruel injustiça devido à censura da imprensa que eles próprios poderão testemunhar.

As ausências de Ken Loach, Theo Angelopoulos, Philippe Lioret, Godefroy Cheshire, Elia Suleiman, Mimmo Calopresti Rashid Chahrawi, Barmak Akram e muitos outros que preferiram não participar sem alardear sua decisão, juntamente com os diretores e representantes de festivais como o de Cannes, Veneza, Três continentes etc., é um sinal da sensibilidade, compreensão e solidariedade à dura situação do povo iraniano. As únicas palavras que nos ocorrem para agradecer seu gesto humanitário são aquelas do poema de Saadi inscritas na entrada da sede das Nações Unidas:

Os seres humanos, como membros de uma única essência,
Foram criados a partir da mesma origem.
Se a um se faz mal,
Todos os demais sofrem.^[1]

Meses depois, no início de março, o aclamado diretor Jafar Panahi foi preso e iniciou uma greve de fome em maio, em protesto contra as condições carcerárias na prisão de Evin. Ele exigia acesso ao advogado, direito de visita da família e libertação incondicional até que um tribunal avaliasse seu caso. Acabou solto, sob fiança, em 25 de maio. Também entrou em greve de fome na mesma cadeia o escritor e cineasta Mohammad Nourizad, que foi severamente espancado por forças de segurança, segundo um e-mail enviado por outro grupo de cineastas iranianos.

4. Mamãe passou açúcar em mim

Os refrões da canção de Wilson Simonal vêm à mente de quem passeia pelas cidades iranianas. Inacreditável como os habitantes locais, em geral jovens que falam um inglês pouco fluente, abordam os turistas com a maior naturalidade. Não querem levar ninguém para comprar na lojinha nem estão atrás de dinheiro. Sedentos de comunicação buscam apenas um contato mais estreito com o exterior. Querem saber das novidades do “lado de cá” e falam com vaidade sobre as belezas da sua terra. Nos centros urbanos, reclamam das rígidas imposições religiosas, porém, admiram a política externa do presidente. Levando a célebre hospitalidade iraniana às últimas consequências, colocam você num carro minúsculo e lhe mostram os lugares turísticos com uma delicadeza de fazer inveja aos atribulados habitantes das megalópoles. Convidam para conhecer a casa deles, oferecem chá preto e guloseimas típicas. O orgulho da pátria está estampado nos seus rostos, embora lamentem jamais conseguirem economizar o suficiente para viajar a um lugar tão distante como o Brasil. Um bancário

ganha cerca de quatrocentos dólares ao mês, e com isso vive nesse recanto onde o custo de vida é muito menor do que na maioria dos países ocidentais. Assim mesmo, é bom pechinchar na hora de fechar um negócio.

As boas maneiras e a disponibilidade do iraniano não param de surpreender. O dono que foi chamado às pressas para abrir as portas da loja no bazar — e da qual acabo não comprando nada — ainda se oferece para me levar de volta ao hotel no seu carro. Ele me dá um cartão e sai feliz da vida simplesmente por ter feito aquela gentileza. Ao caminharmos pela calçada, as famílias reunidas em piquenique no gramado nos convidam para sentar e repartir os comes e bebes. Também pedem para tirar fotos conosco com seus celulares. Não raro me sinto como um animal exótico, mas o carinho deles me deixa totalmente à vontade. Fico então pensando se, em Londres, algum cidadão britânico iria pará-lo no meio da rua para trocar ideias ou perguntar sobre suas impressões, e lamento o quanto nós perdemos em termos de contato humano com nossos semelhantes. Então me vem à mente um velho ditado popular, que diz: “O Ocidente tem o relógio, o Oriente tem o tempo”...

No bazar de Teerã, tivemos outro exemplo de como os iranianos não são desta galáxia — ou ocupam um nível superior ao nosso, pelo menos em termos de transações comerciais: em uma das lojas do bazar, Luciano, cineasta italiano, apaixonou-se por um tapete de quinze mil dólares. Não voava nem tinha outros dons mágicos, mas, pela qualidade das cores e números de nós por milímetro quadrado, valia o preço. Só que ninguém carrega essa quantia na bolsa. E como não são aceitos cartões de crédito, a coisa caminhava para um impasse. Diante do sincero interesse do cliente, o vendedor não pestanejou: “O senhor leva o tapete agora e faz um depósito na minha conta-corrente quando estiver de volta em casa”.

Negócio fechado com este simples acordo de cavalheiros, Luciano saiu dali feliz da vida, com a mercadoria nas mãos e um sorriso incrédulo nos lábios...

Com esse cineasta ocorreu ainda outro episódio digno de nota. Ao final da solenidade de entrega dos prêmios do festival de cinema para o qual fomos convidados, eu dei a Luciano meu livro *A travessia do albatroz*, já que ele conseguia ler em português. Ao sairmos da luxuosa sala do teatro, onde ocorrera a cerimônia de encerramento, esperávamos um lauto jantar de despedida. Ao invés disso, deram-nos uma sacola de papel contendo um refrigerante e um sanduíche. Ele então colocou dentro da sacola o exemplar recebido. Quando deixávamos o local rumo a uma confraternização patrocinada por um diretor iraniano, constrangido com aquela espécie de gafê dos organizadores, meio distraído e levemente indignado com aquele tratamento inglório, ele deu a sacola para um garoto pobre que passava pelas imediações. Mais tarde, bateu a mão na testa, lembrando-se que lá se fora o albatroz pelos ares. Rimos muito da situação, imaginando a cara de espanto do menino ao abrir aquele livro repleto de imagens familiares, mostrando paisagens e gentes da sua própria terra, mas escrito numa língua absolutamente incompreensível...

De resto, para onde quer que olhemos, tem sempre um semblante amigo à nossa

espera. Nem nos locais sagrados eles se ofendem com o intruso. Aproveitando minha aparência levantina, entro na mesquita no momento em que o muezim chama para a oração do meio-dia. Tento ajeitar o chador branco, pendurado em um varal na parte reservada às mulheres, mas quase tropeço nos panos e acabo enrolando o corpo inteiro. Ajoelho e logo aprendo a coreografia da reza, tocando o chão com a cabeça, conforme as ordens que partem do alto-falante. Lá pelas tantas, uma senhora cutuca meu braço. Tremo ligeiramente, acreditando que seria repreendida por conspurcar um recinto sagrado com aquela alma de agnóstica convicta. Para minha surpresa, ela não se incomoda com a presença de uma estranha. Pelo contrário, retira minha veste e me ensina como usá-la corretamente. Ajeita meus cabelos dentro do chador e, ao final, ainda me dá um beijo no rosto. A custo retenho as lágrimas e agradeço a Alá por um momento tão especial. Como esse povo pode ser hostil ou inimigo?

Não foi a única vez que experimentei o sentimento de pertencer a um lugar que, em princípio, não me dizia respeito. Na mesquita azul, em Shiraz, tive as roupas ajeitadas na porta, enquanto um amigo se preparava para fazer uma foto. Com paciência e delicadeza, a boa mulher arrumou meu traje, explicando no seu idioma que fazia aquilo para eu ficar mais bonita. E ninguém olha atravessado se você entrar nos espaços de oração, contanto que mantenha o devido respeito e não saia disparando flashes, embora até uma câmera discreta possa ser usada com parcimônia. Portanto, não se sinta intimidado se lhe disserem para evitar alguns locais, eles estão abertos a todos e a todas, e ninguém vai reprimir ou impedir a visita, pelo contrário. Não evite correr pequenos riscos para sentir de perto o calor humano e a devoção dessa gente simples e amiga. Como também é preciso visitar ao menos dois museus em Teerã. O de Arqueologia abriga uma das mais significativas coleções pré-islâmicas, incluindo o frontão de pedra trazido de Persépolis, que dá uma ideia das ruínas aquemênidas para quem não tem tempo ou condições de visitar o lugar propriamente dito. E vale conferir o célebre Código de Hamurabi, nome do sexto monarca da Babilônia e um dos primeiros a elaborar um conjunto de leis talhadas na rocha de diorito em 46 colunas de escrita cuneiforme acádica. Datado de dois mil anos antes de Cristo, o monolito de 2,5 metros de altura foi transferido de lá para a antiga capital religiosa persa, Susa, no Irã, por um rei elamita na era de Alexandre, o Grande. Estamos, portanto, diante de uma réplica. Na linha do ditado de “Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”, o original, encontrado em 1901 pela expedição dirigida por Jacques de Morgan, acha-se numa das salas do Departamento de Antiguidades Orientais no Museu do Louvre, em Paris. Uma estátua de Dario, que viveu em 521 a.C., proveniente da passagem leste do complexo da Apadana, a sala do trono, em Susa, impressiona pelas inscrições no suporte de granito. Além de alusões ao domínio persa no Egito, estão referências à divindade Ahura Mazda em nada menos do que três línguas: persa antigo, elamita e o idioma babilônio, conhecido como acádio.

A antiguidade das peças destoa do projeto cenográfico pobre, que não faz jus à importância histórica do acervo. O oposto ocorre no pequeno Museu do Vidro e da

Cerâmica, instalado em um prédio *qâdjâr* que serviu como sede da embaixada do Egito na década de 1950. Aberto em 1980, expõe peças delicadas como os “recolhedores de lágrimas” de cores e formatos variados, em vitrines individuais. Sob a penumbra ambiente, os objetos ganham relevo e luz própria graças ao arrojado projeto museográfico de autoria de *designers* italianos.

Igualmente recomendável é um passeio pelo Parque Mellat, ou Parque da Nação, no bairro residencial de Shemirân. Anteriormente uma pequena cidade fora de Teerã, é agora ligada à capital pelas avenidas da época do xá e por uma malha de modernas autoestradas. Ao norte, fica o complexo de palácios dos Pahlevi, erguidos nos anos 1930 num estilo francófilo. Dois deles guardam uma finíssima coleção de tapetes tecidos especialmente para caber em cada uma de suas salas. No mesmo Parque ainda ficam o Museu Militar, o Museu da Água e o Museu das Miniaturas.

As particularidades dos iranianos se estendem à questão religiosa. Ao contrário dos 90% dos muçulmanos, eles são xiitas, cuja denominação deriva de Shi'at Ali, ou “seguidores de Ali”, e não sunitas. No esforço muitas vezes frustrante de construir uma síntese do islã imposto pelos árabes, com a rica herança dos tempos pré-islâmicos, o xiismo adota uma visão trágica da vida, enraizado no senso de martírio e sofrimento. Isso porque os persas já vinham de longa experiência de assimilação de culturas estrangeiras, dando-lhes uma forma adequada às suas inclinações, adotando certos preceitos e rejeitando outros. Assim, ao serem obrigados a abraçar a crença de Mohammed, firmaram uma interpretação própria do Corão, mesclando-a às suas crenças tradicionais. Como resultado, o Irã é o único país predominantemente xiita no mundo e tem no aiatolá o chefe supremo de um Estado teocrático, baseado nas leis de Deus.

A divisão começou logo após a morte do profeta, em 632 d.C. Os xiitas acreditavam que o legítimo sucessor seria Ali, primo criado por ele desde a infância e seu futuro genro. Foi a ele que Maomé ditou suas revelações, o Corão. Preterido pelo califado, Ali logo se viu na posição de dissidente, mas contou com aliados descontentes com a situação econômica e com o materialismo vigente. Por isso, Ali se dedicou a pregar a justiça social, granjeando muitos seguidores, sobretudo nas classes baixas. Afinal conquistou o posto em 656 d.C., mas acabou assassinado cinco anos depois, quando rezava na mesquita de Kufã, cidade fortificada da Mesopotâmia.

A responsabilidade da resistência passou ao filho, Hussein, igualmente morto ao liderar 72 discípulos contra um exército de milhares de homens na revolta suicida de Karbala, em 680 d.C.. Para liquidar o legado de Hussein, a maior parte da sua família foi executada e as histórias de “o senhor dos mártires” atingem o paroxismo em Qom e outras cidades sagradas iranianas a cada aniversário de sua morte. Homens e meninos vestidos de negro saem em procissão entoando versos fúnebres sobre o destino de Hussein enquanto se autoflagelam com chicotes de cravos metálicos na celebração conhecida como Ashura. Nessas ocasiões, teatros improvisados narram o drama, semelhante à Paixão de Cristo, com tal fervor que leva os devotos aos prantos. Reverenciados, o genro Ali e o neto Hussein são um paradigma moral a ensinar não

apenas como o fiel deve viver, mas também morrer. Dizem os estudiosos que apreender a profundidade desse estado de espírito é essencial para o entendimento do Irã moderno.

5. Unificando a nação

Depois que os profetas Ali e Hussein cumpriram sua missão no século VII, o império árabe atingiu o auge e começou a declinar. Com o recuo do poder árabe, os xiitas ganharam força, em parte porque suas advertências contra a corrupção das dinastias terrenas foram corroboradas pelos excessos dos conquistadores turcos seljúcidas e pela selvageria das hordas mongólicas de Gengis Khan, que devastaram o Irã nos anos seguintes à invasão de 1220. Quando os mongóis começaram a perder o controle, o poder passou às mãos da dinastia revolucionária safávida, que se inspirava na crença xiita. Seu líder, Ismail, era um militante que levava seus guerreiros à batalha gritando: “Somos homens de Hussein, e essa é a nossa honra! Somos escravos devotados do Imã! Nosso nome é Zelote e nosso título é mártir!”.

Após uma série de vitórias obtidas com a ajuda de xiitas vindos de outras terras, Ismail proclamou-se xá em 1501 e declarou o xiismo a religião oficial do Estado. A cena está retratada em uma famosa pintura em miniatura com a seguinte legenda: “Na sexta-feira, o excelso rei se dirigiu à mesquita congregacional de Tabriz e ordenou ao seu pregador, um dignitário xiita, que subisse ao púlpito. O rei dirigiu-se então até a frente do púlpito, desembainhou a espada do Senhor do Tempo, que a paz esteja com ele, e lá ficou como o sol a brilhar”.

Mais do que um mero ato religioso, a adoção do xiismo foi um passo da maior importância rumo à implantação da nação iraniana. Ismael utilizou essa vertente para erguer um império que, dez anos após sua coroação, não apenas abarcava a maior parte do Irã dos dias atuais, como se estendia da Ásia Central a Bagdá e das montanhas geladas do Cáucaso aos areais do Golfo Pérsico. Durante o reinado de Ismail, o Irã de hoje emergiu em termos políticos e espirituais. Seus habitantes já eram unidos pela geografia diversificada, uma língua comum e uma memória coletiva de glórias ancestrais, mas nenhum desses laços evocava algo que se assemelhasse ao fervor do xiismo. Ao abraçar essa crença, os iranianos aceitaram o islã, embora não da forma pretendida pelos sunitas. Eles se rebelaram aparentando se submeter. Assim, tanto para o xiismo como para o zoroastrismo, os governantes só têm direito de exercer o poder na medida em que são justos. Em última instância, essa crença conferiu às massas xiitas, e por extensão aos seus líderes religiosos, força para promover a debrave do regime laico, construindo o paradoxo de uma modernização autoritária e religiosa jamais prevista por nenhum manual de teoria política.

Esse substrato zoroástrico sintonizado com a lógica e o conhecimento, e no qual o islamismo xiita se assenta, fez dele uma síntese curiosa. Para entender seu significado é preciso lembrar que a história da expansão do islã não ocorreu de forma linear. Logo

no início, na medida em que a área conquistada se ampliava, tornou-se necessária uma forma mais elaborada de governo, o que representou um desafio e um peso para Medina. A autoridade dos conquistadores passou a ser exercida nos acampamentos militares que alojavam os soldados árabes. Aos poucos, deram origem a novas cidades, com o palácio do governador, a mesquita e o lugar de assembleia pública ao centro. Assim surgiram Basra e Kufa no Iraque e Fustat no Egito, da qual derivaria o Cairo. Nas proximidades da Síria-Palestina, porém, a maioria dos acampamentos militares ficava em cidades já existentes.

Durante o terceiro califado de Uthman, o poder começava a ser atraído para o norte, em direção a terras mais ricas e populosas da Síria e do Iraque, onde os governadores locais tentavam tornar seu mando mais independente. Uthman foi assassinado, sendo Ali ibn Abi Talib (656-661) o sucessor apontado, em meio à primeira guerra civil. A escolha de Ali não se deu de forma unânime e o novo califa não conseguiu superar as tensões nem apaziguar os conflitos entre as partes. O califado encontrava-se em franca transformação. Tendo deixado Medina e estabelecido a capital em Kufa, Iraque, Ali se viu assim mesmo desafiado pelo primo e governador da Síria, Mu'awiyah (do clã dos omíadas), que se revoltara por ele não ter vingado a morte de Uthman. No verão de 657, as tropas de Mu'awiyah enfrentaram as de Ali no norte da Síria, em Siffin. Mas a questão não foi resolvida em batalha, e sim em negociações fracassadas conduzidas por Ali que começou também a perder a já frágil base de apoio. Então, uma após a outra, as províncias migraram para o controle de Mu'awiyah e Ali acabaria assassinado em 661.

O assassinato de Uthman em 656, portanto, abriu uma crise política e religiosa que Ali não conseguiu controlar. Ela só cessaria com o advento de Mu'awiyah em 660, inaugurando o califado omíada. Durante o califado do seu filho, Yazid, ocorreu uma rebelião de amplo alcance, que daria origem ao xiismo. Husseín, filho de Ali e Fátima e neto do Profeta, liderou um grupo de revoltosos contra a nomeação de Yazid e o estabelecimento da dinastia omíada. Partiram de Medina a Karbala, mas perderam muitas forças no caminho. Quando chegaram, contavam apenas 72 homens, que foram massacrados pelas tropas omíadas. O ano era 680. Husseín tornou-se mártir, juntamente com o pai, Ali, e toda uma leva de opositores do regime, jurou jamais reconhecer os omíadas como legítimos califas. Vieram a se chamar Shi'at Ali (o partido de Ali), de onde veio o nome xiita ou xiismo. Do Iraque, expandiram-se pelo império, desafiando sempre que possível o poder omíada. Formaram estados independentes, em oposição ao califado sunita, o primeiro dos quais foi o de Fatimida, no Egito. A partir de 1500, os governantes da Pérsia seriam sempre xiitas, que atualmente compõem a segunda maior corrente do islã, após os sunitas. Outra vertente importante do islamismo seria a caridjita, surgida na mesma época.^[2]

O Irã no contexto do Oriente Médio

O que significa, exatamente, “ser árabe”? Esse conceito escorregadio é tão difícil e elaborado quanto a tentativa de definir alguém como “europeu”.

Na verdade, os 22 países que pertencem à Liga Árabe, incluindo aí a Palestina, formam um heterogêneo aglomerado de mais de 350 milhões de pessoas. Há maronitas, coptas, berberes, curdos, africanos, árabes e muçulmanos que habitam uma miscelânea de terras que vão do Atlântico ao Golfo Pérsico, do deserto do Saara aos pés da Anatólia. Não integram um grupo religioso nem linguístico, adotando dialetos que muitas vezes tornam a comunicação difícil entre eles. Isso porque a maioria das nações árabes não surgiu a partir de agrupamentos humanos com características comuns entre si. Elas foram, antes, forjadas no pós-guerra pelos colonizadores europeus e pelo expansionismo norte-americano, que as partilharam de acordo com seus interesses econômicos na região abundante em reservas petrolíferas. Assim, muitos países daquela faixa foram criados sem levar em consideração suas especificidades, a exemplo da Arábia Saudita e do Iraque, ou resultam da unificação relativamente recente de tribos guerreiras e clãs rivais, como no Marrocos. O Irã é o oposto. Trata-se de um dos Estados nacionais mais antigos do planeta. Contudo, existe uma identidade pan-muçulmana e também outra, de caráter político, que une diferentes povos do Oriente Médio.

6. Deus e o diabo na terra do sol

No lusco-fusco do entardecer, saio do hotel Abbasi, erguido por Sultan Hossein (1694–1722) dos safávidas há cerca de trezentos anos como entreposto para as caravanas de camelos. Caminho em direção à praça Naghsh-e Jahan, conhecida como Praça do Xá ou do Imã. Entre as maiores do mundo, e com certeza a mais impactante que já vi, é tombada pela unesco como patrimônio universal. Diante daquilo só me restou dançar. De braços com Gilson Packer, que se tornaria o melhor companheiro de viagem que alguém poderia desejar, saímos rodopiando como se estivéssemos bailando ao som de uma música que só nós dois escutávamos. Pouco tempo durou nosso êxtase. Em menos de um minuto éramos puxados pelas mangas por um rosto aflito que avisava num inglês carregado de sotaque local:

“Vocês estão malucos? Não sabem que é proibido dançar?”. Por instantes a frase melancólica de *Retrato do Brasil* me veio à mente: “Numa terra radiosa vive um povo triste”, escreveria Paulo Prado em 1928. Mas logo me corrigi, ao lembrar que os iranianos dançam, cantam, bebem, amam e se divertem sim, mas no âmbito doméstico, entre quatro paredes, em festas íntimas dentro de casa.

Ficamos então paralisados, sem saber o que fazer da nossa tola alegria. O lado positivo da decepção foi que a partir dali ganhamos um anjo da guarda. Escandalizado com tal comportamento infantil e convencido de que éramos estúpidos, ingênuos e

desinformados demais para ficarmos largados à própria sorte naquela sociedade eivada de interdições, o rapaz passou a nos acompanhar como um escudeiro fiel durante nossa estada em Esfahan. De cavanhaque, óculos e um inseparável cachimbo, pareceu-me o legítimo representante da classe média urbana insatisfeita com a pesada ingerência religiosa na esfera privada.

“Aqui nos falta liberdade”, reclamou em torno da mesa de um bar onde experimentamos a célebre cerveja sem álcool, enquanto ele contava sobre seu dia a dia de bancário casado, sem filhos, com a mulher terminando residência médica em um hospital de Teerã.

“Nosso presidente é despreparado e ignorante”, acrescentou. “Por isso, não vejo perspectivas de mudanças mais profundas no curto prazo”, disse, surpreendendo com sua franqueza que, de resto, ecoaria na maior parte dos diálogos estabelecidos com a população. Todo tipo de pessoa, mas sobretudo os jovens do sexo masculino, acercavam-se assim que notavam, pelas roupas e gestual, nossa situação de turistas. A queixa contra o papel do Estado teocrático foi uma constante. As críticas a Ahmadinejad, idem. Orgulham-se do país, são a favor das usinas nucleares, mas gostariam de viajar para o exterior, conhecer outros estilos de vida. Admiram o futebol brasileiro, sabem de cor o nome dos principais jogadores, mas, para meu espanto, nunca ouviram falar de Che Guevara, um dos ícones do século XX. E, embora desejem mais autonomia e menos policiamento, ficam chocados com o comportamento permissivo das “ocidentais”.

Após estacionar seu Kia branco, modelo Pride, no meio-fio, vai conosco passear às margens do rio Zâyandeh, que corta a cidade em duas partes, leste e oeste. Sou abordada por um rapaz que se diz estudante de letras. Ele quer conversar conosco e pergunta se somos muçulmanos, a que respondemos negativamente.

“Mas você acredita em Deus?”

Outra negativa.

“E no diabo?”

Idem.

“Então o que a impede de sair matando e roubando?”

Com paciência, explico que existe um código de ética a ser seguido mesmo para os agnósticos. E que até os céticos e incrédulos têm de se enquadrar dentro da legislação que pune os criminosos.

“Se cometer um assassinato, no mínimo vou para a cadeia.”

Mas ele não se dá por satisfeito.

“Você é a favor do sexo fora do casamento?”

A essa altura, nosso guardião procura interferir, sem sucesso. Segue-se um diálogo de surdos, em que o interlocutor mostra-se crescentemente escandalizado, até o ponto de desistir de tentar entender nosso modo de pensar. Ao mesmo tempo, do meu lado, não consigo compreender a poligamia que, no Irã, é pouco praticada e de certa forma mal vista — pelo menos entre as rodas mais cultas e intelectualizadas. Uma das exceções é a de um cineasta conhecido. Ele tem por volta de 55 anos e uma primeira esposa da

mesma faixa etária. Há pouco tempo, casou-se com uma jovem e, para espanto geral, em vez de alugar para ela uma casa em separado, como seria praxe, levou-a para viver com a outra. O que parecia uma transgressão de costumes, espécie de atitude libertária configurando um casamento moderno, revelou-se uma decepção. A mulher mais velha mostra-se visivelmente abatida em público, deixando claro o incômodo na situação de preterida em favor de alguém com idade para ser filha do casal. Ou seja, repete-se aí o pisado caso do homem maduro que troca a companheira idem por uma pós-adolescente. Hábitos islâmicos com sabor de melodrama suburbano do Ocidente...

Três é demais?...

Palavra derivada do grego significando “muitos matrimônios”, a poligamia é permitida por algumas religiões e pela legislação de certos países. Amplamente praticada no passado, acelerava a taxa de natalidade, possibilitando o rápido crescimento das tribos. Ao mesmo tempo, minimizava os problemas causados pela morte maciça dos homens dizimados nas guerras. A tradição subsiste em pleno século XXI no continente africano, entre os mórmons fundamentalistas nos Estados Unidos, cujo governo procura coibir a prática, e em alguns países muçulmanos, sobretudo no Golfo Pérsico.

No islã, é permitida aos homens e limitada a um número de quatro mulheres, desde que o marido as trate com igualdade, no que se refere ao tempo gasto em sua companhia e benefícios materiais, conforme o *Alcorão*, que reza: “Casai com quantas mulheres quiserdes, duas, três ou quatro: mas, se temeis não poder tratá-las com equidade, então tende uma só”.

De acordo com seus defensores, a poligamia protegeria a mulher, dando ao marido insatisfeito a opção de casar-se com outra sem desamparar a primeira. Isso também seria válido para épocas em que a disponibilidade de mulheres é mais elevada do que a de homens, evitando que muitas acabem solteiras, o que teoricamente acarretaria o aumento da prostituição. Alegam ainda que, ao contrário da maioria dos casamentos monogâmicos, a poligamia masculina resolve de forma lícita os frequentes adultérios verificados no Ocidente, além de diminuir ou neutralizar a incidência de mães solteiras.

No mais, citamos o xeque Aminuddin Mohamad, que alerta: “Ir contra a poligamia é rebelar-se contra Deus, o único que legisla com total justiça e sabedoria. A crente sabe que essa é uma vida passageira e que devemos ter paciência e obediência às leis de Deus para que Ele nos recompense na derradeira vida, insh’Allah”.

Caminhamos ao longo da Khâdju, a mais famosa das pontes em arco que fazem

deste um dos lugares mais magníficos do Irã. Em pleno sol batido, suas estruturas amareladas refletem sobre as águas do rio um vermelho que se intensifica ao cair da tarde, quando parecem pegar fogo. À noite, as luzes lançam fâcos dourados que lhe dão um brilho mágico. Por isso, essa e as outras pontes de Esfahan compõem um espetáculo variado e precisam ser vistas várias vezes ao dia. Como no clima desértico o represamento torna-se essencial, a ponte Khâdju possui cisternas sob os pilares, que permitem a formação de reservas d'água em caso de oscilação no curso do rio. Construída pelo xá Abbas II em 1650 no lugar de uma mais antiga, tem 24 arcos em dois andares ao longo de 132 metros de comprimento. Para quebrar o ritmo arquitetônico, em cada extremidade há dois pavilhões semioctagonais com tetos decorados. Ali tigres de mármore escuro lançam um olhar esverdeado que brilha à noite como se estivessem trocando sinais entre si. Tire a prova dos nove. É de meter medo.

Entre os arcos de baixo, em cujos degraus de pedra a água escorre devagar, famílias fazem piqueniques à noitinha. Rodas de rapazes, sem a companhia de moças, fumam narguilé sentados num tapete e tomam chá servido de um enorme samovar. A falta de música é compensada pelos cantores improvisados que tiram partido da excelente acústica local para exibir seus dons ao público que aplaude, sem medo da polícia. Por mais um desses mistérios, ali se pode cantar e, quem sabe, até dançar...

7. Esfahân nesf-e djahân

O célebre ditado popular, forjado no apogeu da Pérsia, continua atual. Com sua belíssima praça Imã Khomeini, Esfahan ainda pode ser considerada a “metade do mundo”. Um dos mais significativos legados de Abbas ibn Abd-al-Muttalib, é a cidade mais esplêndida que já conheci.

Para projetar os domos das mesquitas azuis e douradas, as residências reais, avenidas e jardins floridos, o soberano safávida contratou artífices armênios que depois ali se estabeleceram, dando origem ao bairro de Djolfá. Sua bela catedral ortodoxa do século XVII, conhecida como Vânk, tem pouca luz e uma decoração interna de cores vivas e muito rebuscadas, bem ao estilo ortodoxo, destoando da serenidade e iluminação abundante das mesquitas de motivos puramente florais e geométricos.

Interessante que as rezas islâmicas parecem mais democráticas e descentralizadas do que as do universo cristão. Dentro das mesquitas há apenas espaços livres a serem ocupados por homens e mulheres, separados entre si por enormes tapetes pendendo do teto. Na verdade, elas funcionam como lugares de meditação e prece, que cada qual realiza a sós, falando diretamente com Deus sem a intermediação de um pároco nem de imagens de santos e virgens, proibidas pelos preceitos do *Alcorão*. Tampouco existe um altar esplendoroso, cravejado de ouro, para capturar a atenção do fiel e fazê-lo sentir-se diminuído em relação à potência do Senhor. Para rezar basta ter em mente a direção da cidade sagrada de Meca, marcada por símbolos e flechas nas paredes, no chão e nos

muros de qualquer lugar por onde se passa, orientando os fiéis. Esta parece ser a função dos minaretes que sobressaem na paisagem urbana, indicando ao viajante que chega de longe a localização exata das mesquitas. Do alto dessas torres, o almuadem, também chamado de muezin, anuncia o momento das cinco preces diárias. O chamamento consiste em proferir a frase *Allahu Akbar* (Alá é grande), seguida da *chahada*, a “profissão de fé” islâmica, que diz: “Não há outro Deus além de Alá, e Maomé é o seu profeta”. A convocatória (*adhan*) é entoada de forma melodiosa e sua musicalidade fica gostosamente reverberando por horas seguidas nos ouvidos.

Atravessando a ponte dos 33 arcos, erguida em 1600 no reinado de Abbas I, entramos no bairro armênio de Djolfá. Estabelecido em 1603 como passagem obrigatória para as caravanas vindas de Shiraz e outras regiões do Sul, rapidamente transformou-se num *quartier* comercial. Mas isso não aconteceu por acaso e sim devido ao desejo do xá de estimular o comércio do seu império com o exterior, contribuindo para a prosperidade da nova capital Esfahan. Por isso, ele deportou para lá famílias armênias retiradas compulsoriamente da cidadezinha de Djolfá, na fronteira com o Azerbaijão. Em compensação, os armênios gozaram de completa liberdade religiosa e certa autonomia administrativa, incluindo um prefeito da comunidade que logo abrigaria trinta mil pessoas, incluindo alguns cristãos portugueses. Construíram a catedral, com o interior recoberto por cenas de inspiração europeia representando o suplício dos santos, além de várias igrejas durante o século XVII, até começarem as perseguições e confisco de bens sob os descendentes de Abbas. Essa história é contada pelos trajes, bordados, tapeçaria, manuscritos com iluminuras e outros objetos do museu da cultura armênia, num prédio aos fundos da catedral. Ali também se pode ver uma exibição permanente do massacre perpetrado pelos turcos no final da Primeira Grande Guerra. Filmes de época, documentos e imagens dão uma noção do que foi o genocídio, mostrando a matança e a deportação forçada de um milhão de pessoas de origem armênia que viviam sob o Império Otomano.

Mas não foi só. Abbas trouxe comerciantes holandeses para enfeitar o bazar central, emaranhado de ruelas com uma entrada decorada de mosaicos e arabescos, e acolheu diplomatas para dar um ar cosmopolita à capital do seu reino, habitado por meio milhão de pessoas.

Embora a maioria dos marcos arquitetônicos dessa fase tenha desaparecido, resta o palácio Ali Qâpu, ou da Grande Porta, que se impunha como entrada aos demais monumentos no vasto parque que se estende até a avenida Xá Bâgh. Destinado às cerimônias oficiais e às recepções aos embaixadores estrangeiros, é rico em afrescos retratando figuras indianas e até mesmo uma Virgem Maria com o Menino Jesus no colo, num clima amistoso e ecumênico para receber visitantes de outros credos religiosos. Com seis andares acessíveis por escadas em caracol que dão aos salões de teto finamente decorados, tem um vasto terraço que servia como sala de trono no verão e do qual o soberano assistia aos jogos de polo ou passava a tropa em revista. Entre seus pontos altos está a sala de música, enfeitada com espécies de alvéolos de estuque em

forma de instrumentos musicais. Além de inusitado, esse recurso decorativo tem a propriedade de fornecer a acústica indispensável à sua função.

Reverenciado como herói, nome de avenida e do melhor hotel de Esfahan, o xá Abbas, que ocupou o trono por mais de quarenta anos, unificou o povo, dando-lhe um senso de destino comum tão profundo quanto o de seus contemporâneos Elizabeth I, da Grã-Bretanha, e Felipe II, da Espanha. Ele construiu estradas para trazer os mercadores europeus e criou oficinas para produzir seda, cerâmica e outros produtos. Para manter a coesão das terras, implantou um sistema de comunicação ágil e eficiente, com entrepostos de muda de animais a cada 24 ou 35 quilômetros, para que os mensageiros cumprissem suas missões com presteza em quaisquer confins do império. Montou uma competente rede burocrática de coleta de impostos, organizando o país como não se fazia desde Ciro e Dario, dois mil anos antes.

Por outro lado, o xá impôs uma cruel tirania e não tolerou desafios ao seu absolutismo. Torturas e execuções eram lugares-comuns no reinado. Manteve a prole trancafiada no palácio real, permitindo-lhe o prazer das concubinas e eunucos, mas não o acesso ao treinamento e à educação para exercer a liderança no futuro. O filho mais velho foi assassinado e os dois outros ficaram cegos, assim como seus irmãos e o pai.

Do apogeu à queda

O Estado safávida alcançaria o ápice no reinado de Abbas (1587-1629), também conhecido como o Grande. De início, o xá enfrentou a árdua tarefa de reerguer o enfraquecido império em situação de colapso iminente desde a morte de Tahmasp, em 1576, sucessor de Ismael, o primeiro soberano safávida que ascendeu ao trono em 1501. Sob Abbas, a cultura iraniana atingiu níveis extraordinários. Desde o século IX, seus intelectuais tinham percorrido os domínios islâmicos à procura dos mais sábios filósofos e cientistas, bem como traduzido as obras de Platão, Aristóteles, Arquimedes, Euclides, Ptolomeu e outros pensadores gregos. Seus artífices deram saltos empolgantes na arquitetura e na arte da cerâmica. Os estilos criados pelos miniaturistas persas foram copiados por mestres de toda a região, de Constantinopla às estepes da Ásia Central.

Mas a brutalidade com que Abbas tratou os potenciais herdeiros levaria o Irã à desordem depois de sua morte, despertando a cobiça das nações vizinhas. Seguiu-se um período de anarquia e luta pela supremacia entre as tribos *afshar*, *qadjár*, *afegã* e *zand*. Em 1722, foi devastado por afegãos que saquearam a própria capital, Esfahan, mas acabaram sendo expulsos pelo último dos grandes líderes históricos do Irã, o xá Nadir. Turco sunita, mais tarde ele conduziria seus exércitos na tomada de Délhi. Um dos tesouros que

pillou foi o Trono do Pavão, incrustado de joias, que se tornou o símbolo da realeza iraniana. Nadir foi assassinado em 1747, desencadeando uma disputa que durou quase cinquenta anos, até uma nova dinastia subir ao trono.

Os Qajar, de uma tribo turca proveniente do mar Cáspio, governaram o Irã do final do século XVIII até o ano de 1925. Dizem os historiadores que a seus reis tãcanhos e corruptos cabe a culpa pela decadência que se abateu sobre eles. Enquanto a maior parte do mundo avançava para a modernidade, o Irã da dinastia Qajar estagnava. Independentemente de qualquer coisa, porém, conforme notou Stephen Kinzer no seu fundamental e inspirador estudo sobre a Operação Ajax, responsável por alterar definitivamente os rumos do país, é importante considerar que a própria geografia colocou o Irã no caminho das duas potências imperiais. A Grã-

-Bretanha o enxergava na rota terrestre para a Índia, sua mais rica e preciosa colônia. Os russos, por sua vez, especulavam assumir o controle de uma valiosa extensão de terra situada além de sua desprotegida fronteira meridional. O fato de o Irã ser governado por monarcas fracos e autocentrados o tornava um alvo atraente demais para ser ignorado por ambos os impérios, que trataram, portanto, de preencher o vácuo deixado pelos incultos Qajar.

Estes optaram por tirar o máximo proveito de um destino supostamente inevitável. No que acabou se revelando um enorme erro de cálculo, acreditaram que o povo iraniano aceitaria qualquer coisa ditada pelos governantes. Ledo engano. Imbuídos do princípio xiita, que dá ao cidadão comum o direito inalienável de derrubar o despotismo, os iranianos se rebelaram de forma nunca experimentada pelos antepassados. Exigiram o fim do domínio por potências estrangeiras e um Parlamento que expressasse a vontade popular. Esse programa determinou a derrubada da dinastia Qajar e marcou toda a história subsequente.

Qualquer aspecto minimamente negativo, porém, sucumbe diante desse patrimônio da humanidade cujas belezas seriam mais bem apreciadas com um bom cálice de vinho. Na falta disso, aventurei-me sem pressa pelo bazar e entrei na mesquita de Sexta-feira — nome frequente por se referir ao dia de preces islâmico, que cai na sexta e não no domingo dos cristãos. Ligeiramente afastada do centro, a menos de quinze minutos de táxi, é uma visita imperdível. A entrada esconde-se entre as ruelas do bazar, em meio às barracas que vendem um pouco de tudo — de artesanato local até as quinquilharias típicas das lojas de departamento ou de regiões como a 25 de Março, em São Paulo, e Saara, no Rio de Janeiro. Estive lá ao cair da tarde por algumas horas

de puro encantamento. Com um dos maiores pátios internos que vi, a mesquita exala uma atmosfera mágica que relembra certos recantos da Toscana, o ar saturado de histórias e as cores de adobe de San Gimignano. Batida pelo solzinho enfraquecido, emana um calor que consola e restaura as forças do viajante fadado de tantas belezas e desafios. Mas também acolhe o morador local. Um grupo de senhores, de certo aposentados, bate papo ao redor da fonte como se estivessem numa taverna. Dão a impressão de se sentirem inteiramente à vontade. Ocupam a casa de Deus como se estivessem no próprio lar ou no bar da esquina — faltando apenas o copo de cachaça para acompanhar as conversas num tom respeitosa mais baixo. Só não consegui visitar a *madrasa*, escola teológica cuja cúpula azulada sobressai na paisagem e pode ser vista do jardim interno do hotel Abassi, que integrava o complexo de edifícios erguidos por volta de 1706 para funcionar como abrigo para as caravanas. Sua entrada se destaca na fachada austera de arcos cegos da avenida Chahâr Bâgh. Com um teto decorado de estalactites em faiança, chama a atenção pelas portas de madeira revestidas por placas de prata com motivos florais e inscrições. Pelo vão entreaberto para dar passagem aos professores barbudos que chegavam, pude espiar o vestibulo decorado com azulejos azuis e brancos. Vi o jardim com a fonte de mármore no meio, alimentada por um pequeno canal que refletia os plátanos plantados ao redor. Para mais não tive tempo, pois a pesada porta fechou-se com estrondo, a despeito dos meus protestos e pedidos veementes. Não há horários de visita nem regras sobre quem pode ou não ser admitido. É tudo uma questão de sorte...

8. Reencontrando Kurosh

Além da oportunidade imperdível de conhecer o país com o qual já tinha familiaridade, um dos motivos pelos quais aceitei o convite para o festival de cinema de Teerã foi rever o personagem central cuja história, acrescida de extensa pesquisa, transformou-se no livro *A travessia do albatroz*, lançado em julho de 2007.

Kurosh, nome fictício, mudara-se de volta para a terra de origem. Após vinte anos entre Canadá e Brasil, voltou para Shiraz, onde nasceu, passou a infância e a adolescência, até fugir de lá em 1982, em plena guerra Irã-Iraque.

Ele amava os Beatles e as estrelas pop iranianas Googoosh e Dariush, antes de a música ser banida pelos aiatolás. Filho de um comerciante de tapetes, cresceu entre jogos de futebol, torneios de xadrez e passeios pelas ruínas de Pasárgada e Persépolis. No limiar da idade adulta, participou das manifestações estudantis para derrubar o xá Reza Pahlevi e colocar em seu lugar o aiatolá Khomeini, que do exílio liderou os levantes.

O rapaz não contava que os novos mandatários interpretariam o *Alcorão* ao pé da letra, restringindo cada vez mais os direitos civis. A intolerância político-religiosa inviabilizou a vida de quem não obedecia à lei islâmica nem se alistava na guerra contra o Iraque, que invadiu o Irã sob o comando de Saddam Hussein e o apoio maciço dos

Estados Unidos. Kurosh preferiu evitar as carnificinas em que se transformaram as frentes de combate. Viu os amigos serem dizimados pelo fanatismo, enquanto ele se distanciava da fé. Sua namorada era masdeísta, seguidora de Zaratustra. Por isso, quando a história assumiu proporções trágicas, decidi que chegara a hora de partir. Começava então sua epopeia.

Kurosh, que em *farsi* significa Ciro, nome do célebre rei, aventurou-se rumo à Turquia e acabou preso e torturado. Retornou à cidade natal, mas não desistiu, resolvendo atravessar a cordilheira infestada de lobos famintos. Guiado pelos curdos, afinal alçou voo em direção a outros horizontes.

Com base no depoimento dele, procurei não apenas relatar o drama dos jovens obrigados a emigrar para fugir de um destino predeterminado, mas também investigar a antiga Pérsia, percorrer seus monumentos na tentativa de responder como o onipotente império de Dario e Xerxes se transformou em uma república islâmica fundamentalista.

Após sua partida, mantivemos contato por e-mail, mas nada se compara a ver a pessoa ao vivo e em cores. Uma enxurrada de perguntas vinha à minha cabeça. Como morava? Em que estaria trabalhando? Sentia saudades do Brasil? Havia se adaptado às normas ditadas pelo islamismo, após uma convivência de duas décadas com a permissividade tropical?

A jornada começou em Esfahan. Junto com um amigo, tentei comprar passagem de avião na agência próxima ao hotel. Em vão. Tudo lotado. Ao invés de gastar apenas quarenta dólares por menos de cinquenta minutos de voo, teria de enfrentar uma longa viagem rodoviária. Garantiram conforto suficiente para dormir e acordar apenas no destino final. Doce ilusão. O ônibus era apertado, malcheiroso, e as poltronas, duras. Ao lado, o veículo partindo rumo a Teerã exibia cadeiras macias recobertas por uma impecável capa branca. A diferença era gritante e me senti como o personagem de um filme de Woody Allen que, num vagão de trem superlotado, assiste a composição ao lado deslizar sobre trilhos silenciosos. Lá dentro, pessoas bonitas como as que frequentam as capas de revista serviam-se de champanhe e caviar...

Sem alternativa, preparo-me para encarar o trajeto feito sem a mínima pressa. Logo que saímos o ajudante começa a dar ordens. Muda as pessoas de lugar de modo que fique homem com homem e mulher com mulher. Todos obedecem, sem questionar os critérios nem os maus modos dele. Por sorte, sobra uma poltrona que, por intermédio de um intérprete improvisado, compro por mais cinco dólares. Assim posso espichar as pernas durante a noite mal dormida. Com o dinheiro, ganho sem a contrapartida de um recibo, o motorista faz a festa. Desce numa venda da beira da estrada e regressa carregado de sacolas repletas de tâmaras e doces recheados de pistache, os famosos *gaz*, espécie de torrão macio por fora e crocante por dentro.

Lá fora a paisagem é monótona e previsível. A viagem transcorre lenta, um verdadeiro massacre. Desembarcamos aturdidos e confusos para aguardar o cunhado do nosso anfitrião, que levaria mais de quarenta minutos para nos recolher na estação

rodoviária.

Fazemos o *check in* no melhor hotel de Shiraz, com um pequeno jardim interno e todo o conforto que meu corpo dolorido e maltratado desejava. Após uma soneta restauradora, iniciamos o percurso pelas redondezas. Antes da islamização, Shiraz produzia vinho cuja cepa, exportada, batiza uma marca mundialmente reverenciada. Hoje suas videiras destinam-se à uva-passa e ao suco da fruta. No passado, desempenhou um importante papel no período aquemênida. A construção de Persépolis e de Pasárgada, que serviram às principais cerimônias político-religiosas, bem como a necrópole real de Naqsh-e Rostam, refletem o caráter sagrado da região em tempos remotos. Foi também um ponto de parada e descanso para as caravanas de camelos na rota que ligava o interior ao porto de Bushehr, no golfo Pérsico.

Ao norte de Fars, os montes Zagros elevam-se a mais de três mil metros de altitude. Ao sul de Shiraz, eles diminuem progressivamente, formando bacias bem adaptadas à cultura de cereais, parreiras e algodão. Outrora conhecida como o “Jardim da Pérsia”, terra natal dos poetas Hâfêz e Saadi, a capital da província resente-se do calor e da falta de chuvas, que tornam as montanhas ao redor arenosas e amareladas, dando uma impressão desoladora. Que não se deixe iludir o viajante. Em parques públicos muito bem cuidados como oásis num deserto, rapazes e moças passeiam entre ciprestes e laranjeiras em flor.

Ao contrário de Esfahan, que se exhibe sem pudores aos olhos gulosos do visitante, Shiraz se esconde em pequenas conchas a serem abertas uma a uma. A visita começa pelos pavilhões do século XIX Bâgh-e Erâm e Bâgh-e Narajestân, delicados edifícios cujas fachadas refletem-se nos espelhos d’água que os cercam. No velho bairro real de Zend, está a cidadela de Karim Khân. Do prédio da época Qâdjâr, atualmente ocupado pela burocracia municipal, só se visita o pátio interno com um pequeno jardim, além do pavilhão transformado em museu exibindo bonecos de cera vestidos a caráter. A cena mostra o soberano recebendo as reverências dos embaixadores estrangeiros que se curvam ante o monarca.

Do mesmo período é a mesquita Vakil, ou do Regente, ao lado do bazar. O título foi adotado por Karim Khân ao subir ao trono por achá-lo mais modesto do que o habitual “xá”. A decoração interna de pastilhas rosa e verde, característica da escola de Shiraz, contrasta com a elegância sóbria dos seus 48 pilares de mármore esculpidos em espiral, formando um conjunto harmonioso e de extremo bom gosto. A poucos metros dali, com entrada discreta, o *hamman* do Vakil, um daqueles tradicionais banheiros públicos tipicamente árabes, foi transformado num concorrido restaurante após intervenções de restauro. Mantém sua arquitetura original e vale uma visita.

No bazar do Regente, a gente se perde e se encontra. Os aromas das especiarias e o brilho dos metais nos envolvem de um jeito sensual e lânguido. Para um chá no singelo café à beira de uma fonte interna e meus olhos se deliciam sem parar. Eles recaem sobre as mercadorias espalhadas e depois seguem uma banca de moedas e dinheiro antigo, onde compro por cinco dólares uma nota de vinte mil riais com a

efígie do deposto xá Reza Pahlevi. O perfume da bebida, misturado ao cheiro que escapa dos narguilés, deixa uma inusitada sensação de que flutuamos num espaço de magia.

Então penso no intelectual e ativista da causa palestina Edward Said (1935-2003). Segundo ele, mais do que um nome geográfico, o Oriente é uma invenção ocidental, um selo que marca as civilizações a leste da Europa sob o signo do exotismo e da inferioridade. Como escapar a tantos clichês sem negar o fascínio que aquilo tudo produz? Com essa pergunta na cabeça, ainda passo pelo mausoléu Shâh Cherâgh, lugar de peregrinação para os muçulmanos xiitas. Facilmente reconhecível de longe pela cúpula em formato de bulbo e o minarete de teto dourado, ele guarda, lá dentro, o esquife do irmão do imã Rezâ, morto em Shiraz em 835.

As construções iniciais erguidas em sua honra datam do século XIII e foram modificadas ao longo do tempo. No século XIX, um terremoto destruiu o domo original, refeito como se vê hoje em dia, com seu formato particular e os amplos motivos florais em bege e turquesa.

Vejo tudo isso guiada por um estudante que mal batuca o inglês e parece não se comover com o peso da história iraniana. Traz consigo a tiracolo a namorada, pois a oportunidade de passar dias sob a “supervisão” respeitosa de dois estrangeiros era imperdível. A moça também maltrata o idioma com o qual tentamos nos comunicar. Ela tampouco se interessa pelos monumentos que nos fascinam. “É só um monte de pedra”, diz com desdém sobre os baixos-relevos de Naqsh-e Radjab, próximos às ruínas de Persépolis. Com mais de dois mil anos, mostram duas investidas, a de Ardêshir I (224-241) e de Shâpur (241-272), além de uma representação deste último a cavalo, seguido por um grupo de soldados a pé, tudo encimado por uma inscrição em pávli e grego.

9. Outra civilização

Migrantes da Ásia Central e do subcontinente indiano começaram a chegar ao que é hoje o Irã há quatro mil anos. Eram motivados por uma combinação de esgotamento de recursos naturais e pressão de hordas saqueadoras vindas do Norte e do Leste, entre elas os arianos, cujo nome deu origem ao topônimo Irã. Devido à sua localização estratégica, rota entre a Ásia, a Europa e a África, foi palco de várias invasões de inúmeros grupos nômades. Os arianos (persas e medos) se estabeleceram na região em 1500 a.C. Quem teve a iniciativa de unir esses grupos foi o legendário Ciro. Um dos mais talentosos visionários de todos os tempos, ele concebeu a ideia de um império baseado na área de Pars, mais tarde denominada Fars.

Ao subir ao poder em 559 a.C., o monarca, bisneto de Aquêmenes, iniciou uma brilhante campanha que pôs sob sua autoridade outros líderes do vasto planalto iraniano. Alguns ele submeteu por meio da guerra, outros da persuasão e da conciliação de interesses, sendo lembrado pela relativa brandura com que tratava os súditos. De fato, neste período, os governantes aquemênidas caracterizaram sua administração pela

tolerância com as diferentes culturas e religiões dos povos vassalos, pois entendiam esta como uma forma mais segura de construir um Estado duradouro do que o tradicional recurso à opressão, ao terror e aos massacres. Construíram um sistema de correios eficiente e estradas ligando as principais cidades, que também se destinavam ao comércio do Egito e da Europa com a Índia e a China, do qual a Pérsia se beneficiou enormemente.

As vitórias de Ciro foram levadas adiante por seu filho Cambis II, que investiu contra o Egito. Sob Dario, porém, o reinado alcançou o apogeu, tanto em extensão territorial quanto em poderio político. Ele submeteu a Trácia e consolidou-se na Anatólia. Anexou diversas colônias gregas da Ásia Menor, entre elas, Mileto. Com a ajuda de Atenas, estas tentaram libertar-se do domínio persa, promovendo uma revolta que levou Dario a lançar seu temido exército sobre a Grécia continental, dando início às Guerras Médicas. Após uma longa campanha, os atenienses e platenses, chefiados por Milcíades, conseguiram rechaçar os persas na planície de Maratona.

Passados dez anos, Xerxes, filho de Dario, comandou em 480 a.C. uma invasão à Grécia com um exército de 180 mil homens, de longe o maior efetivo até então visto na Europa. Algumas cidades gregas, lideradas por Atenas e Esparta, formaram uma coalizção para enfrentar o inimigo. Inicialmente, os persas venceram no desfiladeiro de Termópilis e em Artemision. A frota ateniense, porém, liderada por Termístodes, destruiu os navios persas em Salamina, mudando o rumo da guerra. Meses depois, chefiado pelo espartano Pausânias, o exército da coalizção grega saiu-se vitorioso em Plateia, pondo fim à ocupação. Enfraquecidos, os persas viram seu último rei aquemênida, Dario II, ser assassinado em 330 a.C. por um dos sátrapas (governador de província). O golpe mortal foi desfechado por ninguém menos do que Alexandre, o Grande. Ele invadiu a Pérsia em 334 a.C., e, na sua sanha destruidora, saqueou e incendiou Persépolis. Há boatos de que quando tomou o trono da capital sagrada, seus pés ficaram balançando ao ar como os de uma criança, deliciado com a sua espetacular conquista.

Não era para menos. Elevando-se majestosamente no deserto meridional do Irã, recortadas no pano de fundo das montanhas distantes que aumentam a dramaticidade da cena, as fantásticas ruínas de Persépolis são testemunhas irrefutáveis da grandeza da Pérsia que, no auge, estendia-se desde o Egito até a Índia. Por volta de 550 a.C., os persas formavam uma das civilizações mais prósperas e sofisticadas da Mesopotâmia.

Percorro a suntuosa capital do império, construída por Ciro, Dario e Xerxes, cujos nomes ainda reverberam na história. Paro diante das gigantescas estátuas de touros alados que guardam as Portas de Todas as Nações, por onde os príncipes dos Estados vassalos passavam a cada Ano Novo, em Noruz, para prestar tributo aos seus senhores, os reis dos reis.

Feriado zoroastra no
calendário islâmico

Noruz, cuja denominação deriva do livro *Avesta* e significa “novo dia

ou alvorecer”, é o festival que começa no equinócio da primavera, quando o dia e a noite têm a mesma duração. Considerado o Ano Novo iraniano, começa entre 20 e 21 de março, na hora em que o sol entra em Áries. Profundamente enraizado nos rituais do culto zoroastra, sempre foi tolerado pelo islamismo por se tratar de uma tradição persa de pelo menos três mil anos. Tanto que nem os invasores mongóis e turcos tentaram abolir o costume arcaico em favor de alguma outra festividade. A revolução de 1979 procurou, sem sucesso, apagar esses resquícios “pagãos” da cultura iraniana. O Noruz segue como o mais importante feriado, estendendo-se por duas semanas, durante as quais o país virtualmente para.

No primeiro dia as famílias reúnem-se em torno da toalha florida sobre a qual repousam sete objetos ou pratos iniciados com o som de “s” para trazer riqueza e alegria. Colocam potes de *sib*, *sabzeh*, *somagh*, *sir* e *samanu*, respectivamente maçã, brotos de trigo, tempero usado no *kebab*, alho e um tipo de sobremesa feita com nozes. O *livro sagrado*, um espelho, um pequeno aquário com peixinhos dourados e ovos cozidos coloridos, além de pão e *culche va masghati*, os doces confeitados, complementam o arranjo.

Ao longo do feriado, parentes, amigos e vizinhos visitam-se durante o período que termina no 13º dia da primavera. Os mais jovens vão prestar homenagem aos mais velhos, em visitas curtas de meia hora para que dê tempo de ver todos os mais idosos, entre tios e avós. Eles são recebidos com tortas, biscoitos, frutas frescas e secas, nozes e chá, e trocam presentes entre si.

O mensageiro da estação é Haji Pirooz ou Haji Firuz. Ele simboliza o renascimento de Domuzi, o deus sumério do sacrifício, que é morto e ressurge como o Menino Jesus dos cristãos. Usando maquiagem preta e trajés vermelhos, Pirooz canta e dança pelas ruas acompanhado de tamborins e trompetes, espalhando bons presságios para a etapa que se inaugura com risadas e ousados saltos sobre fogueiras, bem ao gosto dos iranianos, que são um povo afetivo e festeiro.

Encerrando as festas, o 13º dia chama-se *Sizdah Bedar*, significando “13 fora de casa”. As pessoas fazem piqueniques em parques e praças, sempre ao ar livre, e aproveitam para devolver à Natureza, num gesto simbólico, o broto de trigo para fertilizar a terra e levar embora os maus fluidos. A origem dessa tradição vem da crença dos persas antigos de que as doze

constelações do Zodíaco controlam os meses do ano. Cada uma delas preside por um milênio, ao fim do qual tudo colapsaria, mergulhando o universo no caos. Assim, as celebrações duram doze dias, sendo que no 13º a população sai de casa para evitar os maus fluidos associados ao número. Intuo que talvez derive daí a tradição disseminada em todo o mundo identificando o treze como portador de má sorte.

A majestosa Apadana, ou salão de audiências, em que os príncipes se ajoelhavam diante dos soberanos mortos, tinha o comprimento de três campos de futebol. Meus olhos seguem as colunas ainda em pé, das cem de mais de vinte metros de altura que sustentavam o teto. No subterrâneo, um sistema de encanamentos garantia o saneamento básico, servido pela água do imenso reservatório elevado esculpido aos pés da montanha. No solo, as enormes pedras usadas para o nivelamento eram unidas por juntas de metal.

De lá, passeio pelas duas escadarias que conduzem ao salão decorado com entalhes sobre o rito anual da obediência, no equinócio da primavera. Eles mostram os governantes dos Estados vassalos enfileirados diante do líder supremo, cada um levando o presente que simboliza a riqueza de sua província. Os elamitas, que viviam a leste do rio Tigre, trazem o leão para simbolizar ferocidade. Já os aracotas da Ásia Central oferecem camelos e ricas peles; os armênios, um cavalo e um vaso de delicada feitura; os etíopes, uma girafa e uma presa de elefante; os somalis, um antílope e uma carruagem; os trácios, escudos e lanças; e os jônios, peças de fazenda e pratos de cerâmica. Os árabes conduzem um camelo; os assírios, um touro; os hindus, um asno carregado com cestos trançados. Todos esses tributos eram depositados aos pés do Rei dos Reis, o monarca cujo poder emanava da Pérsia até os limites do mundo conhecido. Nos entalhes, a diferença de altura entre o rei e os líderes das comunidades rivais é tão notável que parece que seus subjugados eram anões.

Ainda mais perturbadores na sua imponência lúgubre são os túmulos dos reis aquemênidas, a sete quilômetros ao norte. Escavadas nas falésias brutas, as tumbas de Dario I e três dos seus sucessores fizeram do sítio arqueológico Naghsh-e Rostam uma das visões mais impactantes de toda a minha estada no Irã. Com a fachada em forma de cruz, têm uma abertura no centro que dá acesso às câmaras mortuárias lá em cima, inacessíveis aos turistas. A parte inferior da cruz não tem ornamentos, mas a seção horizontal, onde fica a fenda de entrada, é decorada com colunas, enquanto a porção superior traz representações do rei ao lado do altar do fogo, sustentado pelas nações conquistadas. Entre as tumbas, também esculpidos diretamente na rocha, oito baixos-relevos sassânidas mostram combates equestres, investidura de um rei e a vitória de Shâpur I sobre Roma. Dizem que é a única imagem existente a mostrar um soldado romano ajoelhado, em postura de submissão, diante de um monarca de outro império.

Em frente às tumbas aquemênidas, ergue-se uma torre quadrada, a Kaaba de Zaratustra, que guardava o fogo sagrado na época de Dario I, há quase 2.500 anos. Não

cheguei a visitar Pasárgada, a setenta quilômetros dali. Dizem os guias que os vestígios desta cidade, cujas antigas funções não estão bem definidas pelos arqueólogos, são menos preservados. Estão dispersos por uma vasta área, sendo aconselhável o uso de um automóvel para se locomover sob o sol escaldante. Porém, levei o livro de Manuel Bandeira para tentar compreender como o Irã, metaforicamente representado por Pasárgada, é de fato “outra civilização”.

A chegada do islã

Nos dez séculos seguintes aos reis aquemênidas, em que três dinastias se sucederam, os persas aprofundaram o sentimento de orgulho e nobreza. Floresceram assimilando influências dos vizinhos Grécia, Egito e Índia, que, no entanto, sofreram reformulações para se adaptar ao marco da fé zoroastriana. No século iii a.C., começaram a retornar ao ápice do poder mundial, numa escalada que lembrava a glória dos antigos imperadores, capturando Antioquia, Jerusalém e Alexandria e chegando às muralhas de Constantinopla. Sofreram um revés nas mãos dos bizantinos em 626, mas a maior derrota ainda estava por vir. Poucos anos depois, um novo exército surgido na desértica Península Arábica se voltou contra a Pérsia. Os árabes vinham equipados não apenas com as armas de guerra tradicionais, mas também com uma nova religião, o islã.

A invasão de um povo que aos ilustrados persas parecia bárbaro representou um ponto de inflexão decisivo na história do país, selando sua sorte. Com o exército desgastado pelas longas campanhas, os líderes haviam migrado do que os zoroastrianos classificavam como o reino da luz para o reino das trevas, e mesmo seus sacerdotes haviam se divorciado das massas. Enquanto a população empobrecia, uma corte voraz impunha impostos cada vez mais altos. A tirania despedaçou o contrato social que a doutrina zoroastriana diz ser o fundamento da vida organizada. Por critérios tanto políticos quanto religiosos, os reis sassânidas, a última dinastia pré-islâmica da Pérsia, haviam perdido o direito de governar. A impiedosa lógica da história ditou que eles fossem aniquilados por um povo em ascensão, inflamado por uma crença apaixonada em seus líderes, sua causa e sua fé. Tanto que, ao alcançarem Ctesifonte no ano 638, a suntuosa capital da Mesopotâmia usada como centro decisório sassânida, os conquistadores árabes saquearam o palácio local ornado com estatuária de ouro e prata e fabulosas coleções de joias. Do salão de audiências, confiscaram um tapete de seda de oito metros quadrados

retratando um jardim florido incrustado de rubis, pérolas e diamantes, metáfora do fausto do império. Remeteram o tesouro para Meca, onde os líderes muçulmanos o despedaçaram como prova do seu desprezo pelos bens terrenos.

Após a excursão, volto ao hotel e me preparo para o encontro com Kurosh. Ele vem me pegar para jantarmos na casa dele. Casou-se com uma médica e trabalha como farmacêutico. Minha curiosidade cresce. Pego o elevador com o coração a mil. Quando as portas se abrem, já consigo distinguir os cabelos escuros que emolduram um rosto bonito. Noto que engordou, como fazem os burgueses satisfeitos e acomodados. Eu me aproximo, ele sorri e estende a mão.

“Você está iraniano demais pro meu gosto”, provoco, abraçando-o abertamente no saguão repleto de estranhos.

Constrangido, ele varre com a vista ao redor como para se certificar de que ninguém notou meu gesto efusivo. Por um instante, eu esquecera das proibições. Entramos no carro e ele vai me contando sobre a nova vida. Seu português adquiriu um sotaque mais acentuado, por falta de prática. No trajeto, fazemos uma breve parada num armazém, onde aproveito para comprar duas enormes latas de chá e caixas de açúcar com sabor canela e açafrão. Retornamos ao automóvel e após uns dez minutos dirigindo por ruas tortuosas de um bairro residencial de classe média paramos diante de uma parede caiada de branco.

A casa é geminada de ambos os lados e logo à entrada tiramos os sapatos. Sua esposa, de tez clara e cabelos louros, me recebe com um sorriso. Domina o inglês com perfeição e manda que eu retire o *hijab*. Faço isso com gosto, livrando-me também da calça por debaixo do vestido. Quase esquecera como é agradável ficar com a roupa comum, sem os apetrechos que tolhem os movimentos e nos deixam o tempo todo, para o bem e para o mal, conscientes da nossa “condição” de mulheres.

Enquanto terminam de preparar o *polo*, arroz com frutas secas acompanhado de brochete de carneiro, temperado com estragão e servido com molho de menta, tento a internet do quarto do casal. Gasto mais de uma hora na conexão discada e desisto. É necessária uma paciência milenar para perseverar e conseguir estabelecer comunicação com o exterior. Olho ao redor e estranho a cama com almofadões e bichinhos de pelúcia.

Ocupo uma poltrona que faz par com os sofás pesados de estrutura de madeira, com um tecido de seda amarelo berrante, que compõem a mobília da sala. Ao meio, uma mesinha com enfeites de cristal semelhantes aos da antiga casa dos meus pais está sobre um tapete brilhoso também recém-comprado. Noto as paredes repletas de quadros de gosto provinciano que, como todo o ambiente, estão tinindo de novos. Antes, lavo as mãos no banheiro que, para meu alívio, tem vaso sanitário “ocidental”. Sento-me à mesa e saboreio o prato bem temperado, servido com pão, refrigerante e chá preto. Na escolha dos talheres também observo um sinal de deferência à presença

de uma estrangeira como eu, pois adicionam facas aos tradicionais colher e garfo usados tanto em casa quanto nos restaurantes.

Ao final da refeição, enquanto a irmã e a esposa lavam a louça, Kurosh acende um charuto e percorre a casa para mostrar os cômodos, satisfeito consigo mesmo. Conta que planejam ter um filho. Nessa hora eu me pergunto como ele, que frequentava um meio de jornalistas e cinegrafistas no Brasil, passava os fins de semana na praia entre mulheres vestidas em trajes minúsculos, participando de rodas de samba com muito batuque, baseados e caipirinhas, consegui se adaptar a um estilo de vida pacato e aparentemente sem grandes perspectivas. Ao me despedir dele naquela noite, procurei, mas custei a rever, o antigo brilho de tenacidade nos olhos negros. Não encontrava mais a força de vontade nem a ousadia que fizeram um jovem de vinte e poucos anos abandonar tudo para percorrer terras longínquas e desconhecidas. O rapaz destemido, quase um herói de história em quadrinhos, transformara-se num homem plácido e satisfeito com um cotidiano modesto e previsível. Kurosh agora era apenas Ali. Mais um no meio da multidão uniforme, com horizontes estreitos e despreziosos.

Com tais pensamentos, refiz minha mala de mercador. Estava carregada de especiarias, caixinhas de madeira, roupas étnicas adquiridas no bazar, almofadas pintadas a mão, munitapes persas, um narguilé com seus apetrechos e fumo, chás variados, caixas e mais caixas de *gaz*, o doce típico, além de outros badulaques. Antes de rumar para o aeroporto, nosso guia improvisado ainda nos levou a um passeio de despedida no fim do domingo ensolarado. Ele dirigiu até a entrada de Shiraz, onde um pavão gigantesco, que remete à ave-do-

-paraíso, saudava os forasteiros ao centro do Qoran Gate, ou portão de boas-vindas. É montado em uma armação de ferro que suporta a vegetação do corpo da ave cuja cauda se espalha pela praça Tavoos, bem na confluência da autoestrada com a avenida ligando os arredores ao centro da cidade. Estacionamos e fomos subindo a colina ajardinada transformada em parque. Já nas calçadas que dão acesso ao local, famílias inteiras faziam piquenique enquanto crianças brincavam ao redor. Como sempre, ao pararmos para olhar, éramos imediatamente convidados a sentar e compartilhar com eles o lanche da tarde. Gentis e sorridentes, de novo perguntavam sobre o Brasil e o que achávamos do país. Pessoas humildes, quase não falavam inglês, mas tínhamos ali o nosso intérprete disposto a traduzir o diálogo que se estenderia por horas a fio se dependesse apenas delas. Seguimos montanha acima e passamos pela tumba de Khwaju Kermani (1280-1352), poeta famoso, muito popular pelos versos em forma de *gazzal*. Pelas alamedas, rapazes e moças pareciam namorar discretamente, fazendo de tudo para não levantar suspeitas nem a ira da polícia. Ao longo do caminho, estandes alugavam narguilés e, no topo, uma simpática casa de chá também oferecia o produto, que fumamos recostados em estrados forrados por tapetes *kilim*. Lá de cima usufruímos uma vista privilegiada e quase me senti como se estivesse no parque Ibirapuera, não fossem as roupas encobrindo o corpo inteiro e o véu que não permitia um mínimo banho de sol.

De volta ao hotel, carreguei minha bagagem para o saguão e disse adeus ao guia,

que tinha um compromisso familiar dali a instantes. Preparei-me para rumar ao aeroporto e pegar o avião para Teerã, onde faria uma conexão Paris-São Paulo. Outras emoções fortes me aguardavam. Devido à hora do *nish*, tive enorme dificuldade em encontrar um táxi. A maioria dos que paravam se recusavam a enfrentar o trânsito até o aeroporto. Finalmente, um deles aceitou. Hesitante, entrei num carro velho e visivelmente em péssimas condições. A porta mal abria e a bagagem não coube no porta-malas. No lugar da chave de partida, vi uma ligação direta. Fingi otimismo, mas após alguns quilômetros, o motor engasgou e paramos na beira da estrada. Procurei explicar que não dispunha de tempo, mas o motorista apenas balançava a cabeça: “Me, no English, me no English”.

Aparentando uns setenta anos, o taxista pegou na caixa de ferramentas a chave de fenda com a qual tentava desparafusar um dos fios da ligação direta. Então acendeu um isqueiro próximo ao volante, aqueceu a ponta dos fios e fez uma emenda. A operação demorava, as mãos tremiam, mas ele não demonstrava a mínima pressa. Os minutos escorriam no meu relógio de pulso e ele não se abalava: “Sorry, me no English”, repetia sem cessar ante meus apelos mudos.

Desolada, sentei no fundo do banco. Nada havia a ser feito. Passaria a noite na estrada e perderia o voo para o Brasil. Fechei os olhos e revi os lugares por onde andei. As imagens misturavam-se aos odores do bazar de Shiraz, ao burburinho das ruas, ao calor envolvente das paredes da mesquita de Sexta-feira no entardecer do céu tingido de amarelo-ouro e à magia da praça central de Esfahan. Para mais não tive tempo. Com um baque surdo, o motor pegou, o bom homem bateu a porta e foi dirigindo até o aeroporto.

Lá dentro, enquanto me livrava dos derradeiros riais, torrando-os em pequenas réplicas dos touros e animais alados de Persépolis, descubro que meu voo estava sete horas atrasado. Com isso, eu perderia a conexão na capital. Em desespero, fui falar com o gerente. Ele examinou meus papéis e prometeu resolver o assunto. Tentei recuperar a calma, mas de repente ele desapareceu. Soube que fora rezar. Incrédula, resolvi comprar ali mesmo uma passagem de outra companhia que partiria em poucos instantes. Desembolsei quarenta dólares e, de posse do cartão de embarque, entrei na fila, levemente feliz em deixar aquela terra que, devido ao meu cansaço e *stress*, começava a taxar de “pouco civilizada”. Dali a minutos ouvi uma voz atrás de mim.

“Poderia me dar seu bilhete, por favor”.

Ergui os olhos e vislumbrei a figura do gerente, que acabara de sair das preces e vinha me procurar. Entreguei o papel e ele regressou trazendo o dinheiro da passagem que, por se tratar de um voo fretado, nem era reembolsável. Engoli em seco, retendo mais aquela lição. Definitivamente, concluí, os bárbaros éramos nós.

10. A sedução dos versos

Poucos lugares valorizam a literatura tanto quanto o Irã. Desde a antiga Pérsia, a

tradição poética faz parte do cotidiano das pessoas, que decoram versos e veneram os autores como se fossem heróis. Não por acaso, os túmulos de Saadi, morto por volta de 1290, e de Háfêz, que morreu em 1389, são visitados nos fins de semana e feriados por famílias inteiras e noivos no dia do casamento, que fazem preces, pedidos e atiram moedas ao espelho d'água dos jardins para trazer sorte. O de Saadi, na ponta do bulevar Bustân, ou avenida do *Pomar*, título de uma das suas célebres obras, tem colunas esguias. O monumento foi construído em 1952 para substituir o anterior, bem mais simples. Andarilho, ele viajou longamente pela Síria e Iraque e foi prisioneiro dos cruzados antes de se estabelecer definitivamente na terra natal. Todos sabem de cor os gazais, forma lírica curta que exprime o amor místico, do seu livro *Golestân*, ou *Jardim de Rosas*.

Já no mausoléu de Háfêz, erguido em 1935 em frente ao parque Meli, se vê um pequeno pavilhão revestido de pastilhas amarelas, brancas e marrom-claro. Os refrãos estão gravados sobre o esquiúfe de mármore do poeta da corte, nascido entre 1317 e 1326 na cidade que jamais abandonou. Sua obra está compilada no *Divân*, que traz quinhentos gazais, formato extremamente difícil de manejar devido à complexidade da métrica que obriga à limitação de apenas uma rima. Os temas principais incluem o amor, a celebração do vinho, a intoxicação e a hipocrisia dos que se pretendem os guardiões, juízes e próceres da moralidade, além de homenagens poéticas à sua terra natal:

Shiraz é ninho de lábios de rubi e manancial de beleza;

Sou um joalheiro sem dinheiro e vivo ansioso.

É uma cidade plena de olhares convidativos e em todo
[lado há beleza;

Mas eu nada tenho, ou de todas seria comprador.

Nesse contexto, a poesia é considerada a forma suprema de expressão literária, constituindo um dos aspectos mais ricos da criatividade persa. Fortemente influenciada na sua composição e vocabulário pela poesia árabe, ela resulta de uma literatura muito antiga, recolhida em parte do *Avesta*, o livro sagrado dos zoroastras. Os primeiros versos em persa propriamente dito apareceram por volta do século IX, aos poucos substituindo os dialetos locais para finalidades literárias.

A função oficial da poesia nas cortes explica o surgimento do estilo panegírico, escrito na forma de *qasida* para proclamar, segundo regras estilísticas bem definidas, as virtudes e a coragem do soberano. Entre os mais conhecidos nesse gênero estão Anvari e Khâqâni, mortos em 1187 e 1199, respectivamente.

Já a epopeia, que remonta ao pré-islamismo no livro *Avesta*, inspirou *Ferdowsi*, no século X, a elaborar o *Shahnameh*. Quatro vezes mais longo do que a *Ilíada*, levou 35 anos para ser escrito. O *Livro dos reis* narra a história nacional e a mitologia iranianas, desde a criação da Terra até sua conquista pelos árabes no século VII. Tem 990 capítulos e 56.700 dísticos, estrofes de dois versos. Num deles, um general se queixa: “Maldito mundo, maldita época, maldito destino/ Ser obrigado por árabes incultos a me tornar muçulmano”. Adiante, no mesmo épico, retrata Rostam, o comandante persa derrotado,

lamentando o infortúnio que vê à frente na guerra contra Touran, na Ásia Central:

Ó Irã! Onde estão os reis que te adornaram

De justiça, equidade e munificência, que te decoraram

Com pompa e esplendor; eles se foram?

Desde o dia em que os bárbaros, selvagens e rudes

Beduínos árabes venderam em segredo a filha de seu rei nas ruas

E no mercado de reses, não viste um dia luminoso e

Permaneceste oculto na escuridão.

O célebre episódio da morte de Sohrâb nas mãos de Rostam, seu pai, que ignorava a verdadeira identidade do filho, bem como a vingança do jovem príncipe Siavush, são os temas favoritos dos pintores de miniatura — uma arte milenar tanto quanto o hiper-realismo, que tem em Imán Maleki, discípulo de Morteza Katouzian, um dos expoentes. De enorme impacto, esses episódios são teatralizados durante o feriado de Ashura, relembando o flagelo de Hussein, o mártir do xiismo. Pelas ruas, atores mambembes emocionam a população, que chora diante das cenas trágicas, por vezes gloriosas ou patéticas, sobre a luta entre o Bem e o Mal e a lealdade dos vassalos, entre outros assuntos ligados à época sassânida, constituída em volta do planalto persa entre 224 e 652 d.C.. O mérito de Ferdowsi foi o de ter recolhido e registrado a tradição oral ainda vibrante, fresca na memória do povo, com o apoio de um corpo de colaboradores literários variado e talentoso. E, ao contrário da poesia persa lírica, cujo vocabulário transita pelo árabe, os versos de Ferdowsi conservam palavras arcaicas, próximas do pálvavi, usado durante o reinado sassânida. Como ele, popular também na Índia e na Turquia, o místico do século XIII Jalaluddin Rumi, nascido em 1207 na região hoje conhecida como Afeganistão, teve suas obras traduzidas mundo afora. Morto em 1273 em Konya, cidade central da Anatólia, na Turquia, rejeitava todo tipo de ortodoxia:

Não pertenço a nenhum credo ou religião,

Não sou oriental nem ocidental,

Muçulmano nem infiel,

Zoroastriano, cristão, judeu ou gentio.

Não venho da terra nem do mar,

Não sou parente dos de cima nem dos de baixo,

Não nasci longe nem perto,

Não vivo no Paraíso nem nesta Terra,

Não me digo descendente de Adão e Eva, nem dos anjos do céu.

Eu transcendo o corpo e a alma.

Minha casa fica além de um nome ou lugar.

Ela está com os entes queridos, num espaço além do espaço.

Eu contenho tudo e sou parte de tudo.

Também beirando a iconoclastia, os *nubaiyat* do matemático e astrônomo Omar Khayyam (1048-1123) ganharam notoriedade ao serem traduzidos no século XIX por Edward Fitzgerald. No *nubai*, o primeiro, o segundo e o quarto versos são rimados, mas o terceiro é branco. O nome *nubaiyat* é derivado da palavra de raiz árabe “quarteto”.

Já “Khayyam” significa fabricante de tendas, nome adotado pelo autor, nascido em Nichapur em 1048, em homenagem à profissão do pai. Além de versos, Omar escreveu o *Tratado de algumas dificuldades das definições de Eudides* e as *Demonstrações dos problemas da álgebra*. Em 1074, como diretor do Observatório de Merv, reformou o calendário muçulmano. Na versão em português de Alfredo Braga, as estrofes dos *nubaiyat* falam do vinho e amores, temas proibidos na lógica muçulmana.

Nunca murmurei uma prece,
nem escondi os meus pecados.

Ignoro se existe uma Justiça, ou Misericórdia;
mas não desespero: sou um homem sincero.

O que vale mais? Meditar numa taverna
ou prostrado na mesquita implorar ao Céu?
Não sei se temos um Senhor,
nem que destino me reservou.

Que pobre o coração que não sabe amar,
não conhece o delírio da paixão.
Se não amas, que sol pode te aquecer,
ou que lua te consolar?

Somos os peões deste jogo de xadrez
Que Deus trama. Ele nos move, lança-nos
Uns contra os outros, nos desloca e depois
Nos recolhe, um a um, à caixa do nada.

Parte 2

A terra do meio[3]

Há algo de especial sobre o Irã que muda a vida da gente. Refratado pela lente de uma nação milenar, o mundo ganha novo contorno quando visto dali. É como se a imagem antes desfocada, tal qual aquilo que enxergamos à distância, tomasse forma no ponto de convergência do Ocidente com o Oriente. Um fascínio que se reflete no rosto do viajante — é improvável não se encantar a cada passo dado no caminho por onde peregrinos, mercadores e viajantes atravessavam em caravanas há 2.500 anos. Em direção ao leste ou oeste, terras nórdicas ou os desertos do sul, os homens se cruzavam nesse miolo entre Europa, Ásia e África. Um vasto planalto, que nos mapas contemporâneos seria delineado em torno do Iraque, Paquistão, Afeganistão, Turcomenistão, Uzbequistão, Tajiquistão, Turquia, Jordânia, Chipre, Síria, Líbano, Israel, Egito e o Cáucaso, além do próprio Irã.

Num período marcado por guerras e povos bárbaros, a Pérsia emergia como uma vibrante e cosmopolita civilização, estabelecida sobre os alicerces do respeito pelas tradições, leis, idiomas e religiões dos grupos que cruzavam suas terras. “Quando da sua morte, Cirus havia mudado a face do mundo civilizado. (...) Isso introduziu um novo conceito de benevolência. Pela primeira vez, em grande escala, a força era usada para proteger, e não para degradar, a condição humana.”[4]

O orgulho dos tempos do império alimentaria o sentimento de superioridade por gerações e gerações de sucessores. Quando perguntados sobre sua origem ou que idioma falam, os iranianos respondem “persa”. E são os poetas ancestrais que eles idolatram: Rumi, Saadi, Omar Khayyam, Háféz, Ferdowsi. Este, autor do *Shahnameh* (ou o *Livro dos reis*), que retrata a história das várias dinastias até a conquista árabe, no século vii. Nos quase 60 mil versos do épico, Ferdowsi não usa palavras de origem estrangeira, exacerbando a identidade persa.

O legado nacionalista servira de escudo de proteção contra intervenções externas. Assim, os iranianos se mantiveram distintos dos demais povos da região, apesar de assimilarem coisa ou outra dos que cruzaram ou se estabeleceram em seu território. Isso explica, em grande parte, as contradições existentes no país transformado em república islâmica. De uma cultura milenar, mas ainda tão desconhecida. De um povo que cultua a poesia, mas é frequentemente confundido com radicais terroristas. De mulheres que ocupam a maioria das vagas nas universidades e postos de trabalho, mas são subestimadas como frágeis e oprimidas. Uma nação predominantemente jovem, porém, retratada por imagens de velhos homens de barba longa e turbante. Um país rico em petróleo, mas marcado pelo atraso imposto por sanções econômicas. Uma civilização de incontáveis contribuições para a humanidade, porém, julgada pelos acontecimentos dos últimos trinta anos, como se sua história se resumisse a isso.

Como o leitor descobrirá nas páginas seguintes, que compõem a segunda parte deste livro, foram três décadas de conturbadas relações políticas, ameaças nucleares, polêmica aproximação com o Brasil, prisões, protestos e sanções, mas também do primeiro Nobel da Paz concedido ao povo iraniano e a uma mulher, Shirin Ebadi. Um tempo durante o qual as iranianas enfrentaram a supremacia masculina supostamente imposta pela religião. Sob o véu, elas se valeram da cirurgia plástica para aprimorar traços do rosto, único recurso físico de sedução deixado à mostra. Estudaram, foram trabalhar fora, casaram-se, deram à luz e educaram as gerações pós-revolução, que representam o futuro do país. “Um lugar onde o que se vê não é. E o que é não se vê”, na definição de um diplomata brasileiro que vivera três anos no Irã. A terra do meio.

11. Na trilha dos aiatolás

A luminosidade de um painel fotográfico me atrai até a exposição no primeiro andar do centro cultural — muito mais perto de casa do que eu me encontraria meses depois, já em terras arianas. Na imagem, uma imponente cúpula de mosaico arabesco pincela o horizonte montanhoso com tons de azul-turquesa e verde-esmeralda, vermelho em menor quantidade. O pôr-do-sol intensifica o amarelado desértico do extenso casario em tijolos de barro cozido, dando ainda mais destaque ao brilho dos minaretes dourados e ao colorido das construções que lembram palácios. À frente, estende-se um jardim harmoniosamente arquitetado no entorno de um espelho d'água. Nele, refletidos os sorrisos de uma jovem sob colorido véu, um rapaz e duas crianças a brincar com a própria imagem. Que país seria aquele? No texto de apresentação da mostra, leio, surpresa: Irã.

Poucas vezes o país figurava em espaços fora das páginas da seção internacional dos jornais e revistas. E em raríssimas ocasiões o noticiário trazia algo de positivo ou belo. Daí o meu encantamento diante da simplicidade cotidiana retratada na foto, do sorriso no rosto dos meninos, da aparente calma e leveza do ambiente, emoldurado por um cenário magnífico. A vida privada e social, as tradições e costumes ancestrais, a poesia e espiritualidade herdada dos persas são aspectos pouco conhecidos da sociedade iraniana, ofuscada no cenário internacional por uma controversa política externa estabelecida desde a Revolução de 1979 — e à não menos questionável resposta das potências ocidentais.

Os Estados Unidos cortaram ligações com o Irã pouco depois da ascensão dos aiatolás ao poder. Em novembro daquele ano, a embaixada americana em Teerã foi tomada por um grupo de estudantes revolucionários. Eles sequestraram 63 diplomatas e empregados, dos quais 52 foram mantidos reféns por longos e tensos 444 dias. O novo governo islâmico, que a princípio condenou a ação, acabou por legitimar o sequestro ao entrar nas negociações. Os oficiais exigiam um pedido de desculpas da Casa Branca por tentar intervir nos assuntos internos do país e a deportação do xá Reza Pahlavi para que

fosse julgado no Irã. O monarca fugira duas semanas depois da invasão da embaixada, deixando livre o caminho para a ascensão de Khomeini.

Esgotadas as tentativas de negociação bilateral e os pedidos de outros países para que os reféns fossem libertados, o então presidente dos eua, Jimmy Carter, autorizou a execução de um plano de resgate, a chamada Operation Eagle Claw, em 24 de abril de 1980. Mas a ofensiva militar fracassou, custando dois aviões e oito vidas no que se transformou em um dos maiores vexames da história das Forças Armadas americanas. E, acredita-se, um dos principais motivos da derrota de Carter nas eleições presidenciais. O sequestro chegara ao fim em janeiro de 1981, no dia da posse do presidente Ronald Reagan, graças a um acordo entre eua e Irã mediado pelo governo da Argélia. O episódio, porém, marcaria o rompimento das relações diplomáticas entre os dois países pelos próximos trinta anos.

Entre os estudantes revolucionários, especula-se, estaria o presidente Mahmoud Ahmadinejad. Ele nega.

A primeira vez que vi Ahmadinejad foi nos corredores da sede da onu, em Nova York, em setembro de 2006. Para aumentar o conhecimento público sobre os principais assuntos discutidos nos dois meses da Assembleia Geral, a Associação de Correspondentes das Nações Unidas seleciona, todos os anos, quatro jornalistas de diferentes partes do mundo para cobrir in loco as reuniões, e eu fora a escolhida da América Latina. Nos primeiros dois dias do evento, quando os chefes de Estado discursam em plenário, uma multidão de homens altos e musculosos, vestindo invariavelmente terno preto, óculos escuros e ponto eletrônico no ouvido, invade o confuso emaranhado de salas com o objetivo único de dificultar a vida dos jornalistas. No abrir e fechar de portas, no entanto, pode-se ter a sorte (ou azar, diriam alguns) de topar cara a cara com homens como George W. Bush, seu antecessor Bill Clinton, o venezuelano Hugo Chávez, o então presidente francês Jacques Chirac... e Ahmadinejad.

O presidente iraniano vestia um paletó bege sobre uma camisa branca, desabotoada no colarinho. Lembro-me disso porque quase todos os outros líderes mundiais vestiam terno azul-escuro — talvez, para se diferenciar dos seguranças de preto — e gravata. Até Chávez, naquele ano, vestira o uniforme dos presidentes. Mas Ahmadinejad nunca usa gravata. Para ele, um símbolo do capitalismo ocidental — nenhum dos oficiais da comitiva iraniana vestia gravata, aliás. Na tentativa de lhe dirigir uma pergunta, levei uma cotovelada no queixo, e não foi de um daqueles homens altos, fortes, de terno, mas de um cinegrafista. É dura a vida de repórter. Quando consegui me aproximar, pude reparar apenas na vasta cabeleira negra sobre o corpo franzino e de estatura baixa do presidente iraniano. Não me parecia, àquela altura, alguém do tipo que ameaça a ordem e a paz mundial. Especialmente porque passava acenando e cumprimentando a todos com um sorriso fixo no rosto.

Havia um ano no poder, Ahmadinejad tinha então a seu favor uma crescente onda antiamericana, resultado do fracasso dos conflitos e denúncias de violações de direitos no Afeganistão e Iraque. No plenário da onu, a retórica anti-Bush monopolizou o

microfone, com críticas à diplomacia e ao unilateralismo da política externa americana e um palanque inflamado de Chávez, que comparou o adversário americano ao diabo. Mas, o embate verbal ficou entre Bush e Ahmadinejad em torno do programa nuclear.

Durante a coletiva de imprensa, na sala de conferência lotada de jornalistas do mundo todo, Ahmadinejad defendeu o enriquecimento de urânio para fins pacíficos. “Eles (potências ocidentais) não estão preocupados com a bomba. O que querem é impedir o desenvolvimento do Irã”, declarou, usando a lógica do nacionalismo persa, que certamente provocaria eco em casa. Sob a ótica dos iranianos, se Israel, Índia e Paquistão seguíam apoiados pelo Ocidente, inclusive com o fluxo de milhões de dólares do tesouro americano para seus cofres, por que não o Irã? Se o regime autoritário da China, apontado como um dos maiores violadores de direitos humanos, além de fabricante e exportador de armas para países como o Sudão, tem uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da onu, por que o mesmo órgão se volta contra o Irã? “Se os governos dos Estados Unidos e Reino Unido, membros do Conselho de Segurança, cometem agressões, ocupações e violam as leis internacionais, que organismos da onu podem responsabilizá-los?”, desafiou Ahmadinejad, referindo-se à tragédia das guerras no Afeganistão e Iraque.

Estados Unidos, Reino Unido, Rússia e França tampouco abrem mão de seu arsenal nuclear. E são estas, justamente, as quatro potências, além da China, com poder de veto no Conselho de Segurança da onu — ironicamente, órgão responsável por deliberar sobre ameaças à paz mundial. Naquele ano, Ahmadinejad conseguira adiar, pelo menos por algum tempo, a decisão sobre uma primeira rodada de sanções contra o Irã, como forma de pressionar o governo a desistir das ambições nucleares. As discussões estavam apenas começando no cenário internacional, diante da suspeita das potências ocidentais de que o programa de energia nuclear iraniano escondia a intenção dos aiatolás de obter a bomba atômica. Essa desconfiança agravaria ainda mais as já conturbadas relações com o Ocidente nos anos seguintes.

A propaganda antiterror desde os atentados de 11 de Setembro de 2001 contra as torres gêmeas, em Nova York, reforçava o estereótipo do radicalismo religioso levemente atribuído, de maneira generalizada, a todo o mundo islâmico. “É importante que as nações saibam que serão responsabilizadas pela inércia. Ou vocês estão do nosso lado ou contra nós”, disse George W. Bush, ao anunciar, em janeiro de 2002, o plano americano de luta contra o terror. Ele inaugurava, assim, uma nova era. A era de um mundo polarizado entre bons e maus, Ocidente e Oriente, com trágicas consequências para ambos os lados e para o mundo. Em sua ofensiva ideológica contra o terror, Bush incluiria o Irã em um “eixo do mal”, ao lado do Iraque e da Coreia do Norte.

O Afeganistão acabara de ser invadido por tropas americanas e, mais tarde, outras nações se juntariam à caça por Osama Bin Laden, o milionário saudita que supostamente orquestrara o 11 de Setembro. Bilhões em dólares e milhares de civis mortos mais tarde, Bin Laden seguia desaparecido. Em 2003, diante das afirmações públicas — que

hoje se sabem falsas — de Bush e do primeiro-ministro britânico Tony Blair de que o iraquiano sunita Saddam Hussein estaria produzindo armas de destruição em massa, teve início mais um conflito sem fim: a invasão do Iraque.

Ameaçado por Bush e surpreendido no centro de duas guerras, com o Afeganistão a leste e o Iraque a oeste, o regime iraniano ficou acuado. A geografia dos conflitos teve implicações diretas nas relações do Irã com o mundo. Cercado de ambos os lados pelas tropas armadas das nações ocidentais, o presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad adotou como arma o radicalismo, tanto na política externa quanto na interna. Entre os analistas internacionais, havia quem defendesse ser o programa nuclear iraniano apenas um blefe. Ou que o Irã só tornara o programa público junto ao Conselho de Segurança como estratégia de defesa contra uma possível invasão estrangeira.

A tensão por parte dos aiatolás se justificava no modelo de intervenção adotado pelos eua em embates passados na região. Em 1980, um ano depois da Revolução Islâmica, o exército de Saddam Hussein avançou sobre terras iranianas iniciando um conflito sangüinário que duraria oito anos e deixaria um milhão de mortos de ambos os lados. Saddam, o mesmo homem que, três décadas mais tarde, seria deposto por tropas americanas e enforcado, era então um aliado dos Estados Unidos que visava a desestabilizar o novo governo islâmico iraniano. A Saddam interessava aumentar o domínio na região e, como sunita, evitar a propagação no Oriente Médio do xiismo predominante no Irã. Os aiatolás souberam manejar as armas inimigas em favor próprio. Primeiro, divulgaram largamente os horrores da guerra e o uso de armas químicas sujas pelo Iraque, supostamente financiadas pelos Estados Unidos. As fotos de jovens queimados com ácido horrorizavam os iranianos, que se uniram contra a ameaça externa, facilitando em muito a instalação do novo regime islâmico no âmbito doméstico.

Embora não gostassem de Saddam, a invasão do Iraque, duas décadas mais tarde, e a consequente execução do ditador não foram bem vistas pelos iranianos. O uso de uma mentira para justificar a invasão, em 2003, alimentava a suspeita sobre os objetivos reais dos Estados Unidos com a guerra: o petróleo. E se o objetivo era mesmo esse, o próximo alvo seria fatalmente o Irã. O país detém a terceira maior reserva do mundo, atrás apenas do Iraque, já dominado, e da Arábia Saudita, considerado um aliado dos americanos no Oriente Médio.

Não seria a primeira vez que a disputa pelo petróleo motivaria a intervenção dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha no país, com negáveis consequências para o povo iraniano. Nos anos 1950, o Irã era um dos países mais abertos e modernos da região, onde as mulheres já dominavam áreas estritamente masculinas em outras partes do planeta, como a engenharia física, nuclear e espacial, e nas horas de folga tomavam sol de biquíni ao lado das estrangeiras na piscina dos hotéis. Politicamente, o país caminhava para uma democracia plena, tendo elegido diretamente o primeiro-ministro Mohammad Mossaddegh. Seu único erro foi tentar nacionalizar o petróleo, então nas mãos de empresas britânicas. Em 1954, Mossaddegh seria deposto em um golpe

patrocinado pela CIA, que devolveu o controle do país ao monarca xá Reza Pahlevi.

Nos vinte anos seguintes, os iranianos assistiram a uma tentativa de ocidentalização. O monarca chegou a proibir o uso do hijab em um país com 95% da população muçulmana. Do palácio do rei vinham notícias e fotografias de festas suntuosas oferecidas aos parceiros políticos ocidentais, regadas a champanhe francês servido em taças de cristal, enquanto a população empobrecia do lado de fora. É nesse contexto político, econômico e social que surge a figura de Ruhollah Khomeini. O mulá começava a ganhar espaço fazendo duras críticas ao governo e ao estilo de vida dos líderes monarcas. Carismático, Khomeini instigava os iranianos a reconquistar o próprio país, abafado pelo processo de ocidentalização promovido pelo xá, e prometia instaurar uma democracia islâmica.

O mesmo enredo, embora com diferentes personagens, desenrolara-se no vizinho Afeganistão, onde a agência de inteligência americana, a CIA, treinara e fornecera armas aos mujahedín (soldados de Deus) contra o Exército Vermelho da União Soviética, que em 1979 levava o comunismo ao país. Com a saída dos russos, dez anos depois, os mujahedín dividiram-se em grupos étnicos pelo domínio do país, iniciando uma guerra civil que duraria quase quatro anos e criaria o vácuo político ideal para a ascensão do Taleban. Eles nada mais eram do que jovens tirados das famílias, ainda quando crianças, e treinados para lutar ao lado dos mujahedín contra os russos.

Aos olhos dos aiatolás, os americanos eram capazes de transformar um aliado em seu mais novo inimigo, e vice-versa, do dia para a noite, dependendo dos interesses políticos vigentes. E a única arma contra isso seria uma ameaça atômica.

Nos anos seguintes ao anúncio do programa nuclear iraniano, os termos terrorismo, armas de destruição em massa, fundamentalismo islâmico e radicalismo dominavam o noticiário da imprensa mundial. Figuravam em nove entre dez notícias sobre o Irã, a décima sendo a opressão feminina. Por isso, talvez, aquela cena cotidiana, de uma vida que à distância parecia pacata e feliz, me impressionara tanto. O Irã era definitivamente um país a ser descoberto e isso me instigava.

“Férias no Irã? Você ficou maluca?”, reagiam amigos e familiares ao saber dos meus planos. Quase todos tinham para contar alguma história passada, que ouviram de terceiros ou tinham lido nos jornais, sobre o controle da imprensa pelos aiatolás.

Em 11 de julho de 2003, a canadense-iraniana Zahra Kazemi, de 54 anos, foi presa ao registrar imagens de um protesto de estudantes do lado de fora da prisão Evin, em Teerã, onde estão presos políticos, dissidentes e opositores do regime. Três semanas depois, estava morta. Autoridades iranianas declararam que ela sofrera um enfarte durante o interrogatório e um agente de segurança chegou a ser apontado como suspeito de tortura. Mas, em 2004, o Judiciário acabou por declarar a morte como acidental. Um ano depois, o médico iraniano Shahram Azam, ex-funcionário do Ministério da Defesa, hoje refugiado no Canadá, revelara ter examinado o corpo da fotógrafa que exibia, segundo ele, sinais “óbvios” de espancamento e estupro. Quando desembarquei pela primeira vez no Irã, em 2007, o assunto estava em pauta. A Corte

Suprema iraniana reabrir o processo da morte de Zahra, mas o caso permanecia sem conclusão.

Histórias como essa mantêm muitos jornalistas estrangeiros longe do Irã. As prisões, as mortes por execução e o fechamento de publicações de oposição ao regime têm sido extensamente denunciadas por organizações como a Repórteres Sem Fronteiras e o Comitê para Proteção dos Jornalistas (cpj). Por isso, consultei o repórter Lourival Sant’Anna, que esteve duas vezes antes no Irã, sobre os meus planos de viagem. “Existe a vida antes e depois do Irã. Vá sem pensar”, disse. Correspondente de guerra do Estadão, com experiência na cobertura de conflitos no Iraque, Palestina, Líbano, Geórgia, entre outros, ele me recomendara pedir o visto de jornalista, junto à embaixada do Irã em Brasília, embora eu fosse viajar de férias. “É um país fascinante. Você não vai conseguir ficar sem escrever.” Estava certo. Meses depois, eu desembarcaria em Teerã com o mesmo espírito de repórter que me acompanha sempre. Na volta, para a minha felicidade, a experiência acabara por render um caderno especial publicado por O Estado de S. Paulo. Além, é claro, deste livro.

O visto demora quase dois meses. Mas sai sem percalços ou questionamentos. Por causa do atraso, eu havia quase desistido da viagem, quando, poucos dias antes de embarcar para o Egito, minha primeira parada no roteiro que incluía também os Emirados Árabes Unidos, recebo na redação o passaporte carimbado: República Islâmica do Irã.

A exposição que me levava a seguir a trilha dos aiatolás, eu saberia muito mais tarde, era parte da mostra Imagens do Oriente. Em sua terceira edição, no fim de 2009, eu faria uma palestra sobre mulheres iranianas, com a experiência de já ter conhecido o país, além de ter realizado a primeira exposição individual de fotos do Afeganistão, onde estive em seguida, já fascinada pelos mistérios da Pérsia e do mundo islâmico. Mas isso é daquelas coincidências da vida para as quais não cabe aqui tentar achar explicação.

Como pode o homem escapar do que está escrito;

Como pode ele fugir do seu destino?

Ferdowsi (940-1020)

12. Rumo a Teerã

Na frente do espelho do quarto, no hotel em Dubai, eu seguro o cabelo para trás, como que para fazer um rabo de cavalo; torço os fios e enrolo num coque que tento prender com grampos. Desde a infância, no colégio, eu não usava grampos. Os fios compridos escorregam até os ombros, mais finos e lisos por causa do ar-condicionado. A sensação térmica lá fora é de 48 graus. Tento mais uma vez. E outra. Insisto. Uma última vez. Meus braços adormecem. Não sei colocar esse véu! Não consigo sequer amarrar os cabelos para trás! Um pouco irritada e muito atrasada, saio correndo sem nada sobre a cabeça.

Onde quer que eu vá, procuro respeitar os costumes locais e me adaptar a eles. Primeiro, porque a última coisa que um repórter pode querer, no exercício do trabalho, é chamar atenção. Especialmente, se for pelo motivo errado. Depois, é uma forma de demonstrar respeito pela cultura local e por aqueles que, gentilmente, nos abrem a porta de casa e histórias de vida. Mas confesso que a imposição do *hijab*, uma exigência legal do regime iraniano, causou-me certa sensação de estranheza e desconforto. Menos pelo véu — que, particularmente, acho um adereço lindo — e mais por ser um item imposto e não uma escolha sobre o uso de algo tão particular.

O *hijab* tinha sido comprado no dia anterior em um dos muitos shoppings de Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, onde o voo da estatal Emirates Airlines faz escala. Eu teria um dia na cidade e aproveitei para pedir uma entrevista com o vice-presidente e primeiro-ministro xeque Mohammed bin Rashid Al Maktoum, o “emir de Dubai”. A entrevista acabou não acontecendo — por falta de espaço na agenda dele, é claro. Mas a curta tarde com o assessor do governo, que me buscara no aeroporto, acabou por compensar o tempo perdido. Foi, para mim, uma espécie de ritual de passagem entre o Ocidente e o Oriente, onde eu pisava pela primeira vez.

Omar Saedi, do departamento de Imprensa Estrangeira de Dubai, fez questão de me mostrar a cidade, apontando os sinais do progresso sem igual na região predominantemente islâmica e movida a petrodólares — os Emirados Árabes Unidos e o Irã estão entre os maiores no ranking da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep). Passamos pela construção do prédio de 800 metros, “o mais alto do mundo”, que sobe à velocidade de um andar por semana. Os dois “maiores shoppings do mundo” ficam logo ali, ao lado de outra centena de espelhados empreendimentos como a Arab Tower, o “hotel mais alto do mundo”, com 57 andares sobre uma ilha e o subsolo submerso, de onde se pode observar a vida no fundo do mar do Golfo Pérsico. Mesmo em tempos de crise econômica, os salários estão aumentando porque ainda há mais oferta de trabalho do que mão de obra — uma lei, que acabara de ser aprovada, puniria com prisão o empregador que “roubasse” um funcionário de outro. E eu já me perguntava àquela altura por que, frequentemente, as notícias publicadas sobre essa parte do mundo no Ocidente quase sempre vêm acompanhadas da palavra “atraso”.

Terminada a apresentação oficial, era a minha vez de fazer perguntas. Com 85% da população de Dubai formada por estrangeiros de mais de cem nacionalidades, não é fácil encontrar um legítimo representante local. Omar é um simpático jovem, orgulhoso dos avanços do país e de sua religião. “Queremos ganhar dinheiro sob as leis do islã. Não há nada de incompatível nisso”, garante.

Aos 26 anos, ele acaba de comprar seu primeiro carro, um Mercedes-Benz dourado 0 km, com 457 cv de potência, o que para uma leiga do automobilismo, como eu, não quer dizer nada. Ele se apressa em explicar que o carro pode chegar à velocidade de 250 km/h em segundos; não fosse, é claro, o fato de o trânsito em Dubai ser monitorado via satélite. Basta uma barbearagem e a multa chega à sua casa. Sinais dos novos tempos. Há três anos, Omar casou-se com a prima no mesmo dia em que o irmão

dele se casou com a irmã dela, conforme decidido pelas famílias quando ainda eram crianças. Ecos dos velhos tempos.

Ele garante que é feliz assim. “O amor não é o que vocês, ocidentais, imaginam. Aquilo é ilusão. Amor mesmo nasce de uma amizade, do desejo de ter uma família e um futuro juntos, e se constrói com o tempo”, diz. “Você sabe, existe uma razão para todas as regras islâmicas. Por exemplo: nós não podemos beber porque, quando as pessoas bebem, elas fazem coisas muito ruins”, ele continua, enquanto trafegamos por uma avenida apinhada de bares e restaurantes, filiais de redes americanas e europeias. Dubai é assim, cheia de contradições. As diferenças culturais são aceitas em nome do desenvolvimento. Estrangeiras desfilam de minissaia ao lado de mulheres de *abayas*, a veste negra que cobre as muçulmanas locais dos pés à cabeça, deixando apenas os olhos de fora. Além do corpo, escondem roupas, sapatos e acessórios das mais luxuosas grifes internacionais que as árabes consomem como ninguém nas dezenas de shoppings da cidade.

Em uma loja do suntuoso Emirate Towers Shopping Boulevard, espaço de compras que vende de Prada a Armani, só para citar algumas marcas, avistei de cara seis olhinhos femininos percorrendo as várias “araras” de véus, por trás de suas *abayas*. Era tudo o que eu precisava. Aproximei-me das três mulheres e, para a minha felicidade, uma delas falava inglês. “Sou uma brasileira e jornalista e estou a caminho do Irã. Nunca tive de usar o *hijab* e não sei o que comprar. Você pode me ajudar?”, perguntei.

As três me acompanharam sorridentes até o vestiário, onde eu me tornei o centro das atenções e alvo das muitas gargalhadas femininas que se seguiram diante das inúmeras tentativas frustradas de colocar, sozinha, o *hijab*. Saí de lá com um pretinho básico, que eu poderia usar em volta do pescoço quando retornasse ao Brasil. Convidei as três mulheres para um café na rede americana Starbucks. Elas toparam.

Hafizah, a única que fala inglês e a mais velha entre elas, tem 25 anos, é casada há três e mãe de uma menina prestes a completar dois anos. Ela trabalha como designer de *abayas* — que, para minha surpresa, têm muitas diferenças. Bordadas, cravejadas de cristais Swarovski, lisas, desenhadas... Ao seu lado, estão a irmã caçula, Hasnah, e a “segunda esposa” do pai, Aminah. Eu pergunto se a mãe não se aborrece com o fato de o pai ter se casado com outra e a levado para casa. Comento que, de onde eu venho, não é permitido aos homens ter mais de uma mulher, embora muitos o façam. Ela solta uma gargalhada. “Pelo contrário, a minha mãe estava cansada do meu pai e deu graças a Alá por ele ter arrumado outra, que hoje faz todo o serviço da casa, enquanto ela vive como rainha. Nós todas nos damos muito bem!”, respondeu, sorrindo para a moça ao lado. “Hum...”, eu murmuro, um tanto incrédula. Mas penso: mulher que se cansa do marido, homem que troca a esposa por outra mais jovem e ex- que vive como rainha? Também há disso no Brasil.

De acordo com o *Alcorão*, o homem pode ter até quatro esposas. Isso não significa, necessariamente, que ele se relacionará com todas ao mesmo tempo. O que o livro sagrado do islã diz é que o homem não deve deixar desprotegidas as mulheres, sendo

dele a responsabilidade de mantê-las até o fim da vida, incluindo a mãe viúva e as irmãs solteiras ou também viúvas. “É por isso que os pais e irmãos querem nos casar logo. Nós damos muitos gastos”, diz a jovem por trás de seus óculos Dior.

Durante o café, a irmã mais nova de Hafizah quer saber se é verdade que, no Ocidente, os casais se beijam na rua, um ato para elas de intimidade tão grande quanto o sexo. Por isso, o estranhamento ao saber que, sim, é um ato público no Ocidente. Elas também tinham ouvido dizer que as mulheres no Brasil fazem muitas plásticas. À minha confirmação, Hafizah ironiza: “Depois vocês falam da ditadura do *hijab*. Ter de fazer ginástica e até cirurgia para manter um corpo perfeito para exibir no biquíni? E se a mulher engorda, o marido a abandona? Isso é que é ditadura!”, diz, referindo-se à da beleza. “Aqui, os homens não podem fazer isso com a gente, não.”

À noite, de volta ao quarto do hotel em Dubai, deitado a cabeça no travesseiro sem conseguir parar de pensar nas diferenças entre mim e aquelas jovens e em como o estranhamento inicial do choque de culturas é recíproco. Dou risada ao me lembrar da comparação entre o *hijab* e o biquíni, quando ouço tocar o telefone do quarto. “Senhora? Uma moça lhe espera na recepção.” Desço, um tanto reticente, já que não esperava por ninguém. No salão de entrada do hotel encontro Hafizah, a jovem designer de *abayas* que eu conhecera no shopping. Ela trazia a sacola de uma grife local com três tipos diferentes de *hijab*. “Desculpe incomodar, mas em casa fiquei me perguntando se havia lhe ajudado a comprar um *hijab* adequado. Eu não sei exatamente o que as iranianas usam, mas sei que o Irã é um país muito conservador”, explicou, debaixo de sua *abaya* preta, só com os olhinhos de fora.

O tecido de seda que eu escolhera, disse a estilista, poderia escorregar da cabeça, o que seria um escândalo num país onde o véu é lei. Temendo que algo de ruim me acontecesse, ela me trazia outras três opções, mais conservadoras, embora não exatamente discretas — um deles, era cor-de-rosa com bolinhas coloridas, feito granulado de brigadeiro. O formato faz lembrar aqueles gorros usados pelos pilotos de Fórmula 1, que se veste pela cabeça até o pescoço, deixando apenas o rosto descoberto. Um tanto sem graça por ter dado trabalho a Hafizah, eu agradei e perguntei quanto custariam. “São de presente, é claro! Eu não traria algo para lhe vender”, respondeu a jovem, visivelmente ofendida. Envergonhada, convido-a para um chá e retribuí o presente com um colar feito de sementes da Amazônia e uma camisa do time de futebol do Brasil, para ela levar para o marido.

Na manhã seguinte, antes de o sol nascer, saio do hotel correndo rumo ao aeroporto internacional de Dubai. Um tanto frustrada por não conseguir fazer parar nenhum dos modelos de *hijab* sobre a cabeça.

13. Aos pés de Alborz

O voo ek971 da Emirates Airlines decola às 7h45 com destino a Teerã. Tempo de viagem previsto: 2h10. Os passageiros são predominantemente homens. Como o

voos é curto e pela manhã, é servida uma espécie de *brunch*, com omelete e saladinha de atum. Apesar da restrição a bebidas alcoólicas no *Alcorão*, percebo que no cardápio da companhia aérea há vinho tinto francês Cécilia Faugères, branco chileno Chardonnay Valdivieso e champanhe Moët & Chandon Brut Impérial. “Exceto nos voos à Arábia Saudita”, avisa discretamente a aeromoça. É onde são impressas e distribuídas para o mundo, gratuitamente, as traduções oficiais do livro sagrado do islã, inclusive para o português.

Os monitores do Boeing 777-200 exibem, além da rota da aeronave, a localização de Meca, em direção à qual os fiéis ajoelham-se em oração cinco vezes ao dia. A primeira reza acontece antes mesmo de o sol nascer. E, para os mais religiosos, é uma obrigação. Por isso, a necessidade de apontar no mapa a posição da cidade em relação à rota. Faz-se o mesmo em quase todos os voos com embarque ou destino nos países islâmicos.

Chamadas de *namaz* ou *salat*, as orações constituem um dos cinco pilares da fé islâmica. Os outros são ensinar e reconhecer publicamente a religião (*shahada*), destinar parte dos recursos aos pobres (*zakat*), observar as obrigações do Ramadan, o principal festival religioso, quando os fiéis jejuam e se abstêm de vícios, relações sexuais ou pensamentos negativos durante um mês; e, pelo menos uma vez na vida, peregrinar a Meca (*hajj*). A cidade saudita, onde nasceu o profeta Maomé, é considerada sagrada pelos muçulmanos.

O voo é curto e eu me esforço para não dormir. Fora instruída a colocar o *hijab* assim que a aeronave avançasse sobre o espaço aéreo iraniano, o que seria anunciado pelo piloto. Mas, desmaio de cansaço graças às poucas horas de sono das noites anteriores. Ao acordar, percebo que as mulheres já estão devidamente cobertas. Peço ajuda à jovem ao meu lado, no assento 24d, mas ela não fala inglês. As poucas palavras que eu havia treinado em *farsi* não soam certas aos seus ouvidos. Acabamos nos entendendo por mímica. Com um sorriso, ela me ajuda a prender o *hijab*, enrolando uma ponta à outra na frente do pescoço. Agradeço, insistindo no idioma: *tashakor!* Ela faz sinal com a cabeça e sorri, quando o piloto anuncia: dentro de vinte minutos, pousaremos em Teerã.

Até aqui, tudo corre bem, eu pensei.

Às 10h35 no horário local, o avião desliga as turbinas no Aeroporto Internacional Imã Khomeini (*ika*). Por um minuto, me deu um frio na barriga. O que eu estava fazendo ali, de férias e sozinha? Não era a primeira vez que eu tinha aquela sensação, que por um instante me faz lembrar uma cena da infância, num parque de diversões qualquer. Depois de comprar o ingresso para a montanha-russa, tudo o que se quer é vencer a fila. Não se pensa em mais nada. Quando o cinto de segurança trava, você começa a procurar nos arquivos da memória o que a levou até aquele lugar. O carrinho sobe e, no topo, a pergunta é: por que, afinal de contas, eu fiz isso comigo mesmo? Por que me coloquei nessa situação por vontade própria? Mas, como não há outra coisa a fazer, você repete mentalmente que “tudo vai acabar bem” e daí em diante relaxa, vive intensamente a aventura e curte as emoções que cada momento lhe traz. É com esse

espírito que desembarco em Teerã.

O aeroporto internacional é espaçoso e moderno, tem o chão brilhoso, as paredes espelhadas, escadas e esteiras rolantes levando passageiros cheios de malas, como nos aeroportos de qualquer país desenvolvido onde eu já havia desembarcado. O projeto, aliás, foi desenhado antes da revolução por arquitetos americanos. Mas, só retomado mais tarde, depois de longas disputas entre governo, empresas estrangeiras e locais pelo controle dos negócios. Ao final de 2007, dois anos depois da inauguração, todos os voos internacionais tinham sido transferidos para o novo aeroporto. Engolido pelo crescimento urbano da cidade, o antigo Mehrabad teve o movimento limitado a embarques e desembarques domésticos.

Mostro os documentos aos oficiais da imigração, que me permitem seguir adiante sem qualquer contratempo, nem mesmo perguntas, apenas alguns poucos olhares curiosos. Antes de serem entregues, todas as bagagens passam por outro aparelho de raios X para verificar se o visitante não traz artigos proibidos, como bebidas alcoólicas para contrabando, bombas ou armas ao país. Os iranianos têm tanto medo quanto os seus vizinhos e opositores ocidentais de sofrer ataques terroristas — por parte de muçulmanos sunitas, de Israel e até dos Estados Unidos (leia-se cia).

A esteira por onde circulam as malas fica diante das portas automáticas de vidro que separam a ala exclusiva de passageiros e o salão destinado ao desembarque internacional. Do outro lado do vidro, iranianos esperam parentes e amigos vindos de longe. Reparo em duas jovens bem vestidas, coloridas dos pés à cabeça, inclusive os *hijab*, uma de azul e a outra de vermelho. Usam óculos escuros enormes, vestem batas sobre calças jeans e uma delas exibe nos pés um All Star cor-de-rosa.

Percebo que olham para mim e riem. Observo rapidamente a minha própria roupa — calça de linho e camisa comprido, ambos pelo menos dois números maiores do que o meu tamanho, para não marcar o corpo. Discreta sapatilha. Tudo bege. Não encontro, portanto, o que poderia ser o motivo da piada. Com uma pequena mala de rodinhas e um ponto de interrogação na testa, cruza a porta de vidro. A jovem do All Star cor-de-rosa se aproxima. Era Malileh, a tradutora do *farsi* para o espanhol, indicada por um amigo jornalista que estivera no Irã anteriormente. Jovem de 29 anos, bonita, alto-astral, prestativa e com a cabeça aberta para os padrões locais, embora siga os costumes conservadores ensinados pelos pais, ela se tornaria uma amiga querida.

Malileh me apresenta sua prima Marjan, jovem como ela, e esclarece o motivo da piada. “Venha cá, deixe-me arrumar o seu *hijab*”, diz. Ela joga o véu um pouco para trás, deixando aparecer um punhado de franja graciosamente ajeitado, afrouxa um pouco o nó e pronto. “Agora, sim.” Eu pergunto o que tinha de errado no meu modo de usar o *hijab*. “Errado, não há nada, mas não é preciso se cobrir tanto”, ela diz. Ainda bem, eu penso comigo, diante do calorão de 42 graus. “As iranianas são muito mais

modernas!” Ah, sim?

O aeroporto internacional fica trinta quilômetros distante da capital, a sudoeste de Teerã. Com Malileh ao volante de seu Kia sul-coreano preto, modelo compacto, e Marjan pilotando a música no antigo Pioneer, nós seguimos ao som de funk iraniano para a região norte. É a área nobre da cidade, onde estão os principais hotéis e shopping centers. Shopping centers? Logo começo a descobrir um Irã bem diferente daquilo que eu imaginava.

No caminho, Malileh me explica que somente algumas iranianas usam sobre a roupa o chador, que ela considera menos restritivo do que a *abaya* das árabes ou a burca predominante no Afeganistão e Paquistão. O chador é uma espécie de lençol negro que as iranianas jogam sobre a cabeça e enrolam em torno do corpo, às vezes deixando-o aberto na parte da frente, outras exibindo somente o rosto e os pés. Sob a *abaya*, como as usadas pelas jovens que conheci em Dubai, só é possível ver os olhos. De burca, nem isso.

Para minha surpresa, só as iranianas de famílias muito conservadoras e religiosas usam o chador. A maior parte das jovens, pelo menos em Teerã, traz um véu simples sobre parte dos cabelos e só. A cor preta é obrigatória nas repartições públicas e órgãos oficiais do governo. Nas horas livres, valem todos os modelos e cores. Na medida em que o carro se aproxima da capital, vejo mais e mais exemplos: coloridos, bordados, estampados em seda, com apliques de miçangas e lantejoulas. Elas sabem usar o adereço a seu favor. Realçam os olhos com lápis preto e longos cílios, deixam o repicado do cabelo cair estrategicamente sobre a testa, apenas para em seguida puxá-lo para trás da orelha com todo o charme, como fazem as meninas em qualquer parte do mundo.

De dentro do carro, desvio os olhos para a paisagem. Era uma segunda-feira de junho, em pleno verão. Céu azul, nenhuma nuvem. Os raios de sol fazem brilhar o topo ainda branco das montanhas, como se tivesse caído sobre elas um punhado de purpurina. Refletem uma luz tão intensa que faz a vista escurecer por alguns segundos. A cordilheira de Alborz surge, então, imponente. Seus 130 quilômetros ladeiam o mar Cáspio, do Azerbaijão ao Turcomenistão. Darmavand, o pico mais alto, sobe a 5.671 metros e tem neve quase o ano inteiro. Teerã parece pequena aos seus pés.

O horizonte bucólico contrasta com prédios modernos, avenidas largas e bem asfaltadas, viadutos cruzando-se no ar, o movimento intenso de carros, predominantemente da marca francesa Peugeot, motocicletas, táxis amarelos como em Nova York — entre os arranha-céus comerciais, há até a versão iraniana do Empire State Building — e o mesmo ar poluído que afeta as grandes cidades do mundo. Sinais da metrópole de 14 milhões de habitantes.

À primeira vista, Teerã tem um aspecto surpreendentemente mais moderno do que eu poderia imaginar sobre a capital de um país ao qual frequentemente são atribuídos adjetivos como “isolado” ou “atrasado”. Imensos *outdoors* exibem planos especiais de telefonia celular, utensílios e móveis para a casa, como as modulares pias de banheiro do Grupo Cord e (pasmê!) cursos de idiomas ocidentais. As placas de trânsito

são verdes como em São Paulo e eu reparo que estão escritas em *farsi* e inglês. No primeiro grande cruzamento, leio: City Center, Airport, Hemmat-East e Hemmat-West.

A área onde eu ficaria hospedada parece agradável, com ruas limpas, calçadas bem cuidadas e largamente arborizadas. Trata-se de uma região predominantemente residencial, com prédios mais baixos, a maioria de até seis andares. O hotel tem diárias a 842 mil riais (algo como R\$ 150), sem café da manhã. Foi o mais barato que encontramos. As taxas cobradas de estrangeiros são muito maiores do que dos iranianos, uma prática comum em países como o Egito para estimular o turismo interno e aumentar os lucros com os euros que vêm de fora.

Malileh me ajuda com o *check-in* e algumas perguntas básicas sobre como acessar a internet, onde fica o restaurante e a quem chamar em caso de emergência. No quarto simples, há uma penteadeira com espelho de bom tamanho, uma mesinha que dá suporte à tv 20" e um frigobar vazio, duas camas de solteiro, cobertas por colchas de cetim salmão e cortinas do mesmo tecido. Tudo combinando com as paredes pintadas de... salmão! Exceto pela poltrona com estofado cinza, também de cetim, e o carpete bege — ainda bem que não ligo para decoração, eu pensei! As casas iranianas têm muito dessa coisa *kitsch*, como se ainda não tivessem encontrado um meio termo entre a suntuosidade imperial da antiga Pérsia e os tempos modernos.

De qualquer forma, tudo o que preciso é de uma cama para descansar o corpo no fim do dia e acesso à internet. O que, por algum motivo que ficou sem explicação, não funcionava no quarto. Naquela tarde, e muitas outras vezes nos dias consecutivos, a gerência do hotel me permitira gentilmente acessar os e-mails na pequena sala dividida por três funcionárias da administração. Nenhuma delas falava inglês.

No quarto, a primeira coisa que faço é checar o dinheiro. Por causa dos embargos, o Irã está fora do sistema bancário mundial. Como cartões de crédito internacionais não são aceitos e os de débito não funcionam nos caixas dos bancos locais, tudo tem de ser pago em dinheiro vivo. Por isso, a minha preocupação. A tradutora recomendara levar euros e não dólares, mais difíceis de trocar por conta do embargo americano desde a revolução. Trago quatrocentos euros nos fundos da mala, quatrocentos euros na pasta verde onde estão os recortes de matérias sobre o Irã, que eu vinha colecionando, outros quatrocentos euros junto da passagem de volta, uns 350 euros na bolsa do laptop, duzentos euros na carteira, 250 euros no bolsinho da mochila. Checado! Parece exagero, mas prefêri pecar pelo excesso do que pela falta, sabendo que, em caso de alguma emergência, não teria onde sacar nenhum dinheiro.

Malileh me leva a um pequeno centro comercial, que à primeira vista parece ter tudo o que os pequenos centros comerciais do Ocidente têm. Em uma casa de câmbio, troco 200 euros por IRR 2.864.371,28 (ou dois milhões, oitocentos e sessenta e quatro mil, trezentos e setenta e um riais e vinte e oito centavos). E saio de lá me sentindo a rainha Sherazade de *Mil e noites* — um euro compra 14,3 mil riais. Pago as primeiras duas diárias adiantadas. E, de volta ao quarto do hotel, me bateu aquela deliciosa sensação

de estar realizando algo grandioso. Estou em terras persas, afinal, do maior império da história, de Ciro, o Grande... Tão longe de tudo, tão perto de mim mesma.

Decido jantar no charmoso restaurante da cobertura, com mesas ao ar livre e vista para as luzes da cidade aos pés de Darmavand. Os garçons não falavam inglês, assim como os atendentes na recepção do hotel ou na casa de câmbio onde eu estivera à tarde. Há outras redes hoteleiras na cidade, mais sofisticadas e muito mais caras, que costumam hospedar visitantes a negócios. Nestas, o inglês é mais usual. Onde eu me hospedara, porém, não havia turistas; apenas iranianos de outras partes do país, o que me agradava como jornalista já que poderia observar a vida cotidiana no café da manhã ou jantar, no hall de entrada, nas áreas comuns do hotel, como a sala de tv no térreo, e, quem sabe, dar a sorte de encontrar alguém com quem pudesse conversar.

O cardápio em *farsi* não seria problema. Todo restaurante de comida típica iraniana traz, pelo menos, uma dezena de opções de *kebab* — e isso eu sabia o que era, dada a influência da enorme comunidade de imigrantes árabes em São Paulo. Embora tenha sido adotado por eles, o *kebab* (que significa carne, em *farsi*) é uma iguaria da Pérsia. E há muitas *kebab khane* (casas de carne) espalhadas por Teerã, com vasta oferta dos tradicionais espetinhos.

Muito do que conhecemos como culinária indiana ou árabe, aliás, tem suas origens na antiga Pérsia, como nos conta a jovem iraniana Neda Afrashi, no magnífico livro de gastronomia *The Persian kitchen*. Parte das frutas e sementes, temperos, condimentos e pimentas que colocaram a Índia na rota da gastronomia mundial tem origem na antiga Pérsia, antes de se espalharem por todo o Oriente Médio e sudeste asiático. O arroz, por exemplo, era uma iguaria nobre extensamente usada pelos *chefs* de cozinha da corte dos imperadores persas, assim como berinjele, cardamomo, frutas secas, segundo Neda. Por outro lado, há influências de praticamente todo o mundo na culinária persa. Quando não faziam a rota marítima, comerciantes do sudeste asiático, do Cáucaso e países do Mediterrâneo, turcos, europeus e árabes cruzavam as terras que hoje pertencem ao Irã. Além da localização, um dos motivos era a boa conservação das estradas e da infraestrutura local, dada a riqueza do Império Persa.

Como tenho memória gastronômica — me lembro de quase todos os lugares que visito pelo sabor da cozinha —, eu aguardava ansiosa o meu primeiro *kebab* em Teerã. Tão ansiosa que cheguei ao restaurante antes da hora do jantar e encontrei os garçons sentados em uma das mesas, conversando de forma descontraída em *farsi*. Assim que me viram, eles silenciaram. E, por alguns segundos, a cena parecia ter congelado à minha frente. Tentei encontrar motivo para os olhos arregalados de espanto. Talvez seja cedo demais, afinal todas as outras mesas estão vazias. Ou, quem sabe, eles estejam incomodados com o fato de receber no restaurante uma mulher desacompanhada. Ou, ainda, simplesmente não estejam acostumados com estrangeiros.

Tentei trocar algumas palavras com o homem que parecia ser o gerente, sem sucesso. Mímica também não funcionou. Dando-me por vencida, fiz sinal de que voltaria mais tarde e saí sem olhar para trás. Só então percebo, no espelho do elevador, a

enorme gafê (para alguns locais, até mesmo uma ofensa) que eu acabara de cometer. Ao deixar o quarto, sozinha em Teerã pela primeira vez, eu havia me esquecido completamente de colocar o *hijab*. Envergonhada, naquela noite fui dormir com fome. Daí em diante, passei a deixar o véu pendurado na maçaneta da porta, evitando o risco de me esquecer novamente de colocá-lo antes de sair.

No dia seguinte, me apresentei, como recomendado, em um dos escritórios privados de imprensa, ligados ao governo iraniano. Funciona em um pequeno sobrado, na rua Abar, travessa da movimentada avenida Zafânieh. Basicamente, o que eles fazem é receber os jornalistas estrangeiros, emitir autorizações de entrevistas e acompanhá-los à distância durante sua estada no país. Também costumam apontar um tradutor, entre os designados pelo governo iraniano, para acompanhar jornalistas estrangeiros. Como eu já tinha a indicação de Malileh e fui apresentada por ela ao senhor Taheri, chefe do escritório, ele a autorizou a trabalhar para mim. Mas sob as seguintes condições: de que se responsabilizasse pela minha estada e mantivesse o celular ligado, caso fosse preciso contatá-la. Em condições normais, isso acontece no caso de o jornalista tentar entrevistas ou fotos para os quais não tem autorização — o que eu faria, inocentemente, dias depois, para desespero de Malileh.

A simples possibilidade de controle de agentes do governo à distância faz com que os tradutores, assim como boa parte da população, se comportem como se estivessem sendo constantemente perseguidos. A pé ou no carro, bastava que alguém se aproximasse um pouco mais para que Malileh mudasse a atitude ou o tom de voz. Ela ficava como um gato acuado, em posição de alerta. Às vezes, achava que o carro estava sendo seguido; outras vezes, que alguém tentava ouvir a nossa conversa, que nada tinha de segredo, diga-se; em outras, ainda, desconfiava de que seu telefone celular estava grampeado. Como os jovens são o principal alvo das investidas dos *basijs*, uma espécie de polícia da moral, muitos iranianos têm mais de um aparelho e trocam o número como quem troca de roupa, imaginando poder, assim, evitar o controle.

Com os papéis de autorização de entrevistas escritos em *farsi*, segui para o *Resanehyar* (Centro de Mídia Estrangeira), onde obteria minha carteirinha de imprensa, com uma foto minha sob o *hijab*, mais apropriada do que aquela exibida no passaporte. Até hoje, guardo com carinho o *souvenir*.

Cumpridas as burocracias, que me tomaram toda a tarde graças ao trânsito caótico de Teerã, eu estava faminta e não resisti a um *cheese* salada com fritas, em uma lanchonete que encontramos no caminho. O sanduíche veio acompanhado de uma versão local da Coca-Cola, a Zam Zam Cola. Mais adocicada do que a original, é produzida pela Bonyad e-Mostazafan (Fundação dos Oprimidos, na tradução livre), a maior e mais poderosa entre as fundações estatais que controlam grande parte da economia iraniana. A *Coke* original, porém, continua circulando no mercado iraniano, apesar das sanções. Assim como Fanta e Sprite, produzidos pela empresa iraniana Khoshgozar que, segundo o diário local *Donyaie Eghtesad*, compra a essência das bebidas das filiais da Coca-Cola na Irlanda.

Alheias à política econômica do refrigerante, iranianas cobertas pelo chador degustavam exatamente a mesma *junk-food* das lanchonetes americanas. Em minha defesa, explico à tradutora que estou aberta a aventuras gastronômicas e pretendo, é claro, experimentar a culinária persa. Mas, como jornalista, não deixava de ser curioso comer, em plena capital iraniana, um “combo” — o clássico ocidental 3 em 1 americano — em uma espécie de McDonald’s local. Na parede, quadros luminosos exibiam fotos dos sanduíches disponíveis no cardápio, todos enormes e tentadores, como em qualquer outro *fast food*. Tudo em *farsi* e inglês, para meu espanto e alegria.

Milícia do povo

O Basij-e Basij-e Mostaz’afin (que significa Mobilização dos Oprimidos, em *farsi*) é uma força paramilitar subordinada à Guarda Revolucionária. Foi criada em 1979 por ordem do líder da revolução aiatolá Khomeini, que se referia ao grupo como “a milícia do povo”. Seus integrantes são voluntários, inclusive mulheres, que apoiam o governo. Extremamente conservadores e religiosos, eles servem de olhos e ouvidos do regime contra opositores e dissidentes em potencial. Mantêm células em praticamente todas as cidades iranianas, infiltrados nas mesquitas, comunidades, escolas, escritórios e locais públicos. Pode ser um vizinho, colega de universidade ou de trabalho. São eles, em grande parte, os responsáveis pela desconfiança mútua que os iranianos nutrem desde a Revolução Islâmica. Uma neurose que limitou o convívio social a pequenos núcleos, formados por familiares e amigos próximos, e a vida privada a quatro paredes.

14. Petróleo e racionamento

De volta ao hotel, naquela noite, pedi à Malileh que subisse comigo até o quarto para assistirmos juntas ao jornal nacional iraniano, do canal de televisão estatal Irib, em *farsi*. Eu queria informações sobre os últimos acontecimentos e o que estava sendo discutido no país, como os temas internacionais eram abordados, que tipo de notícia era levada ao ar. Especialmente, por se tratar de uma tv estatal.

O programa começou com um anúncio do governo. A partir de meia-noite, haveria racionamento de gasolina. O consumo mensal do combustível estaria limitado a cem litros por carro. A informação pegou de surpresa até mesmo os iranianos. Assentado sobre um imenso poço de petróleo, o Irã é o segundo maior exportador entre os membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), atrás apenas da Arábia Saudita. Mas, apesar disso, é obrigado a importar até 40% da gasolina para consumo próprio, porque não possui tecnologia e capacidade de refinamento suficiente para atender a todo o mercado interno.

O tema é sensível para o governo iraniano. Prevendo que novas sanções

internacionais poderiam atingir em cheio o setor, Ahmadinejad lançou em 2007 um plano de emergência para reduzir a importação de gasolina, envolvendo a construção de novas refinarias, além das sete existentes, a aproximação com países aliados (Brasil e Venezuela, entre eles) e a redução do consumo interno por meio da conversão de todos os veículos de transporte público e os novos carros de passageiros para gás natural até 2015. Tudo isso, no entanto, levaria tempo. A maneira mais rápida de reduzir as importações era o racionamento, apesar do altíssimo custo político da decisão.

No Irã e nos países árabes que exportam petróleo em grande escala existe um entendimento por parte da população de que o combustível é um recurso natural sobre o qual todos têm direito. Por isso, é comum que o produto refinado, para consumo final, seja largamente subsidiado. No caso do Irã, o governo financia cerca de 70% do custo, que sai a um mil reais (algo como dez centavos de dólar ou R\$ 0,18) o litro. No Brasil, para se ter uma ideia, o litro da gasolina custava cerca de R\$ 2,50 em abril de 2010.

O racionamento, anunciado por Ahmadinejad em rede nacional pouco mais de duas horas antes de entrar em vigor, enfurecera os iranianos e Malileh me alertara da possibilidade de protestos públicos no dia seguinte.

Malileh passou para me buscar no hotel bem cedo, mas, por causa do racionamento, não quis sair de carro naquele dia. Eu mesma preferi apanhar um táxi. Sempre inevitavelmente atentos às conversas dos passageiros, os taxistas costumam ser ótimas fontes de informação sobre quase tudo, que dirá a respeito do assunto que mais lhes interessa: o acesso ao combustível. Assim que entrei no táxi, um velho Peikan 1968, fabricado no Irã, uma frase escrita à mão em um papel colado no painel do carro chamou minha atenção.

“Malileh, o que está escrito ali?”, perguntei. “Você tem o poder de mudar a sua vida. Está tudo na sua mente.” Usei aquilo como pretexto para iniciar uma conversa. “Esse é o meu lema”, disse o motorista. Ele se chama Hamid, tem 32 anos, doze dos quais circulando pelas ruas de Teerã como taxista em seu bom e velho Peikan. Àquela altura, calculava, já havia somado algo como 35 mil horas ao volante do táxi no trânsito caótico da poluída capital iraniana. Foi a única forma que encontrou de ganhar a vida, apesar de ter diploma universitário e mestrado; em breve, será doutor.

Hamid é formado em genética e fazia doutorado na Universidade Azad, em Raraj, a 32 quilômetros de Teerã. Como ele, há muitos universitários conduzindo táxis informais pelas ruas da cidade. Alguns têm o trabalho de taxista como segundo emprego, uma forma de aumentar a renda familiar. Mas há muitos desempregados para os quais o táxi é a única fonte de recursos — a taxa de desemprego no Irã é de 12%, segundo dados oficiais do governo, mas pode chegar a 30% nos cálculos de analistas e opositores do movimento reformista.

São iranianos que colocam o próprio carro nas ruas e saem com a janela aberta anunciando o trajeto, aos berros, nos pontos de ônibus e esquinas. Quase todos eles fazem lotação, ou seja, vão pegando, no percurso, mais passageiros que tenham o mesmo

destino, ou algo perto disso. Às vezes, levam até seis pessoas, homens e mulheres, espremidos como sardinha em lata e, é claro, sem cintos de segurança para todos. Apesar dos mais de sete milhões de veículos em circulação, a 16ª frota do mundo e a maior do Oriente Médio, praticamente ninguém usa cinto de segurança no Irã. Talvez, por isso mesmo, o Irã lidere o ranking mundial de acidentes de trânsito fatais — 25 mil por ano, em média, ou quase uma morte a cada vinte minutos. É a principal causa de morte entre iranianos.

Como era de se esperar, não existe taxímetro ou nada parecido. No caso de lotação, você paga quanto achar que vale a corrida. Invariavelmente, o motorista reclama do valor e procura negociar algo mais. Ou nem tenta, mas reclama de qualquer forma por força do hábito. Se o passageiro quiser usar o táxi exclusivamente, negocia-se antes — às vezes, por longos minutos, enquanto o carro, parado no meio da rua, atravança o trânsito e os motoristas dos carros que estão atrás gritam com as mãos para fora da janela e buzina sem parar. Malileh era boa nisso. Nunca aceitava a primeira oferta. Pequena e com a voz mansa, negociava feito gente grande, fazia a sua contraoferta e, diante da recusa, censurava o motorista por tentar tirar vantagem, virava as costas fingindo desistir da negociação e, dando uma piscadinha cúmplice para mim, ameaçava pegar o táxi seguinte. Exceto por uma vez em que estávamos realmente atrasadas, sempre consegui o preço que queria. Com Hamid, nós negociamos um valor pelo dia — valor que eu não anotei, infelizmente. Mas não era nem pouco nem muito, eu me lembro.

O táxi de Hamid pagou e ainda sustenta seus estudos. Quando terminar o doutorado, ele quer se mudar com a mulher e o filho “para um país onde possa exercer a profissão e ter mais qualidade de vida”. E, logo agora, o governo iraniano decidira adotar uma política de racionamento de gasolina, limitando o consumo mensal a cem litros por carro, o que reduziria seus ganhos e adiaria, em muito, seus planos para o futuro. Hamid gasta, pelo menos, seiscentos litros por mês para rodar entre 150 e 200 quilômetros com seu Peikan. Ele trabalha sete dias por semana, oito horas por dia. Para os táxis registrados e outros veículos de transporte, o governo liberara o consumo de oitocentos litros por mês. Mas, assim como grande parte da economia iraniana, ele está no mercado informal.

Isso mexeu com os nervos de Hamid. Ele reclama da falta de emprego, do valor dos estudos, nos quais calcula ter investido cerca de oito mil dólares somente para o mestrado, do aumento do preço do aluguel, pelo qual antes desembolsava algo como seiscentos dólares por mês por uma casa de dois quartos no sul de Teerã e hoje gasta quase o dobro. Como motorista, ele diz ganhar pouco mais do que isso. A renda é complementada por outros bicos — ele escreve para a revista *Green Garden*, de agronomia, e faz projetos de consultoria para criadores de gado. Sabe tudo sobre o gado girolando, nascido e desenvolvido no Brasil. Por isso, o país está entre as opções que ele avalia com a mulher para migrar com a família.

“As coisas pioraram muito no Irã. Tudo está errado: a economia, a política interna, a

imagem que tem sido projetada de nosso país no exterior”, critica Hamid. Nas eleições que levaram o presidente Mahmoud Ahmadinejad ao poder, em 2005, Hamid anulou seu voto e faria o mesmo nas urnas em 2009. “Não é o presidente que governa o Irã, mas uma ideologia. Não aceito essa ideologia nem esse governo, por isso, enquanto existir esse regime, eu nunca mais vou votar.”

Enquanto conta a sua história, Hamid nos conduz pelas ruas de Teerã. Temendo um novo aumento no preço da gasolina, por conta do racionamento, motoristas formavam filas de até quatro quilômetros nos postos de abastecimento. Alguns deixaram o carro em casa. Pelos cálculos de Hamid, pelo menos 30% dos veículos não circularam naquela manhã. Um taxista que aguardava para abastecer nos alertou sobre protestos que teriam começado ainda de madrugada e estariam se espalhando por Teerã. “Estão queimando tudo e muitos carros vão acabar sem gasolina”, afirmou, complementando que ele também não concordava com o racionamento. “Não é tempo de racionar porque não estamos preparados para essa situação. O governo e os economistas têm de dar uma solução para isso porque muitas pessoas vivem de seus carros e agora perderam a tranquilidade.”

Hamid liga o rádio. Três postos haviam sido depredados e queimados durante a madrugada. E, até o fim do dia, outros nove seriam atingidos da mesma forma por iranianos, em protesto contra o racionamento. Seguimos para um dos endereços, na rua Hakimieh, onde o fogo atingira também uma agência bancária. De lá, para a rua Rashid, zona leste de Teerã, onde outro posto estaria em chamas. Quando chegamos, havia apenas cinzas. Os locais já estavam cercados e eram vigiados por policiais. Prevendo novos distúrbios, todo o efetivo fora colocado nas ruas e 250 manifestantes foram presos naquele dia.

Mas, até o chefe da polícia de Teerã, Ismail Ahmadi Moghaddam, declarou publicamente o seu descontentamento com Ahmadinejad, dizendo ter sido avisado sobre o racionamento da mesma forma que todos os outros iranianos: por rede nacional, pouco mais de duas horas antes de a decisão entrar em vigor. “Lamentavelmente, o Ministério do Petróleo não nos avisou a tempo sobre a data em que o racionamento começaria”, declarou Moghaddam à imprensa local.

Com as ruas menos congestionadas, mas ônibus mais lotados, muita gente reclamava da falta de transporte público. O metrô de Teerã é surpreendentemente moderno, limpo e eficiente, com pouca espera de chegada entre um e outro trem, para um país supostamente isolado. Com 96 quilômetros de extensão, é maior do que o de São Paulo, que tem apenas 63 quilômetros. O desenho do sistema foi feito por uma companhia francesa afiliada à estatal de transportes de Paris (ratp, na sigla em francês) antes da Revolução Islâmica, mas as obras acabaram suspensas até quase o fim da guerra entre Irã e Iraque. A primeira linha foi construída por uma empresa chinesa e inaugurada em março de 1999, ligando Teerã e Karaj em trens elétricos de superfície. A linha 5 começou a operar no mesmo ano, na capital. E, desde então, o sistema cresce sobre trilhos austríacos e vagões chineses que transportam quatro milhões de passageiros

por dia, em quatro linhas. Alguns deles são destinados, exclusivamente, às mulheres conservadoras e adeptas do chador. Os trens mistos costumam levar as mais jovens e liberais, sob coloridos *hijab*.

Em termos de extensão e alcance, no entanto, o metrô iraniano é pequeno para a maior cidade do Oriente Médio. Pressionado internamente e prejudicado por sanções econômicas e reações turbulentas com o Ocidente, que espantaram o capital externo do país, o governo Ahmadinejad lançou em 2008 um projeto para incentivar o setor privado iraniano a investir no sistema de transportes. A estratégia, prevendo uma série de incentivos às empresas locais, parece ter sido bem sucedida. Com isso, o governo prometia ampliar o metrô de Teerã em 172 quilômetros extras e inaugurar novas redes nas cidades de Mashhad, Shiraz, Tabriz, Ahvaz e Esfahan, que somariam outros 380 quilômetros de novas linhas até 2012.

A política de racionamento chegou a proporcionar ao Irã uma economia de quase 20 milhões de litros por dia, que deixaram de ser importados. Mas, criticado por uma população enfurecida com a política externa iraniana, as sanções do Ocidente e uma economia declinante, e visando ser reeleito para um segundo mandato no pleito presidencial de junho de 2009, Ahmadinejad acabou cedendo. Nos anos seguintes ao anúncio do racionamento, a cota por motorista aumentou para 120 litros por mês e uma série de exceções às regras foi aprovada pelo governo. Até que, pouco antes das eleições presidenciais, Ahmadinejad pôs fim ao racionamento, sem dar explicações.

Em abril de 2010, o Irã seguia sendo o segundo maior importador de gasolina do mundo, a um custo anual de sete bilhões de dólares, com capacidade de refino de cerca de 40 milhões de litros por dia e quase o dobro, mais de 70 milhões de litros por dia, consumidos internamente.

Disso tudo, o que mais me impressionara foram os protestos. As cenas de postos de gasolina queimados, lojas e bancos depredados voltaram à memória muitas vezes durante as manifestações populares que tomaram as ruas de Teerã e outras cidades iranianas contra supostas fraudes no pleito que reelegeu Ahmadinejad para o segundo mandato, em junho de 2009. Vistas pela tv, as cenas não eram muito diferentes daquelas que eu presenciara ao vivo, sentada no banco de trás do Peikan 1968 de Hamid. Apenas a proporção era maior.

“Malileh, isso é normal, essas críticas contra o governo e toda a gente sair nas ruas para protestar contra uma decisão oficial?”, questionei. “Sim, é claro que é normal! Os iranianos não se dobram facilmente!” Aí está a identidade persa, pensei. Mas não escondo a surpresa pela coragem dos iranianos de enfrentar um regime que não costuma medir violência contra dissidentes e opositores. Muitas vezes, em minha visita ao Irã e ao acompanhar os protestos contra o resultado das eleições presidenciais em 2009, eu voltaria o pensamento para aquele manuscrito no painel do táxi de Hamid: “Você tem o poder de mudar a sua vida”.

Circulando pelas ruas da capital, tem-se a estranha sensação de que há sempre um aiatolá olhando para você. Imagens do guia espiritual Ruhollah Khomeini e outros heróis da Revolução Islâmica, como seu sucessor, o líder supremo aiatolá Ali Khamenei, estão espalhadas por Teerã em imensos *outdoors* e há retratos seus pintados em paredes inteiras de prédios. Basta olhar para cima e lá estão eles, observadores vigilantes dos que passam. Há ainda fotos de jovens soldados iranianos mortos na guerra entre Irã e Iraque e cartazes convocando novos mártires a se alistarem na Guarda Revolucionária. O martírio é uma premissa fortemente presente no xiismo. Estima-se que mais de 50 mil iranianos tenham se apresentado voluntariamente para missões do tipo, a maioria nos oito anos em que durou a guerra contra o Iraque. No quartel-general da guarda, que passou a funcionar na antiga embaixada dos eua após o episódio do sequestro de diplomatas americanos, os muros ainda exibem a imagem da Estátua da Liberdade com o rosto de uma caveira e uma charge da bandeira americana enrolada na forma de uma arma, ao lado de frases pichadas como “morte aos americanos”.

O recrutamento de mártires, no entanto, diminuiu ano a ano, na medida em que as memórias dos sangrentos conflitos foram ficando para trás. As velhas pichações, já um tanto desgastadas e apagadas pelo tempo, agora disputam a atenção dos iranianos com os coloridos e polêmicos *outdoors* das lojas Benetton, de novos shop-ping centers, marcas de aparelhos de celular e operadoras de telefonia, testes de proficiência em inglês, exigidos a quem pretende estudar no exterior, como o britânico Ielts e o americano Toefl.

A gradual mudança na paisagem urbana de Teerã é um sinal ainda discreto de uma transformação silenciosa: 70% da população do país têm menos de trinta anos. Nascidos após a Revolução Islâmica de 1979, eles não se identificam com seus ideais. Tampouco se sentem representados por heróis barbudos ou compartilham dos mesmos inimigos. E, portanto, dialogam pouco ou quase nada com o regime.

Esses jovens não viveram o golpe contra Mohammad Mossaddegh, o herói nacionalista. Tampouco atravessaram as duas décadas seguintes, sob o regime do xá Reza Pahlevi, período em que o país se debatia entre o empobrecimento da população e as extravagâncias do monarca. O antiamericanismo, portanto, não é tão enraizado nessa geração quanto em seus antepassados. Seus pais atribuem ao golpe da cia e ao consequente regime do xá, com todos os problemas dele decorrentes, o asfalto que pavimentou o caminho para uma revolução e, dela, para as condições políticas e econômicas atuais.

As novas gerações conhecem essa história, mas não fizeram parte dela. Essa não é a revolução delas. Mais do que isso, elas cresceram em um mundo cada vez mais globalizado e conectado via internet. Leem sites e blogs, conversam com jovens de outras partes do Irã, trocam músicas, filmes e informações on-line com iranianos vivendo fora do país e estrangeiros, comunicam-se com eles por redes sociais, debatem sobre quase tudo nos chats, trocam mensagens e fotos por celular, têm acesso muito maior ao conhecimento do que seus pais tiveram e viajam mais. Eles são a nova — e até há pouco

tempo desconhecida — face do Irã.

Em grande parte, o que era apenas estatística ganhou corpo e rosto nas imagens de milhões de jovens nos protestos contra a reeleição do presidente Mahmoud Ahmadinejad, em junho de 2009. Imagens das manifestações, e da violenta resposta da polícia, foram transmitidas em minutos para o mundo, via celular. O governo iraniano pediu que repórteres, fotógrafos e cinegrafistas estrangeiros deixassem o país, estudantes, ativistas, jornalistas e opositores foram presos, sites e blogs bloqueados e, dias depois, também o sinal do celular. Àquela altura, porém, as informações e fotos já tinham atravessado as fronteiras do país e circulavam pelos quatro cantos, mobilizando mais opositores e incentivando novas manifestações nas ruas de países onde há grandes colônias de imigrantes iranianos — de Los Angeles a Roma, de Paris a Sidney. As manifestações estouravam ao mesmo tempo em diferentes lugares do país e no exterior, com data e hora marcada via internet.

Tudo isso tomou de surpresa os aiatolás que, até aquela altura, não tinham a exata noção do tamanho e da força das novas gerações. Tampouco faziam ideia do potencial da tecnologia moderna para reunir virtualmente as massas — e mobilizá-las fisicamente. Na visão dos clérigos, essa população saiu do controle e constitui um risco para o regime, talvez o maior desde a guerra contra o Iraque. Os religiosos no poder se referem aos nascidos após a Revolução Islâmica como “a geração perdida”. Apreensivo com os caminhos da república em face dessa ameaça, o governo tenta manter os jovens sob controle cada vez mais rigoroso.

“Com a internet, ficou muito mais difícil o controle, porque você pode se expressar e se mobilizar sem ter de mostrar a cara. Então, o que eles fazem é aumentar a violência e a repressão para assustar as pessoas e criar um clima generalizado de medo. E é por isso que temos essa sensação de que não podemos fazer nada, somente esperar. Os iranianos têm medo até da própria sombra”, disse um jovem blogueiro, que já havia tido seu url bloqueado duas vezes, mas reabriu a página com outro endereço, como faz a maioria. Eu pergunto sobre os constantes protestos, como as manifestações contra o racionamento de gasolina. “Protestos há sempre, todas as semanas os estudantes fazem alguma manifestação aqui na universidade, mas o movimento acaba abafado pela mão pesada da polícia e do governo.”

Com base nos textos do *Alcorão* e na *sharia* (lei islâmica), os líderes da Revolução Islâmica tornaram ilegais a música alta e a paquera em público, o sexo antes do casamento, o álcool e o cigarro, a minissaia, as roupas justas e os cabelos à mostra para as meninas, as camisas “baby look” para os homens, a tatuagem. Com o passar do tempo, porém, a população passou a questionar as regras e desconfiar das verdadeiras intenções do regime. Eles perceberam que o nível de repressão oscilava na mesma medida das condições econômicas e sociais do país e passaram a desconfiar de que, por trás da repressão, havia uma tentativa de manipulação política. Quanto mais ameaçado se sentisse o governo, maior o controle sobre a liberdade de expressão, as relações sociais e praticamente todos os aspectos da vida privada dos iranianos, especialmente os jovens.

Eles [os aiatolás] não estão preocupados com o que fazemos entre quatro paredes, que roupas vestimos ou não, se rezamos ou não. Isso nada tem a ver com a religião. Eles usam o islã como desculpa, mas na verdade o que querem é controlar os nossos passos e restringir o máximo possível o convívio social para evitar qualquer possibilidade de mobilização. Se te levam para a cadeia por causa de uma camiseta justa, o que vão fazer se você resolver protestar contra o regime? É assim que eles mantêm a população quieta e sob controle, porque as pessoas têm medo,

disse um estudante de sociologia da Universidade de Teerã, com jeito de hippie dos anos 1970, cabeludo, de calça jeans, camiseta e chinelão.

Depois de conversar com dezenas de iranianos, jovens como ele, durante uma tarde nos pátios da Universidade de Teerã, a sensação que se tem é de que a vontade de mudança está lá, mas não as condições necessárias para que se concretize. Os jovens apontam, por exemplo, a falta de um líder para as novas gerações. Alguém com carisma, capacidade de liderança e de mobilização, como foi Khomeini naquele contexto histórico pelo qual passava o Irã. Mousavi tentou ser essa liderança nas eleições presidenciais de 2009, mas não teve força para isso. Ele não é exatamente uma face nova, que surge como uma esperança, mas apenas uma alternativa, já que no passado fez parte do governo por muitos anos após a revolução. E num cargo tão importante quanto o de primeiro-ministro. Talvez, por isso, não tenha conseguido manter por muito tempo a mobilização vista após as eleições.

EM LENDO LOLITA EM TEERÃ, a professora de literatura Azar Nafisi retrata bem esse aspecto da sociedade iraniana pós-revolução. Proibida de lecionar literatura estrangeira na Universidade de Teerã, ela reuniu seus sete melhores e mais dedicados alunos em encontros secretos semanais, durante dois anos, na sua própria casa, para ler e discutir obras banidas como *O grande Gatsby*, *Madame Bovary* e *Lolita*. Desses estudos e das deliciosas conversas informais sobre as suas vidas pessoais, naquela época, surgiu um incrível paralelo entre o personagem opressor de Humbert e o peso do regime sobre as iranianas — as Lolitas — que vinham tendo a sua adolescência e juventude gradualmente roubadas, sob seu domínio.

Embora sofram mais com a mão pesada do regime, as novas gerações são também, naturalmente, mais contestadoras. São jovens, afinal. Na mesma medida em que o Estado controla, aprendem a driblar as regras. Entre quatro paredes tudo muda de figura. É dentro das casas iranianas que a sociabilidade acontece. Assim, em uma cidade grande como Teerã, com vida noturna e cultural agitada como em toda metrópole, ocorrem muitas festas particulares, eventos quase secretos e encontros às escondidas, o que não deixa de ser interessante.

O meu debute numa dessas festinhas secretas aconteceu em uma quinta-feira quente, em Teerã. Definida a data, horário e local, nada de passar as coordenadas por e-mail ou em conversas ao telefone — que os iranianos acreditam estar grampeados. Tudo

se deu no boca a boca e no maior clima de transgressão, como se fosse acontecer uma reunião do partido comunista em tempos de ditadura militar no Brasil.

Com o endereço em mãos, chego a uma rua escura e deserta, em um bairro residencial de classe média. Praticamente todos os prédios, de três ou quatro andares, tinham as janelas fechadas e quase nenhuma luz acesa, inclusive aquele onde eu deveria me apresentar. Pensei estar no lugar errado. Não havia qualquer sinal de festa ali. Nem carros estacionados, nem gente chegando. Só o silêncio.

Isso até eu tocar a campainha e ouvir chegar os primeiros sinais de música pelo interfone, embora em um volume ainda muito baixo. Subo dois lances de escada e paro diante do apartamento, já com a porta semiaberta, porém rapidamente fechada após minha passagem. Assim, tentavam evitar que o som bate-estaca, espécie de funk iraniano vindo do aparelho de mp3, ecoasse rua afora. Mesmo tomando esse cuidado, todos se apressaram em fechar os vidros do pequeno apartamento, apagar as luzes e abaixar o volume das caixas acústicas — pelo menos, por alguns minutos — quando o último convidado a chegar avisara sobre a presença de uma viatura de polícia rondando a rua.

Àquela altura, minha consciência ocidental tinha certeza de que algo realmente muito transgressor e fora da lei estava prestes a acontecer. Passei a noite inteira esperando por alguma coisa extraordinária, mas, exceto pelo aparelho de mp3, tudo ali fazia lembrar um inofensivo bailinho no Brasil dos anos 1950. Na sala, sofás e móveis haviam sido arrastados, abrindo espaço para a dança. Em um dos cantos da sala, havia uma mesa repleta de comidas iranianas, refrigerantes, docinhos de festa e um bolo cor-de-rosa de aniversário. Bebidas alcoólicas, proibidas no Irã, são vendidas ilegalmente por cristãos armênios que vivem no país e dispõem, inclusive, de serviço *delivery*, para a segurança dos clientes. Mas, ali se resumiam a uma ou duas garrafas de cerveja. E teve gente que saiu de lá trançando as pernas.

Era o aniversário de 25 anos da dona da casa, sempre uma boa desculpa para festejar. Os pais haviam saído naquela noite para deixar os jovens mais à vontade. Na entrada, havia um mancebo onde as meninas penduravam o *hijab* e a bata, deixando para trás a veste islâmica obrigatória, apesar da presença dos muitos garotos. Elas, então, seguiam diretamente para um dos quartos para trocar de roupa e se maquiar. E, para a minha surpresa, ressurgiam na sala de minissaia, salto alto ou bota até os joelhos, blusas de alças finas, decotes, brincos, colares e pulseiras, cabelos soltos, compridos e cacheados, em sua maioria. O novo visual era recebido com naturalidade pelos meninos que, acostumados a usar mangas compridas em público, exibiam tatuagens (sim, tatuagens!) nos braços agora descobertos.

Juntos, meninos e meninas dançavam animadamente no centro da sala. Sem beijo nem contato físico, mas muitas vezes de maneira bastante provocativa de ambos os lados. Os iranianos adoram dançar. Balançam o corpo de um jeito muito divertido. Os homens mexem o tronco para cima e para baixo, dobrando uma perna de cada vez. Já as garotas usam com muita sensualidade a parte superior do corpo. Sacodem os ombros, as mãos e os dedos, às vezes, passando-os à frente dos olhos.

Depois de muito tentar, me dei por vencida e avisei: gente, não sei dançar isso! As brasileiras estão mais acostumadas a mexer da cintura para baixo, afinal. Eu me ofereci para ensinar a eles o samba. “Samba? O que é samba?”, formando uma roda ao meu redor. A maioria dos iranianos não conhece quase nada do Brasil. São muito mais antenados com as informações que chegam da Ásia e Europa. Uma exceção (mundial, aliás) é o futebol, um dos esportes favoritos dos iranianos, que têm, inclusive, um time feminino. E elas jogam um bolão.

Os cds de músicas ocidentais não podem ser vendidos no Irã e passam longe das rádios, mas são levados na bagagem por amigos estrangeiros, quando não barrados na imigração. Malileh, a tradutora, por exemplo, teve confiscado e destruído na sua frente um cd dos Paralamas do Sucesso enviado pelo correio por um jornalista brasileiro. Mas, em tempos de internet, esse controle tornou-se quase impossível. O som, agora, era um rap gravado no exterior por uma banda iraniana. Embora a forma de comunicar-se fosse bastante sutil, era fácil perceber quem estava de olho em quem. E não deixa de ser interessante e de certo modo até sedutor a forma como os iranianos ainda conservam antigos rituais de conquista já não vistos no Ocidente.

É uma pena não poder mostrar as fotos que tirei naquela festa, por exibirem as meninas sem o *hijab*, em roupas ousadas e dançando com os meninos — o que a maioria só faz em casa e na presença de familiares e amigos mais íntimos. Mas foi a condição que aceitei para ter acesso à casa.

No dia seguinte, decidi conhecer alguns shoppings. Quem pensa que no Irã só há tendas e bazares, está muito enganado. Há shopping centers iguais aos de qualquer cidade do Ocidente, com praça de alimentação e tudo. Não que isso seja bom, diga-se, mas, é como as coisas funcionam em tempos de globalização. As vitrines do shopping Safávieh, no bairro Valiasr, onde vive a classe média alta da capital iraniana, exibem as principais marcas estrangeiras. Entre as roupas, há vestidos muito justos e curtos, decotados, coloridos e cheios de brilho. E eu me pergunto como, diante de tanto controle, o governo permite que lojas assim funcionem. “Não tem problema, porque as festas acontecem em casa. Como as garotas não podem vestir-se assim nas ruas, quando têm oportunidade preferem roupas mais ousadas. E o governo não nos importuna porque ninguém se importa com o que acontece entre quatro paredes. É o que ocorre nas ruas que o regime controla. Não se pode desafiá-los”, explica o jovem Amir Salah, de trinta anos, vendedor em uma loja de roupas, que até para os padrões ocidentais parecem ousadas.

Toda vez que o governo aperta o cerco contra os jovens, no entanto, o movimento na loja cai. Ele próprio passou a ser alvo dos *basijis* (polícia da moral) porque tem os cabelos compridos e gosta de vestir camisetas justas e calças jeans rasgadas, costumes considerados “ocidentais”. Pressionado internacionalmente, graças ao programa nuclear, e em casa, por problemas na economia, o governo acabara de lançar uma ofensiva moralizadora, fechando salões de beleza, estúdios de tatuagem e inofensivos pontos de encontro como o Café 8½, reduto de jovens cineastas, além de dificultar ainda mais a

vida dos adeptos da moda moderna.

Mais de 150 mil jovens foram abordados naquele ano e muitos levados à delegacia. Mais de duzentos foram presos em um único show de rock. “Quando enfrenta problemas, o governo nos pressiona de todas as formas, das roupas à liberdade de ir e vir”, disse Salah. O chefe da polícia à época, Esmael Ahmadi Moghaddam, em entrevistas às emissoras iranianas, disse que o objetivo seria aumentar a segurança. Mas os críticos e reformistas já acreditavam em uma tentativa de intimidar os jovens para silenciar novas vozes dissidentes.

“A repressão afeta a todos nós, porque os iranianos ficam com medo de sair de casa. As mulheres, principalmente, temem ser importunadas pelos policiais”, nos conta outro vendedor, Amir Hussein. O jovem critica Ahmadinejad por “oprimir o povo de todas as formas: com a economia, o jeito de se vestir, a imagem internacional”. Muitos jovens como ele almejam por mais liberdade. “Ser moderno, vestir-se bem e beber socialmente não muda o caráter das pessoas. Há muitas meninas que vestem o chador e fazem coisas por aí que você nem imagina”, confidencia. “Enquanto outras, que usam roupas muito coloridas, maquiagem e não têm medo de se expressar são muito mais conservadoras. E mais fiéis.”

Não seria contraditório? “Não é paradoxal, é lei. Não há nada que possamos fazer a esse respeito. As iranianas são muito modernas no modo de se vestir. Só não podemos demonstrar isso nas ruas”, diz uma estudante de desenho gráfico que se identificou como Niki Karimi, com um lenço vermelho que lhe exibia a metade das pernas, rosto maquiado, roupa justa, embora não mostrasse nenhuma parte do corpo, e salto muito alto e fino.

Era uma tarde ensolarada de quinta-feira, véspera do fim de semana iraniano, quando famílias, grupos de amigos e jovens casais se reúnem, no fim do dia, em um dos mais de oitocentos parques urbanos de Teerã ou qualquer cantinho verde onde encontrem lugar para estender seus tapetes persas. Atravessei a Avenida Valiasr até o parque Mellat, que fica na frente do shopping. Estava lotado, como eu havia previsto. Os iranianos adoram piquenique! Ou, simplesmente, descansar à sombra das árvores ou ao lado de uma fonte ou espelho d’água, em farta quantidade no Irã.

Os jardins eram tidos, na antiga Pérsia, como pequenas reproduções do Paraíso. A palavra deriva de *pairidaeza*, que se traduz em “jardim entre muros” no ancestral idioma iraniano avéstico, a língua sagrada das escrituras zoroástricas. Para Zoroastro, esses locais de extrema beleza serviam de retiro para o descanso e a renovação do espírito. Por isso, muitas das casas grandes de antigamente tinham seu próprio *pairidaeza* — ou paraíso — interno. A arquitetura dos jardins persas, com seus bosques, flores e fontes, foi extensamente copiada e chegou até a Índia, sendo o Taj Mahal seu maior e mais famoso exemplar. Os Jardins Suspensos da Babilônia, uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo, é outro. Foi construído por Nabucodonosor para agradar sua mulher, Amitis, que era persa.

O parque Mellat, na área nobre de Valiasr e aos pés de Alborz, é um dos refúgios

mais procurados no verão. Chama atenção a quantidade de casais muito jovens acompanhados de crianças. Comento com a tradutora a minha percepção de que os iranianos têm filhos muito cedo. Ela ri e me lembra a frase dita pelo diplomata brasileiro: “No Irã, o que se vê não é...”. Como somente os casais que tenham oficializado o noivado podem ser vistos juntos e as manifestações públicas de carinho são proibidas, os namorados mais jovens e ainda descomprometidos pedem “emprestados” os filhos de amigos para passear, na tentativa de desviar a atenção dos policiais, que pensam tratar-se de uma família. Uma inocente transgressão para poderem namorar em paz.

Para grande parte dos jovens, não passa muito disso. Sexo antes do casamento ainda é um enorme tabu. E o Estado interfere tão diretamente no controle social, que obriga até mesmo os hotéis a exigir certidão de casamento aos casais de hóspedes. Sem isso, não podem ficar no mesmo quarto. Quando querem viajar juntos, os namorados compram pacotes separados em uma excursão qualquer, para as quais os pais costumam autorizá-los a irem sozinhos ou com amigos. No percurso, tentam escapar dos olhares do grupo — e do guia de turismo — quando e como podem. A mistura de política com religião, porém, os mantém, de certa forma, dentro dos limites morais transmitidos pela família e pela escola. A culpa, o medo de envergonhar a família ou mesmo de ser pego em flagrante, levado à delegacia, e só liberado com a presença dos pais — que costumam ouvir um sermão dos delegados — de fato influenciam a juventude e limitam em parte a ousadia.

Os jovens iranianos anseiam por maior liberdade de expressão, menos controle sobre a vida privada, avanços econômicos para realizar seus sonhos e a possibilidade de se relacionar com o mundo. Mas não almejam o que chamam de degradação moral do Ocidente. Estão menos preocupados com a liberalização dos costumes e mais com o futuro: quase a metade dos que têm entre 25 e 29 anos está fora do mercado formal de trabalho. Sete em cada dez vivem nas cidades.

No parque Mellat, uma turma de meninas me chama atenção. Vestem roupas tão justas quanto possível em público, têm *hijab* coloridos sobre a cabeça e parte das madeixas à mostra, maquiagem carregada, brincos grandes e anéis à vista. São estudantes de direito e me dizem que todo o aparato visual serve para “comunicar” quem são: mulheres socialmente modernas, politicamente reformistas e, num futuro próximo, economicamente independentes. Isso também significa que, nas últimas eleições, não votaram em Ahmadinejad e os policiais sabem disso simplesmente porque está “escrito” na sua forma de vestir, elas explicam. Ainda que, quando a polícia se aproxima, elas se apressem a arrumar o *hijab*.

Mahsa, toda de branco e *hijab* azul, com as unhas longas pintadas na mesma cor, muita maquiagem e brincos vermelhos enormes, conta que estava em um ônibus havia alguns dias quando um policial subiu e disse a ela que deveria usar corretamente o véu, cobrindo mais os cabelos. “Não quero”, teria respondido, desafiadora. O policial anotou seu nome, endereço e mandou que ela se apresentasse à delegacia. “Nunca fui.” Ela

acredita que parte da truculência da polícia sobre os jovens é pura propaganda do regime. “Não acredito que eles tomem alguma ação. O que querem é assustar a gente”, diz a estudante, que pretende trabalhar com a defesa dos direitos das mulheres, depois de formada. “Essa situação não pode continuar assim, tem de mudar!”, diz.

O rígido código de conduta exigido nas ruas foi flexibilizado no governo de seu antecessor, Mohammad Khatami (1997-2005), mas o processo retrocedeu sob o presidente reeleito. Apoiado pelos *bajis* (a polícia da moral) e os aiolás, Ahmadinejad encabeçara uma tentativa, por parte dos conservadores, de retomar o apoio dos jovens aos ideais da Revolução Islâmica. Ainda que pela força. Nos protestos contra a reeleição de Ahmadinejad, tentei encontrá-las entre os milhares de manifestantes nas ruas. Mahsa, Miad, Azal e Ania certamente estavam lá.

Azal conta que escolhera o curso de direito porque quer mudar leis como a que não permite à mulher decidir sobre o divórcio — a iniciativa tem de vir do marido — ou ficar com os filhos após a separação. Antes de se casar, a jovem pretende exigir do futuro marido um documento, assinado em cartório, garantindo-lhe tais direitos de antemão. “E se o noivo não aceitar, eu não me caso”, diz Azal, que defende, ainda, a independência financeira das mulheres. “Não quero ter de pedir dinheiro para o meu marido”, revela. E eles aceitam? “Pelo menos em Teerã, a maioria dos homens aceita, sim, que a mulher trabalhe fora. É a crise econômica. Os homens não querem mais nos sustentar”, ela ironiza. E todas riem.

O anseio por liberdade política e econômica entre as iranianas é evidente. Nas relações pessoais, no entanto, ainda existe certo desconforto. Isso ficou evidente quando tomávamos um sorvete, sentadas em um banco do parque Mellat, e um grupo de meninos se aproximou. “Para onde vocês estão indo? Podemos ir junto?”, perguntou um deles. As quatro fecharam rapidamente a cara e ameaçaram chamar a polícia. O pobre rapaz poderia ser levado à delegacia para responder pela “ousada” cantada. E foi assim que percebi a enorme distância entre a igualdade feminina, que as jovens iranianas tanto almejam, e o modelo de liberação feminina que se deu no Ocidente.

Sem saber bem como lidar com o sexo oposto, usar o chador oferece certa proteção.

Como estamos num país islâmico, eu gosto da minha aparência porque já nasci assim, esta é a minha cultura e, segundo ela, é melhor se vestir assim. O chador me relaxa. Os homens não me olham, não me importunam nas ruas, e a polícia me deixa em paz. É uma opção. E como sou muçulmana, para mim não é tão estranho estar coberta. Aqui há muitas outras garotas assim, não sou a única,

diz a jovem estudante de letras Zeinab, de vinte anos, que há quatro meses adotou a veste, segundo ela por vontade própria.

Se eu fosse para o Brasil, não poderia me vestir assim porque chamaria muito a atenção, e a ideia do uso do véu islâmico é exatamente estar discreta. Aqui,

se saio na rua sem o véu, vão dizer muitas gracinhas e coisas ruins. Então, me sinto mais segura assim. Mas não sou uma religiosa fanática. Acredito em tudo com moderação e sou uma jovem como outra qualquer. Vou ao cinema, festas, tenho amigos.

Pergunto a Zeinab sobre namoro, mas ela diz que é difícil falar de amor. “Nós nascemos, vivemos coisas boas e ruins, para que depois regressemos a Deus. Então, eu quero alguém para me aperfeiçoar. Se encontrar esse alguém, eu me caso. Mas nunca vou me casar com uma pessoa que me impeça de progredir.” É mais um exemplo de que os direitos que elas tanto desejam conquistar estão muito mais ligados à realização pessoal do que à vida a dois ou à liberdade sexual. Sob o manto negro, Zeinab diz com naturalidade que algumas amigas suas têm relações sexuais com os namorados e isso em nada influencia a sua amizade com elas, embora pessoalmente ela queira se casar virgem. “Isso é algo pessoal de cada um”, diz a jovem.

Com todas as restrições impostas com a Revolução Islâmica, o Irã criou duas sociedades paralelas, a pública e a privada. Isso explica o pensamento de Zeinab. Se em casa suas amigas transam com os namorados, é problema só delas, porque faz parte de suas vidas privadas. Já nas ruas, Zeinab apoia a ação da polícia no controle até mesmo da forma como jovens meninas e meninos se vestem. “Isso não é privado e, nas áreas públicas, eles têm de prezar pela ordem. Estamos em uma sociedade islâmica, afinal.” O pensamento é compartilhado com a amiga Saher, de 23 anos, sob o *hijab* apenas.

Se alguém aparecer com roupas em uma praia de nudismo estará fora dos padrões e vai chamar muita atenção, não é? E se for nu em uma praia comum, estará infringindo as regras e, muito provavelmente, irão chamar a polícia para tirá-lo dali. Isso, em qualquer lugar do mundo. Não é mesmo? Aqui também é assim. Se você não se vestir de acordo com o que se espera em um país islâmico, todo mundo vai ficar olhando. Só isso.

Assim como Mahsa, Miad, Azal e Ania encontraram na forma de se vestir um modo de identidade pessoal, para Zeinab e Saher usar o chador também é uma maneira de se posicionarem na sociedade em que vivem. Significa que são jovens de famílias muito religiosas e conservadoras. E, ainda que elas mesmas não sejam assim, é dessa forma que querem ser vistas pelos outros. Ainda que frequentemente festas, namorem e protegem dos olhares de censura de quem passa nas ruas, dos homens, da família, dos amigos e professores. Ao contrário das duas, Mahsa, Miad, Azal e Ania querem justamente chamar atenção, provocar, quebrar tabus. Quando ameaçam os meninos de chamar a polícia, em realidade, elas estão passando a eles uma mensagem: “Não é porque nos vestimos como queremos que não temos princípios”.

No fim da conversa, Zeinab e Saher pedem para tirar uma foto comigo. “Você é tão diferente...” Eu?

Depois de uma tarde agradável com as meninas, eu e Malileh decidimos seguir para outro ponto de encontro de jovens, o Café Fenjoon, no bairro de Dibyijuhubi. O táxi nos deixa do outro lado da rua e, quando aguardávamos para atravessar, um policial se aproximou. “Estão fazendo o que aí paradas? Circulando! Circulando!” E ia repetindo o mesmo para os carros que, como em todo lugar de paqueta do mundo, passavam em velocidade reduzida na frente do café para checar o movimento. “Circulando!”

Malileh diz que ali já foi um dos locais mais badalados de Teerã, apesar de ser apenas uma inocente cafeteria e sorveteria, com duas ou três mesinhas. E ela estranha a calma naquela noite. “É por causa desse anúncio do governo de que lançará uma ofensiva contra os jovens”, conclui. “Quando o governo faz esses anúncios, muitos iranianos não saem de casa.” Em tempos mais tranquilos, os cafés de Teerã vivem lotados. E fuma-se muito em quase todos eles. Inclusive as mulheres, que parecem fazê-lo mais pelo charme da transgressão e para exibir unhas longas e pintadas a segurar o cigarro, do que pelo prazer das bifurcadas.

Como a venda de bebidas alcoólicas é proibida por lei, restrição respeitada pelos bares e restaurantes abertos ao público, os jovens também costumam se reunir para fumar *guelium* (cachimbo d’água conhecido como narguilé no Marrocos, *shisha* no Egito e *hooka* no Afeganistão e Turquia). Para isso, vão a uma das charmosas casas de chá ou restaurante, de preferência aos pés de Alborz. Nesses lugares não há mesas nem cadeiras, mas lounges decorados com belíssimos tapetes e almofadões persas. E todo mundo senta no chão.

À sombra de Darmavand, o pico mais alto da cordilheira, estão reunidas as mais badaladas *chaykhunch* (casas de chá). O chá é servido sempre quente, nas casas de família ou locais públicos, seja qual for a temperatura lá fora. Para chegar até as *chaykhunch*, caminha-se entre rochedos por vielas estreitas e íngremes, recortadas por pequenas quedas d’água. Isso, quando o inverno termina e a neve começa a ceder, descendo a montanha. Quando a lua não está cheia, várias pequenas lâmpadas multicoloridas ajudam a iluminar o percurso, com clima de cidade do interior. O silêncio é quebrado por animados mercadores que tentam a todo custo chamar atenção para suas barracas de frutas secas e outras iguarias locais ao longo do caminho. Durante os meses gelados do inverno rigoroso, é também nas montanhas de Alborz que os jovens iranianos se divertem. Nos arredores de Teerã há muitas pistas de esqui. A mais disputada, Dizin, está entre os cinquenta pontos mais altos do mundo para o esporte, a 3.500 metros acima do nível do mar. Roupas especiais para a neve pincelam o branco com inúmeras cores, como em qualquer estação de esqui do mundo.

Antes de voltar para o hotel, eu quis dar mais uma passada pelo parque Mellat para ver o movimento noturno. Desde novembro de 2008, os jovens podem aproveitar o escurinho do cinema em um moderno complexo com quatro salas grandes, para 280 pessoas cada, e uma pequena, com trinta lugares. O próprio governo construiu o complexo, que fica dentro do parque, em uma tentativa de conquistar o voto de confiança (e nas urnas) dos novos eleitores. Os casais só não podem namorar, como se faz

no Ocidente, é claro! A menos que sejam casados. Mas, a poucas quadras dali, eles têm um ponto secretíssimo de encontro. E não tem nada de escuro. Curiosamente, o local escolhido é uma das mais congestionadas vias de Teerã, a rua Jordan. Talvez porque, preocupados com o movimento intenso de carros, os policiais prestem menos atenção ao sobe e desce de jovens meninos e meninas; elas montadas sobre saltos altíssimos.

Dos dois lados da calçada, os adolescentes ensaiam uma dança da sedução curiosa — e que, embora tão inocente, só poderia ser possível no século XXI. Além de olhares insinuantes, trocam em poucas palavras — quase sussurros — números de telefone. Tudo muito rapidamente. Com o aparelho em mãos, passam então a paquerar via celular! Poucos metros à distância, trocam mensagens sedutoras, fazem confidências, marcam encontros sob os olhos dos policiais, que não desconfiam de nada. “A revolução deles é essa, a tecnológica”, sentencia a cineasta iraniana Manijeh Hekmat, 48 anos, mãe de Pegah Ahangarani, de 22, atriz.

16. DA MINISSAIA AO HIJAB

A relação do cinema de Manijeh com o feminino é visceral. Através das lentes de sua filmadora, ela busca o tempo todo respostas para os dilemas da própria vida como mulher, iraniana, mãe, muçulmana, profissional. Aos dezoito anos, com a cabeça fervilhando de ideias, Manijeh iniciava a carreira como produtora e assistente de direção de filmes, mas, foi surpreendida pelo regime islâmico e teve de se reinventar. “Era como se alguém tivesse apertado o botão de pausa para as mulheres e a nossa vida parou”, diz, sentada no sofá da produtora que ela criou e dirige, a Bamdad Film. Planos e sonhos ficariam congelados pelos anos seguintes.

Não à toa, o primeiro longa-metragem que Manijeh, finalmente, conseguira realizar como diretora, em 2002, foi *Zendân-e Zanân*, traduzido para o inglês como *Women’s Prison* (Prisão de mulheres). O filme retrata dezoito anos da vida de três mulheres em uma prisão feminina de Teerã — coincidência ou não, o tempo que levou para Manijeh concretizar o sonho de dirigir um longa sozinha, desde que se tornara cineasta. Em um enredo contado em tomadas fechadas, que chegam a causar claustrofobia no espectador, ela fala de violência doméstica, pressão psicológica, suicídio, execuções sumárias, dogmas, solidão, amizade e solidariedade entre mulheres, num claro paralelo com as duas primeiras décadas após a revolução. Manijeh quase foi presa por tentar exibir o filme, sem autorização, em uma inofensiva sessão caseira. A película levou dois anos para ser aprovada e teve vinte minutos cortados, mas, surpreendentemente, acabou liberada pelo governo. Quando isso aconteceu, porém, cópias do material já tinham sido distribuídas mundo afora, exibidas em mais de oitenta festivais de cinema e abarcado sete prêmios internacionais.

“Quando iniciei as filmagens, tive de apresentar o roteiro no nome do meu marido (o também cineasta Jamshid Ahangarani) porque, do contrário, não seria aprovado. Financiei a produção com dinheiro do meu próprio bolso. Era um projeto

de vida. Fiquei doente, achando que eles proibiriam o filme”, diz a iraniana. Em uma das muitas negativas dadas pelo governo, Manijeh teve uma ideia. Já famosa àquela altura por participar da produção de mais de vinte filmes, ela ligou para todos os amigos e jornalistas que conhecia avisando que desistira da profissão de cineasta para vender cigarros na porta do Palácio do Governo. Toda a imprensa registrou o momento em que Manijeh postou-se à frente da residência oficial do presidente com uma banca de maços de cigarro pendurada no pescoço. O Ministério da Cultura e Orientação Islâmica acabou por lhe dar a autorização. “Às vezes, dá certo. É preciso tentar. Eles podem até dificultar nosso trabalho, mas não podem nos eliminar a todas. As iranianas aprenderam a conviver com isso. Se não podemos fazer de um jeito, fazemos de outro; mas fazemos”, diz. Ela tira o *hijab*, traz o corpo esguio para a frente, acende um cigarro e dá um longo trago. “A minha geração, de certa forma, ficou perdida no meio dessas transformações todas. Mas, ao mesmo tempo, nós somos o elo entre o passado e o futuro do Irã.”

Em seu último longa-metragem, *3 Zan (3 mulheres)*, Manijeh nos leva a (re)descobrir três gerações de iranianas. É uma espécie de reconciliação da diretora com o tempo e consigo mesma. Sob o *hijab*, Minu, uma mulher no auge de seus quarenta anos (como Manijeh, diga-se), está à procura da mãe, Mah Leili, comerciante de tapetes persas (não há nada mais representativo da tradição milenar iraniana do que os magníficos tapetes persas, produzidos à mão com o mesmo cuidado de antes). Filha de Minu, a jovem Pegah, protagonizada pela filha de Manijeh na vida real, desgarrar-se e some no mundo à procura de aventuras. Nessa busca pela mãe e a filha, Minu se dá conta de que é ela quem está perdida.

Esse simbolismo diz muito sobre as iranianas de hoje. Elas estão situadas em algum lugar entre Mah Leili e Pegah, entre tradição e modernidade, passado e futuro, família e profissão, recato e liberdade sexual. Ao revisitar esses dois momentos da própria história, Minu se reencontra na descoberta do fio condutor que une a todas elas: a identidade persa, representada no filme pela tradição de fabricar tapetes.

Todas nós carregamos essa identidade persa. Com as nossas mães, aprendemos as tradições e costumes. Aí, vieram a revolução, a guerra e o regime opressor, mas atravessamos tudo isso e continuamos vivendo. Aprendemos a driblar as dificuldades e nos tornamos mais fortes. Agora eu enxergo o futuro através dos olhos da minha filha, que vive essa outra revolução, dos computadores, aparelhos de celular e redes sociais que te colocam em contato com o mundo o tempo todo, analisa Manijeh. “Essas três gerações fizeram das iranianas mulheres muito poderosas.”

1979 a um Código Civil que estabeleceu a supremacia masculina. Baseado em uma interpretação da *sharia*, a lei islâmica, o paradoxal regime imposto pelos aiatolás nega às mulheres o direito ao divórcio, à guarda dos filhos, de viajar ou alugar apartamento sozinhas. Ao mesmo tempo, permitiu a elas estudar, votar, trabalhar. Oportunidades que elas agarraram com unhas e dentes. Foi ainda durante a guerra contra o Iraque que essa abertura se deu. A morte de mais de 300 mil soldados iranianos, nos oito anos de conflitos, obrigou o recrutamento de mulheres para o serviço público. Para ocupar esses cargos no governo, elas tinham de ter estudo, especializar-se em alguma das muitas áreas onde faltavam profissionais por causa da guerra. Mais tarde, uma política de controle de natalidade adotada pelo governo, com o aval dos clérigos, garantiu às mulheres casadas acesso gratuito a métodos contraceptivos. Com menos filhos, elas ganharam tempo para se dedicar à profissão.

As próprias iranianas fazem piadas sobre a condição feminina após a revolução. Entre outras coisas, dizem que os aiatolás precisaram da ajuda das mulheres e, quando se deram conta, elas já não aceitaram mais voltar para casa e os religiosos tiveram de aprender a lidar com isso. Durante trinta anos do regime islâmico, elas passaram a ocupar 67% das vagas nas universidades e a metade da força de trabalho. São jornalistas, escritoras, advogadas, cineastas, pilotos de avião, jogadoras de futebol, economistas, policiais, médicas, engenheiras, taxistas! Sim, taxistas!

A tradutora e eu seguíamos apressadas para um encontro, quando vi passar na rua um carro verde com o logo em inglês *Women's Taxi* (Táxi de Mulheres). Eu não sabia se ficava mais surpresa com a ideia do negócio, que faz todo sentido em um país que procura segregiar homens e mulheres com base na religião, que é lei, ou com uma taxista sob o *hijab*. Malileh não conhecia a empresa, que era de fato muito nova. Decidi não deixar passar o próximo táxi verde. Curiosamente, isso aconteceu quando eu estava a caminho de uma entrevista com outra grande mulher iraniana, Shirin Ebadi.

Ao volante do táxi, Nazanin Azar, de 36 anos, conta ter sido obrigada pelo pai a se casar aos doze. “Eu nem tinha menstruado ainda”, diz, em tom de lamento. Aos quatorze anos, ela teve o primeiro filho. Aos dezoito, o segundo. Nazanin passava os dias cuidando dos meninos e as noites acordada tentando encontrar uma saída para uma vida que ela não escolhera. “Mas por que o seu pai impôs o casamento tão cedo?”, eu pergunto. A família, ela explica, vem de uma área rural e pobre do Irã, onde a vida social ainda é regida por tradições tribais e dogmas religiosos. Nesse sentido, o Irã não é diferente de outros países. Nem mesmo do Brasil, onde histórias semelhantes motivadas pela tradição patriarcal são contadas por moradores de vilarejos no interior mais remoto do país. Como nos tempos do coronelismo, o perigo está no sistema político que, no lugar de proteger os cidadãos, legitima as injustiças provenientes dessas tradições locais. Num Irã onde religião e política se misturam, a mudança é possível, mas ocorre por meio de iniciativas pessoais e da sociedade civil minimamente organizada.

Desde o início, Nazanin imaginava o dia em que poderia se separar, mas tinha consciência de que seria difícil. Talvez, impossível. O marido não queria e no Irã a

decisão sobre o divórcio é exclusivamente do homem. E ainda que o marido tomasse a iniciativa, ele ficaria com a guarda dos filhos e todo o patrimônio da família, deixando a mulher sem nada. É a lei. As iranianas não podem ter propriedades em seu nome, por isso, quando viúvas, a herança deixada pelo marido é transferida ao filho homem mais velho. Se o casal não tiver filhos, os bens vão para alguém da família dele, do sexo masculino. Por isso, muitas iranianas permanecem casadas, mesmo quando não são obrigadas. Se é ruim com eles, pior sem eles. A vida é muito mais difícil para as que escolhem viver sozinhas. Mulheres divorciadas ainda não são bem aceitas pela sociedade (realidade também no Brasil não muito tempo atrás e ainda presente em cidades pequenas e regiões menos desenvolvidas, diga-se) e elas temem nunca mais ver os filhos.

Até mesmo isso, porém, está mudando no Irã. E muda pelas mãos de mulheres como Nazanin, Shirin, Manijeh... Inspiradas no exemplo delas, as iranianas começam a defender seus direitos, ainda que na esfera pessoal. Muitas jovens de Teerã exigem dos noivos um contrato pré-nupcial em que eles concedem às futuras mulheres o direito ao divórcio, divisão de bens e guarda dos filhos que o casal vier a ter. As novas gerações foram em grande parte influenciadas também pela expansão imensa das organizações não governamentais nos anos 1990. Ainda que no Irã essas organizações enfrentem dificuldades, por causa do controle do governo, o avanço tecnológico dos meios de comunicação permitiu dar mais visibilidade às causas defendidas por entidades internacionais. Os preceitos da Declaração Universal dos Direitos Humanos foram largamente promovidos, mesmo nos países mais fechados, levando as sociedades pós-modernas a um novo patamar, no qual já não cabia fazer distinção entre homens e mulheres, independentemente de religião, etnia, nacionalidade ou condição social e econômica.

Na época de Nazanin, ninguém falava de direitos das mulheres e ela teve de abrir sozinha o próprio caminho. De uma coisa tinha certeza: não queria mais aquele casamento. Então, criou uma estratégia para se livrar do marido: “Eu comecei a me comportar de uma maneira estranha, meio esquizofrênica. Atazanei tanto a vida dele, mas tanto, tanto, que ele me largou”. Quer dizer, ele expulsou-a de casa e ficou com os filhos. Com a ajuda de uma amiga, ela conseguiu um emprego de secretária. Ninguém no escritório podia saber que era separada. Durante dez anos, Nazanin escondeu isso do chefe e dos colegas de trabalho, evitando a vida social além do horário de expediente, e passou a juntar todo o dinheiro que recebia para recuperar os filhos. Iniciou, então, um processo de convencimento do ex-marido para que lhe devolvesse os meninos, sob o argumento de que a vida dele — e não a dela — seria melhor e muito mais tranquila se ela passasse a criar as crianças. Com o tempo, ele acabou aceitando.

Havia três meses, Nazanin largara o emprego e, com outras 150 iranianas, abriu a primeira cooperativa de rádio táxi do país dirigida por mulheres e voltada para uma clientela exclusivamente feminina. Pouco mais de um ano depois de iniciar suas atividades, a cooperativa já tinha setecentas mulheres taxistas circulando pelas ruas de

Teerã e uma lista de quarenta mil iranianas entre as usuárias cadastradas do serviço. “Faço mais do que conduzi-las, virei psicóloga. No carro, contam-me todos os seus problemas. Uma passageira me disse que não saía de casa sem o marido havia cinco anos. Ele só permitiu que ela saísse sozinha dessa vez porque o táxi era guiado por uma mulher.”

Entre as clientes do Women’s Taxi estão mulheres altamente conservadoras que não se sentem confortáveis sozinhas num carro conduzido por um homem. Mas, ao mesmo tempo, querem ser mais independentes. Outras nem são tão conservadoras assim, mas usam o serviço porque se cansaram da constante preocupação com a roupa e o *hijab*, da sensação de serem vigiadas por policiais o tempo todo, sem contar o medo de ir parar numa delegacia por causa de um batom vermelho. Além disso, em uma sociedade machista e conservadora, o respeito dos garotos em relação ao sexo oposto é inversamente proporcional ao liberalismo delas. Num táxi conduzido por uma mulher, elas se veem definitivamente mais à vontade.

Podem maquiuar-se, afrouxar o *hijab*, usar roupas um pouco mais ousadas, falar ao telefone, cruzar as pernas sem o risco de serem mal interpretadas por um motorista atento a tudo pelo espelho retrovisor. As clientes mais fiéis de Nazanin são jovens que aproveitam o fato de não terem de dividir um táxi com um homem e a distância da polícia para sair de casa já produzidas para uma festa à noite. Assim, evitam o assédio masculino indesejado. E guardam todo o charme para ser exibido somente a quem interessar, nas festinhas fechadas e encontros privados onde quase tudo é permitido.

Em público, impera o entendimento dos aiatolás sobre as leis islâmicas. De acordo com essa interpretação, todas as mulheres devem usar camisões largos até a altura dos joelhos, com as mangas cobrindo os braços, calças que não marquem o contorno do corpo e o *hijab*. A vestimenta foi incorporada à moda feminina, sem grandes prejuízos para a elegância das iranianas. Mas, com o passar do tempo, passou a distinguir de forma muito clara dois grupos de mulheres — ou a maneira como elas queriam ser vistas pela sociedade. De um lado, as liberais, com seus coloridos *hijab*. De outro, as conservadoras, sob o negrume do chador.

Coloque isso no contexto de um sistema em que religião e política se misturam e logo a veste islâmica passou a servir como uma espécie de estandarte ideológico. As adeptas do chador estariam aliadas aos aiatolás no poder. As de *hijab* são comumente associadas aos reformistas e, talvez por isso, e não por uma motivação moral, sejam alvo de *blitze* frequentes e sofram mais com a mão pesada da polícia. Críticos do presidente Ahmadinejad interpretam esse tipo de ofensiva como uma tentativa de intimidar as mulheres, impedindo que tenham participação mais ativa na vida política e maior influência sobre dissidentes. Não por serem do sexo feminino, mas por seus ideais reformistas.

Shahla Sherkat é um exemplo. Religiosa, ela foi demitida de uma publicação estatal supostamente por não concordar com a forma como as mulheres eram retratadas. Fundou, então, a revista feminina *Zanan*. Além de colocar em discussão assuntos tão

polêmicos para uma sociedade conservadora quanto o abuso sexual, Shahla ousou falar sobre política. A publicação foi fechada pelo governo sem explicação.

Com o avanço tecnológico da comunicação, no entanto, a censura se torna cada vez mais difícil. Pouco a pouco, além de conquistar espaço na sociedade iraniana, elas se fizeram ouvir através de vozes como a de Shirin Ebadi, Azar Nafisi, entre tantas outras. Beneficiadas pelo controle cada vez mais difícil da informação, passaram a falar por si próprias e o Irã ficou pequeno demais para elas. A maioria dos setenta mil blogs iranianos, que colocam o *farsi* entre os dez idiomas mais usados na web, é escrita por mulheres.

O islã como fê tampouco parece influenciar na decisão sobre o alvo das ofensivas do governo. Tanto que surgiu no Irã um termo contraditório aos olhos dos ocidentais, mas que faz todo sentido para as iranianas: feminismo islâmico. Ou seja, direitos iguais para homens e mulheres dentro da doutrina religiosa que elas adotaram para si. Primeiro, é preciso dizer que o *hijab*, alvo das mais exaltadas críticas do Ocidente sobre os países muçulmanos, é o menor dos problemas delas. Ou, melhor dizendo: não é problema algum. Do Irã ao Egito, dos Emirados Árabes ao Afeganistão, do Kuwait ao Líbano, da Síria ao Iraque, as mulheres são muito claras a esse respeito: o que elas almejam é a liberdade de escolha. Ainda que seja para escolher cobrir-se dos pés à cabeça. No caso das iranianas, sob o chador.

A luta das mulheres muçulmanas é a mesma impetrada pelas feministas nos Estados Unidos ou no Brasil, em diferentes épocas. Basta olhar para a nossa própria história:

Com o casamento, a mulher perdia sua capacidade civil plena. Cabia ao marido a autorização para que ela pudesse trabalhar, realizar transações financeiras e fixar residência. Além disso, o Código Civil (de 1916) punia severamente a mulher vista como “desonesta”, considerava a não virgindade da mulher como motivo de anulação do casamento (...) e permitia que a filha suspeita de “desonestidade”, isto é, manter relações sexuais fora do casamento, fosse deserdada.^[5]

Isso é Brasil. Somente em 1932, as brasileiras ganharam o direito de votar. E, antes delas, somente as mulheres do Canadá, Estados Unidos e Equador haviam conquistado o mesmo direito na América.

Trata-se, portanto, de uma luta por direitos civis e políticos. No caso das iranianas, por mudanças na lei que as impede de ter propriedades, receber heranças, tomar a iniciativa da separação conjugal, ficar com a guarda dos filhos em caso de divórcio e de ter o mesmo peso dos homens perante a Justiça. Além, é claro, de bandeiras que não estão escritas em nenhuma lei, mas estão relacionadas a costumes antigos e contra os quais também o Ocidente ainda luta. Entre elas, estão o fim da violência doméstica e da exploração sexual, mais acesso à educação, oportunidades profissionais e salários compatíveis. Há ainda outras reivindicações, compartilhadas com os homens iranianos, por liberdade política e de expressão. Uma luta que tem como sua principal

representante Shirin Ebadi.

17. Uma Nobel da Paz

A entrada simples não dá sinais de que ali funciona o escritório de uma Nobel da Paz. O prédio de três andares fica em uma pequena e tranquila via residencial a poucos metros da arborizada praça Farhang. Corro os olhos pelos nomes ao lado dos números dos apartamentos no interfone. Lá está. Uma discreta placa de bronze, em *farsi* e em caracteres ocidentais, revela que estamos no lugar certo: Shirin Ebadi, advogada.

Malileh nos identifica rapidamente pelo interfone. A porta é aberta, descemos alguns degraus até o subsolo e tocamos a campainha. Fui informada de que, por questões de segurança, Shirin Ebadi procura não falar com jornalistas no Irã, mas apenas quando está fora do país. Por isso, a entrevista não havia sido marcada. Mas eu decidira tentar pessoalmente, na esperança de poder explicar a uma assistente ou funcionário dela que venho de longe e a entrevista seria publicada somente no exterior, em português. Talvez, assim, pudesse convencê-la a me atender.

Para a minha surpresa, no entanto, é a própria Shirin que nos abre a porta. Uma senhora de estatura baixa, o *hijab* cobrindo-lhe discretamente parte dos cabelos curtos e alourados. “Salam Aleikom”, ela diz, nos cumprimentando com a saudação islâmica. E aponta em direção à sala para onde deveríamos seguir. Sua voz é energética e ela parece não ter tempo a perder. A recepção está lotada de mulheres.

No escritório espaçoso quase não há paredes. Estão cobertas de cima a baixo por uma estante repleta de livros de direito internacional, literatura persa e religião. Meus olhos desviam a atenção para os pequenos quadros apoiados sobre a estante e se distraem tentando sem sucesso decifrar a caligrafia neles escrita. São versos de Hâfêz, o poeta do amor que, diz-se, sabia de cor o *Alcorão*. Intercalados com os livros e quadros estão dezenas de agradecimentos a Shirin, homenagens, diplomas e a medalha de ouro do Nobel da Paz.

Shirin retira o véu florido, jogando-o sobre os ombros. Então, senta-se descansando o corpo contra o encosto da cadeira de couro e solta um longo suspiro. Parece exausta, mas em segundos se recompõe. “E então, o que você quer saber?”, pergunta, dirigindo o olhar para mim, porém, em *farsi*. Shirin tem inglês fluente, mas diz à Malileh que prefere falar no idioma persa. A tradutora me pede a primeira pergunta.

“Os direitos humanos podem existir num estado teocrático?” Religiosa, porém secular, Shirin responde que, sim, isso é possível. Mas, no entendimento dela, o direito humano deve ser colocado em primeiro lugar e isso requer liberdade de escolha. Numa teocracia, porém, os dogmas religiosos são impostos à população por aqueles que estão no poder. Por isso, Shirin defende a separação entre Estado e Igreja, deixando a religião como um direito de escolha individual. Se pudesse optar, Shirin usaria o *hijab*. Mas, rechaça a ideia de que seja imposto, pois isso fere o sentido de manifestação da fé existente na simbologia do adereço — assim como a cruz, usada por cristãos, e o quipá,

pelos judeus.

“O problema do Irã não é o islã”, me diz Shirin. Profunda conhecedora do *Alcorão*, no qual baseia todas as suas teses de defesa como advogada, Shirin mostra não existir nada de incompatível entre o islã e a democracia ou os direitos humanos no livro sagrado. E acusa os líderes iranianos de usar uma interpretação falsa das doutrinas de Maomé para legitimar injustiças cometidas. “O governo do Irã é antidemocrático, não o islã. Há muitos governos ditadores, que violam os direitos humanos, inclusive na América Latina, e não são Estados islâmicos. E há exemplos como o da Malásia, uma nação predominantemente islâmica e democrática.” O país do sudeste asiático tem o islã como doutrina oficial do Estado, porém, a Constituição garante a liberdade religiosa a todos os cidadãos.

Eu reformulo, então, a pergunta: “A democracia pode prevalecer no Irã?”. Mas a visão da Nobel da Paz sobre democracia é muito particular e vai além do senso comum. “Os líderes iranianos chegaram ao poder pelo voto da maioria, pelas mãos do povo. E não podemos nos esquecer de que muitos ditadores chegam ao poder assim, por meio da democracia. Hitler foi um deles”, diz ela, enfática. Mas o que isso nos revela? “Isso mostra que o mundo precisa de um novo entendimento sobre a democracia. Não somente o voto, mas o compromisso com os direitos humanos deveria legitimar um governo no poder.” Fosse assim, o Irã teria um longo caminho a percorrer.

No sistema de Justiça, por uma interpretação da lei islâmica (*sharia*), a mulher vale exatamente a metade de um homem. Ou seja, se ocorrer um acidente de carro, o seguro pago, se a vítima for mulher, será a metade do valor do que seria pago a uma vítima do sexo masculino. Em um tribunal, um homem tem o mesmo peso de duas mulheres como testemunha. Na vida familiar também existem desigualdades. Um homem pode ter quatro mulheres e elas só podem se divorciar com autorização do marido. No divórcio, a guarda dos filhos maiores de sete anos é dada aos pais, e as mães não têm direito a nada. “Mas tudo isso se deve a uma interpretação errada do *Alcorão* e da *sharia*”, defende Shirin. Segundo acredita, o islã, assim como qualquer outra religião, está sujeito a interpretações. Pode ser usado para oprimir as mulheres ou para libertá-las.

A mulher não é a única vítima desse entendimento discriminatório das leis. Cristãos, judeus e zoroastras só podem ter um representante no parlamento. E não podem ser ministros, juizes ou presidente. “Essas minorias não têm direitos no Irã”, revela Shirin. Ela explica, por exemplo, que o seguro de vida pago pelo governo às famílias tem valores diferentes, de acordo com a religião. Se um pai morre, sua herança deve ser dividida igualmente entre os filhos, mas se apenas um deles se converte ao islã, todo o dinheiro vai para este. “O regime se aproveita dessa lei para convencer os jovens a se converterem”, diz a jurista. Mesmo dentro do islã há discriminação. Com 90% da população xiita, desde a Revolução Islâmica o governo iraniano nega aos sunitas o direito de construir a sua mesquita. É contra isso que Shirin luta, incansável. Sobre a sua mesa de trabalho, há muitos papéis empilhados, o celular para o qual ela

desvia o olhar discretamente minuto a minuto, um prato e o copo de chá vazios, indicação de que seu almoço fora ali mesmo. Num porta-retrato, a frase: “Se queres a paz, prepara-te para a guerra”. Guerra que para ela dura mais de três décadas. Aos 31 anos, Shirin foi a primeira mulher a se tornar juíza no Irã. À frente de seu tempo, a advogada engajou-

-se na luta para derrubar a ditadura do xá Reza Pahlevi. Com um grupo de revolucionários, invadiu o prédio público onde ficavam os ministérios, numa tentativa de depor o próprio chefe, então ministro da Justiça do monarca. No hall de entrada foi surpreendida por um respeitado procurador que, apontando-lhe o dedo, desabafou aos gritos: “Você? Entre todos, por que você está aqui? Então não sabe que está dando apoio a pessoas que irão tirar seu emprego se chegarem ao poder?”.

Shirin não sabia. Ela acreditava no desejo genuíno do líder espiritual aiatolá Ruhollah Khomeini de instaurar no país uma verdadeira democracia. “Prefiro ser uma iraniana livre a uma juíza escravizada”, respondeu, desafiando o jurista.

Com quem eu teria mais coisas em comum, afinal: uma oposição liderada por homens religiosos, que falavam num tom muito familiar aos iranianos comuns, ou a corte extravagante do xá, cujos oficiais saltavam com jovens estrelas americanas, em festas regadas a caríssimas garrafas de champanhe francês? Obviamente não à corte, que tinha entre os fiéis apenas os próprios cortesãos, alguns altos oficiais e famílias enriquecidas pelos negócios ligados à monarquia. A maioria no país identificava-se mais com a oposição, que incluía nacionalistas seculares, socialistas e marxistas. Entre estes opositores, os mulás falavam mais alto; os dérigos tinham na rede de mesquitas espalhadas por todo o país um palanque, no qual puderam levantar o tom e se organizar.

Não parecia tão alarmante que assumissem o poder,

escreveu Shirin em seu livro, *Iran Awakening. From Prison to Peace Prize: One Woman's Struggle at the Crossroads of History* (O despertar do Irã. Da prisão ao prêmio Prêmio pela Paz: a luta de uma mulher na encruzilhada da história, em tradução livre).

Nessa autobiografia, escrita em coautoria com a amiga Azadeh Moaveni, Shirin relata como aquela sensação de injustiça e desejo por mudança contaminou toda a população até que, em 16 de janeiro de 1979, o xá deixou o Irã levando consigo apenas uma caixa com um punhado de terra iraniana. “O povo lotou as ruas, celebrando”, conta. Dezesesseis dias depois, o aiatolá Khomeini desembarcaria em Teerã. As forças armadas, ainda leais ao xá, colocaram suas tropas e tanques nas ruas e os militares assumiram o governo em muitas cidades. Naqueles dias, Khomeini teria ordenado ao povo que se recolhesse em suas casas no pôr-do-sol. E que subissem ao telhado às 21 horas, todas as noites, para a nação inteira gritar junta: *Allaho akbar* (Deus é o maior!). “A tática revelou quão efetivamente o aiatolá era capaz de jogar com o sentimentalismo religioso das massas em sua campanha contra o xá.” Khomeini tinha o povo sob controle;

os iranianos estavam inebriados por aquele momento. Até os soldados e policiais do xá se deixaram impressionar e acabaram se juntando à massa. O comando militar declarou que não assumiria nenhum dos lados, pondo fim à resistência contra a Revolução Islâmica.

“Não levou nem um mês até que eu me desse conta de que, na verdade, eu tinha por vontade própria e entusiasticamente participado de meu próprio fim”, escreveu Shirin. Chocada com os abusos do regime praticados contra as mulheres, Shirin se tornou uma ativista. Em casa, obrigou o marido a assinar em cartório um documento em que abria mão dos direitos concedidos a ele no casamento pelo novo regime islâmico, como a guarda dos filhos e a posse de todos os bens do casal. O contrato nupcial se tornaria um procedimento relativamente comum entre os casais mais modernos, nas grandes cidades.

Profissionalmente, Shirin julgou estar acabada. As mulheres não podiam mais sequer exercer uma profissão e a advogada foi impedida de atuar no Judiciário, lei que prevaleceu no Irã até 1992. Foi quando Shirin obteve uma licença para voltar a advogar, embora não no Judiciário. A forma que encontrou de continuar trabalhando foi prestar serviços *pro bono* como advogada particular. Passou a atender, então, aqueles sem acesso à Justiça. Em três décadas do regime, a advogada defendeu estudantes, jornalistas, perseguidos religiosos e políticos, dissidentes presos, mulheres vítimas das mais diversas violações de direitos, familiares de iranianos mortos sob custódia do Estado.

Quando eu estava no Irã, Shirin defendia a acadêmica americana de origem iraniana Haleh Esfandiari, chefe do departamento de Oriente Médio do Woodrow Wilson Center for Scholars, com sede em Washington, Estados Unidos. Acusada pelo Ministério da Inteligência do Irã de tentar organizar uma rede de iranianos para uma revolução, Esfandiari, que estava no país para visitar a mãe, fora detida na prisão Evin. A prisão de Esfandiari reacendeu a crise diplomática entre Irã e Estados Unidos. Quando foi presa, só deixaram que ela fizesse uma ligação telefônica e foi para o escritório de Shirin Ebadi que ela ligou, pedindo ajuda. Aos 68 anos, Esfandiari permaneceria incomunicável durante 110 dias em uma solitária.

Shirin também defendeu os pais da fotógrafa canadense de origem iraniana Zahra Kazeni, morta em Evin, em 2003, caso que relato no capítulo 11 deste livro. Ela tentava provar, na Justiça iraniana, que Zahra fora assassinada. O caso permanecia em aberto.

Em 1999, a própria Shirin enfrentou quase três meses na temida prisão de Evin, onde estão os presos políticos. Sobre a experiência, relatou a mim, naquela conversa em seu escritório:

As celas são pequenas, sem janelas. Uma luz fluorescente fica acesa 24 horas para que você nunca possa dizer o horário. Realmente perde-se a noção do tempo naquele lugar. Não há acesso a livros, tv, jornais. Até meus óculos foram tirados de mim. Na minha cela havia apenas um tapete sujo no chão e

dois cobertores, nenhum travesseiro. Eu me sentia muito desconfortável. Foi uma experiência estressante, mas, ainda assim, melhor do que a de muitos colegas. Inúmeras denúncias chegam de Evin.

Após sua libertação, Shirin passou a ser intimida publicamente. E encontraria, entre documentos sigilosos do governo iraniano, aos quais teve acesso, a própria sentença de morte. Sua organização, o Centro para a Proteção dos Direitos Humanos, foi banida em 2002. Acreditavam poder calar Shirin dessa forma. Estavam enganados. O Nobel da Paz, em 2003, rende-

-lhe, além de 10 milhões de coroas suecas (algo como R\$ 3 milhões), um enorme prestígio internacional, que Shirin usa para garantir a própria proteção e para tornar mundialmente públicas as violações do regime. Com isso, Shirin poderia ter deixado o país muito antes, mas decidiu ficar.

Desde que se tornou uma Nobel da Paz, Shirin enfrentou cada vez mais pressão. Sua autobiografia foi proibida de circular no Irã pelas autoridades, seu escritório foi invadido e a medalha do Nobel confiscada pelo governo. Dessa vez, a população estava com ela, mas não foi sempre assim. Nos primeiros dias após a revolução, Shirin teve de enfrentar até colegas e os jornais iranianos. “Eles me discriminavam, me chamavam de feminista, como se isso fosse um defeito. Naqueles tempos, ninguém sabia o que eram direitos humanos”, revela. Ao longo dos anos, porém, trabalhar pela defesa dos direitos humanos se tornou um valor. A percepção das pessoas mudou em todas as partes do mundo. Censura, perseguição à imprensa e aos jornalistas, prisão de estudantes, dissidentes e acusados sem provas, limites à liberdade de expressão, execuções sumárias, tudo isso passou a ser rejeitado pelas sociedades civis mundo afora, com o crescimento das organizações não governamentais.

Apesar da situação e das dificuldades encontradas, Shirin acredita na força da pressão internacional sobre o governo iraniano. “Eles tentaram me prender três vezes, mas a repercussão foi tão grande que desistiram da ideia”, diz. Shirin explica também que, em algumas situações, a Justiça iraniana funciona bem. Mas não nas questões políticas ou religiosas. “Nestes casos, a Justiça no Irã está contaminada”, ela diz, complementando que o governo iraniano não deixa claras as acusações contra presos, mantém em cárcere pessoas sem julgamento, dificulta o acesso dos réus a advogados de defesa, limita visitas dentro dos centros de detenção. Muitas das prisões são feitas sob a acusação de ameaça à segurança nacional, cuja definição é abrangente e subjetiva — o crime prevê pena capital.

Eu quero saber se Shirin Ebadi não tem medo, por si própria e pela família.

O perigo de prisão e morte sempre existiu e sempre existirá no futuro para mim. Mas eu não presto atenção nisso, não deixo que tome conta de mim. Tenho uma missão e vou continuar o meu trabalho. Eu sou uma defensora de direitos humanos e tenho de estar presente e defender meus clientes. É claro que é horrível ver seu nome numa lista negra e saber que a sua vida

corre risco. Mas quando se está no meio do mar, desesperar pode levar à morte. Minha única alternativa é seguir nadando.

Previendo o resultado nas urnas, Shirin deixou o Irã em 2009, um dia antes das eleições que levaram o presidente Ahmadinejad ao segundo mandato. O marido permaneceu em Teerã para cuidar dos interesses da família. Shirin e as filhas foram para a Europa, mas o trabalho continuou. A ativista passou pela Alemanha, Inglaterra e Canadá e continuava levando denúncias contra o regime aos governos e organizações internacionais de direitos humanos. “Esse governo sequestrou minha irmã (Nooshin Ebadi ficou dezessete dias na prisão após as eleições de junho de 2009) e a manteve em condições terríveis para que eu me calasse. Só o que eles querem é me silenciar, mas perceberam que não adianta. Porque, desde que saí do meu país, estou atuando junto ao Conselho de Direitos Humanos da Onu que, em dezembro, condenou o Irã por violações antes e após o pleito presidencial”, disse Shirin, em uma segunda entrevista, por telefone, sobre a aproximação mais intensa entre Brasil e Irã.

Shirin tentava pressionar a comunidade internacional para que esta isolasse politicamente o Irã, mas não impusesse sanções econômicas “que só prejudicam o povo iraniano”, em sua opinião. Por isso, nessa segunda entrevista que fez com a Nobel da Paz, Shirin tinha um recado para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva: “Lula não deveria se unir a governos criminosos”, imprimiu em um alto de página o jornal *O Estado de S. Paulo*, que publicara a entrevista no dia 23 de janeiro de 2010. Referia-se à visita oficial de Ahmadinejad ao Brasil, em novembro de 2009, retribuída por Lula, em maio de 2010. “Será que ele (Lula) não vê o que está acontecendo nas ruas de Teerã? Como pode fazer amizade com um governo que mata seus jovens e estudantes, sua gente?”, desabafou.

As amigas do presidente brasileiro preocupavam Shirin na mesma medida em que o Brasil passava a ocupar uma posição de destaque cada vez maior no cenário internacional. O Conselho de Segurança da Onu discutia novas sanções contra o programa nuclear do Irã e o Brasil ocupava desde o dia 1º de janeiro de 2010 uma vaga não permanente no órgão, tendo de se posicionar politicamente, diante da comunidade internacional, sobre as questões envolvendo o país. No lugar do embargo econômico, Shirin defendia o isolamento político do presidente Ahmadinejad. Por isso, a bronca que dirigia ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O discurso de Shirin perante o mundo parecia cada vez mais raivoso. Sua voz aumentava na mesma medida da violência contra dissidentes no país. “Ouçam a voz dos iranianos”, ela apelava. Os protestos contra o regime aumentavam a cada dia. Em todas as cidades, e não só em Teerã, o povo saiu de casa para protestar nas ruas contra o governo. Essas manifestações eram contidas com grande violência. No início de 2010, seis meses após a reeleição de Ahmadinejad, o governo falava oficialmente em cinco mil presos. “Mas sabemos que são mais”, disse Shirin, relatando em seguida o episódio ocorrido na Universidade de Teerã, em que homens armados invadiram os dormitórios às três horas, quando os estudantes dormiam. Cinco deles foram assassinados.

“A situação dos direitos humanos vinha piorando nos últimos cinco anos (período de Ahmadinejad na presidência), mas após as eleições de 2009 se tornou calamitosa”, diz. “Me surpreende que o Brasil...” Shirin faz uma pausa. Depois, segue exaltada:

Será que o povo brasileiro sabe o que o governo iraniano faz nas ruas ou às escondidas? Será que não se pergunta por que seu governo despreza as violações dos direitos humanos no Irã? Entristeceu-me muito ver o presidente Lula reconhecer publicamente a vitória de Ahmadinejad para um segundo mandato tão rapidamente. Como pôde fazer isso? Como seu presidente pode se unir a um governo que tortura e mata seus estudantes e jovens, sua gente nas prisões, oponentes e minorias? Diga aos brasileiros que peçam ao presidente para não ir ao Irã. Lula não deveria fazer amizade com governos criminosos.

Manifestações contra a aproximação dos dois países continuavam reverberando mundo afora com a notícia da intensificação de prisões e execuções após a reeleição do presidente Ahmadinejad.

18. Quem tem medo de Ahmadinejad?

Mahmoud Ahmadinejad é um homem de gestos parcos, leve sorriso congelado no rosto, o que deixa seus olhos pequenos e enrugados; faz o tipo interiorano, não apenas no conservadorismo ideológico, mas no estilo modesto de se vestir para um presidente — o líder iraniano nunca usa gravata, para ele uma espécie de distintivo do capitalismo ocidental. Dos tempos em que era professor da Faculdade de Engenharia da Universidade de Ciência e Tecnologia, em Teerã, onde desenvolveu o dom da oratória, herdou a fala mansa, porém, assertiva. Seus discursos e entrevistas começam, invariavelmente, com o primeiro verso do *Alcorão*: “Bismill’hi r-ra’ m’ni r-ra’ m” (Em nome de Deus, o Todo-Poderoso e Clemente). E então o presidente iraniano diz poucas, mas explosivas, palavras.

Nascido em 1956 em Garmsar, um pequeno vilarejo na província de Semman, Ahmadinejad passou os primeiros anos de vida brincando entre campos de algodão nas montanhas de Alborz. A família mudou-se para um subúrbio pobre de Teerã quando ele ainda era criança e Mohammad Reza Pahlevi reinava com pompas num Irã que o monarca tentava ocidentalizar. Os movimentos estudantis foram os primeiros a emergir, no início dos anos 1970, contra o que consideravam a ditadura do rei.

Então estudante de engenharia civil, Ahmadinejad ingressou no mais influente dos movimentos pró-democracia, o *Daftar-e Tahkim-e Vahdat* (algo como Escritório pela Consolidação da Unidade, em tradução livre), formado por estudantes conservadores que se uniram nos anos 1970 para combater a crescente disseminação dos ideais marxistas defendidos por outro grupo, o *Mujahedin-e Khalq* (Combatentes do Povo),

que visionava um governo democrático e pluralista, porém, secular.

Embora tivessem ideias diferentes para o futuro do Irã, ambos os movimentos ingressaram lado a lado na luta armada contra o regime do xá na Revolução Islâmica. Com a chegada dos aiatolás ao governo, no entanto, foi o idealismo do Daftar-e Tahkim-e Vahdat que prevaleceu, fazendo com que muitos de seus integrantes, entre eles Ahmadinejad, ascendessem ao poder. Curiosamente, anos depois da Revolução Islâmica, já decepcionados com o regime pelo qual lutaram contra a ditadura do monarca Reza Pahlevi, o Daftar-e Tahkim-e Vahdat e o Mujahedin-e Khalq se reaproximariam na defesa de seu ideal pró-democracia e de reformas no Irã, tornando-se tanto um quanto o outro, novamente, movimentos estudantis de oposição ao governo em exercício.

Ahadinejad manteve-se fiel aos princípios do líder espiritual aiatolá Ruhollah Khomeini após a Revolução Islâmica — e, posteriormente, aos seus seguidores, os clérigos da ala mais conservadora do regime. Quando estourou a guerra entre Irã e Iraque, em 1980, ele ingressou na Guarda Revolucionária, destacando-se entre os oficiais. Com o fim dos conflitos, voltou a dar aulas enquanto exercia postos administrativos e políticos de menor importância, até ser nomeado prefeito de Teerã, em 2003, pelo conselho local.

Ao se apresentar na campanha para as eleições presidenciais de 2005, Ahmadinejad era visto como um candidato pouco expressivo. Os conservadores a quem ele representava se beneficiaram do desgaste político do antecessor Mohammad Khatami, o primeiro reformista a ocupar a presidência do Irã após a Revolução Islâmica. Eleito sob a bandeira do Diálogo entre Civilizações, Khatami não conseguiu implementar durante seus dois mandatos (entre 1997 e 2005) os ideais de maior liberalismo econômico, liberdade de expressão e relações com o mundo globalizado, almejados por seus eleitores, e, ao mesmo tempo, manter o apoio dos conservadores. Desagradou a ambos.

A administração Khatami evidenciou todas as limitações do executivo diante do poder do líder supremo, aiatolá Ali Khamenei, e o poderoso Conselho dos Guardiães, que delibera sobre praticamente tudo na política iraniana. Nas eleições presidenciais de 2009, Khatami retirou a sua candidatura em favor do reformista Mir Hossein Mousavi, que perdeu para Ahmadinejad, reeleito sob protestos, na maior demonstração pública já vista nas ruas de Teerã em trinta anos, desde a Revolução Islâmica.

Nas eleições de 2005, Ahmadinejad enfrentara como principal adversário o influente ex-presidente Akbar Hashemi Rafsanjani, um conservador pragmático, ao mesmo tempo autoritário contra dissidentes, severo na manutenção dos costumes morais e religiosos, porém, liberal economicamente. Rafsanjani defende a privatização do robusto aparato estatal iraniano, o livre mercado e a aproximação moderada com o Ocidente, o que incluiria a adoção de uma política externa menos conflituosa com os Estados Unidos. Comandante-chefe das Forças Armadas iranianas no último ano da guerra contra o Iraque (1988), Rafsanjani teria dado o cessar fogo que, atendendo à resolução do Conselho de Segurança da ONU, pôs fim ao conflito sangrento que durou

oito anos.

Durante dois mandatos (1989 e 1997), porém, as relações com o Ocidente permaneceram praticamente inalteradas. Rafsanjani se recusou a retirar a *fatwa*, proferida por Khomeini em 1989, condenando à morte o autor britânico de origem indiana Salman Rushdie, por ter feito duras críticas ao islã no romance *Versos satânicos*. Em 1990, um ano depois de assumir o cargo, o presidente teria suas aspirações desenvolvimentistas suspensas por uma segunda rodada de sanções econômicas contra o país e, até o fim do mandato, avançaria apenas na maior aproximação com países árabes, a Ásia e as ex-repúblicas soviéticas, como o vizinho Turcomenistão.

Sentado sobre o tapete persa no ambiente esfumaçado de uma das casas de chá que iluminam as noites nas montanhas de Darmavand, entre uma e outra baforada de sabor maçã no seu *quellium*, o estudante americano de origem iraniana Kevan Herris resume assim as diferentes linhas políticas do atual regime iraniano:

1) Os políticos economicamente liberais, socialmente autoritários e filosoficamente tradicionais, representados pelo influente e milionário Rafsanjani;

2) A ala radical, que defende o controle do Estado sobre empresas e indústrias e uma política ampla de seguridade social, prega o fim da intervenção do Ocidente no Oriente Médio e o resguardo da tradição religiosa estrita, como Ahmadinejad, que tem o apoio do líder supremo aiatolá Ali Khamenei;

3) E os reformistas como Khatami que, nas eleições de 2009, retirou sua candidatura em favor de Mousavi.

Nas três décadas seguintes à revolução de 1979, representantes das três linhas revezam-se na presidência da República Islâmica do Irã. O regime prevê eleições diretas, mas assegura à maior autoridade religiosa, o líder supremo aiatolá Ali Khamenei, sucessor de Khomeini, a última palavra.

Patrocinado pela ala radical no poder, que vê em Washington uma ameaça ao regime, e beneficiado pelo fracasso de Khatami em implantar políticas reformistas, Ahmadinejad assumiu a presidência do Irã em 24 de junho de 2005, prometendo governar para os pobres. A vitória surpreendeu a comunidade internacional, que ainda depositava esperanças na continuidade do lento processo de reaproximação com o Ocidente, iniciado por Khatami.

Aos olhos da elite intelectual iraniana, concentrada na capital Teerã, Ahmadinejad nunca passou de um funcionário público, um operário padrão a serviço dos radicais no poder. Mas um governo conservador e populista era tudo o que o regime buscava para resgatar laços com a sua base, a grande massa de camponeses e operários que fizeram a Revolução Islâmica e de quem os dérigos conservadores acreditavam ter se distanciado na gestão do moderado Khatami. Os líderes religiosos temem que a maior abertura para o mundo trace um caminho sem volta para o fim do regime, dando espaço para dissidentes, aumentando a vitrine internacional da oposição, e dificultando o controle sobre uma população cada vez mais jovem e sedenta por maiores avanços econômicos e menos controle social sobre suas vidas.

Na campanha de 2005, Ahmadinejad prometeu governar para os pobres, com justiça social e melhor distribuição de renda, e emancipar as mulheres. Em realidade, o presidente pouco fez nesse sentido, exceto por suas frequentes viagens ao interior do país, onde conversa pessoalmente com a população nos vilarejos e distribui dinheiro a eles diretamente. Eleito, o presidente abraçou o programa nuclear que os aiatolás rapidamente enxergaram como uma bandeira com enorme capacidade de união nacional. Não há no Irã quem se oponha ao direito de enriquecer urânio para fins pacíficos e o regime tem sido muito hábil em convencer a população de que as críticas ao programa nuclear não passam de manobra das potências ocidentais para impedir o desenvolvimento do país. Além, é claro, de representarem uma ameaça à sua soberania, o que atinge em cheio o profundo sentimento nacionalista herdado dos persas.

Três meses depois de tomar posse, Ahmadinejad falou pela primeira vez para a comunidade internacional, na tribuna da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, em 17 de setembro de 2005. Com muita calma e o mesmo sorriso tímido no rosto, como é de seu feitio, deixou claro que o Irã não se renderia à pressão do Ocidente e não abriria mão de seu direito de desenvolver energia nuclear. Dedo em riste, o presidente acusou os Estados Unidos de tentar dividir o planeta em “preto e branco”, bons e maus, e de praticar brutalidades contra iraquianos e afegãos. Também disse que as nações ocidentais usam o poder e o dinheiro para intimidar o mundo. As acusações ocuparam grande parte de seu discurso de 29 minutos.

Numa demonstração da falta de diplomacia norte-americana, e que só contribuiu para a retórica anti-Ocidente, a delegação do país na onu retirou-se durante o discurso, exceto por uma secretária deixada para fazer anotações. “Eles (americanos e aliados europeus) esperavam que Ahmadinejad oferecesse uma solução para o impasse que se estende há meses (sobre o programa nuclear) ou desse a eles motivos para que os países membros da Agência Internacional de Energia Atômica levassem o Irã ao Conselho de Segurança da onu”, escreveu o *The New York Times*, na edição do dia seguinte ao discurso.

Ahmadinejad não fez uma coisa nem outra. De um lado, admitiu o programa. De outro, prometeu não deixar de cumprir suas obrigações junto ao Tratado de Não Proliferação Nuclear, do qual é signatário. Reafirmou, ainda, o direito do país de enriquecer urânio para fins pacíficos — como, aliás, Estados Unidos e o Brasil têm, assim como Israel, não signatário do tratado — porque um dia “o petróleo vai acabar”. Ahmadinejad também prometeu formalizar parcerias com empresas privadas e públicas estrangeiras na execução do programa, o que permitiria ao Ocidente monitorá-lo. Considerada insuficiente, a proposta foi rechaçada por eua e Europa.

No ano seguinte, em 2006, quando eu cobria a Assembleia Geral da onu, Ahmadinejad mais uma vez levou à tribuna acusações contra os eua. Acusou Washington de hegemonia e hipocrisia, e disse que os americanos não tinham vontade política nem habilidade para vencer no Iraque. Reafirmou que o programa nuclear iraniano tem fins pacíficos e disse que são os eua que usam armas nucleares para intimidar o mundo.

“Excelências, a questão que precisa ser respondida é se os governos dos eua e do Reino Unido, membros permanentes do Conselho de Segurança, cometem agressões, ocupações e violações das leis internacionais, que organismos da onu têm poder de responsabilizá-los por isso?”, colocou. O que não deixa de ser uma verdade. Com duas grandes e sangrentas guerras em curso, a credibilidade e a legitimidade do Conselho de Segurança da onu para garantir a paz estavam em cheque, aumentando a pressão do mundo pela inclusão de novos membros permanentes com poder de veto, como o Brasil.

Em seu discurso na mesma tribuna da onu, pouco antes, George W. Bush acusara Ahmadinejad de tentar vender aos iranianos uma ideia errada das intenções dos eua em relação ao país e de usar a riqueza nacional para patrocinar o terrorismo e desenvolver armas nucleares. Mas o fato era: àquela altura, com duas guerras praticamente perdidas, a do Iraque e a do Afeganistão, Bush já não tinha tanta credibilidade fora do país. E, entre os iranianos, nenhuma.

Se outros países desenvolvem energia nuclear, com a bênção da comunidade internacional, por que impedir o Irã? É o que os iranianos se perguntam. Para moderados e conservadores, o programa é um direito. E quanto maior a pressão do Ocidente, mais ele se transformará em um estandarte da soberania nacional. Uma ofensiva militar, como a que Israel defendia, poderia reunir novamente toda a população em torno do regime teocrático dos aiatolás contra um inimigo comum: os invasores. Foi o que aconteceu logo após a Revolução Islâmica, com a invasão pelos iraquianos. Isso acabaria com o processo de mudanças, ainda que lento e pouco visível, que o país vive pelas mãos da geração pós-revolução, a mesma que foi às ruas contra Ahmadinejad em 2009.

Segundo a contagem oficial, Ahmadinejad foi reeleito com 62,6% dos votos contra 33,75% do seu principal rival, Mir Hossein Mousavi. Os protestos que se seguiram à divulgação dos resultados deixaram ao menos sete mortos, segundo a imprensa iraniana. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi um dos primeiros chefes de Estado a reconhecer publicamente a vitória de Ahmadinejad.

Sistema político

A complexa engenharia política orquestrada com a Revolução Islâmica confere ao líder supremo, aiatolá Ali Khamenei, sucessor de Khomeini desde a sua morte em 1989, a última palavra sobre praticamente tudo o que diz respeito à política doméstica, relações exteriores, economia e cotidiano dos iranianos.

O líder supremo nomeia o comandante das Forças Armadas, o chefe dos meios de comunicação e seis teólogos do poderoso Conselho dos Guardiães. Os outros seis membros do conselho são juristas nomeados pelo Judiciário, cujo chefe também é apontado pelo líder supremo.

A população elege diretamente o presidente, mas a autoridade máxima tem poder de confirmar ou não o resultado da eleição, como o fez a favor de Ahmadinejad em junho de 2009, mesmo sob suspeitas de fraudes nas urnas. Quando não há consenso entre este e o Parlamento, o Conselho de Discernimento auxilia o líder supremo a deliberar sobre as disputas. O único organismo com poder constitucional para destituir o líder supremo, e que o elege, é a Assembleia dos Especialistas, formada por 86 clérigos. Sua elegibilidade, porém, é decidida pelo Conselho dos Guardiães, assim como as leis aprovadas no Parlamento, apesar de os membros da casa serem eleitos por voto direto.

19. No país do futebol

Assim que assumiu o gabinete para o segundo mandato, em agosto de 2009, Mahmoud Ahmadinejad iniciou uma rodada de visitas oficiais no exterior. A política externa do presidente iraniano, marcada pela retórica anti-imperialista no primeiro mandato, passou a ser pautada por um esforço muito maior de aproximação com possíveis aliados comerciais, em face de novas sanções econômicas dos Estados Unidos e parceiros europeus, como represália contra a continuidade do programa nuclear do Irã. O Brasil, com quem Ahmadinejad já vinha ensaiando uma aproximação, foi o primeiro destino na agenda internacional do presidente reeleito.

O encontro oficial entre Ahmadinejad e o presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva vinha sendo articulado desde que os dois chefes de Estado participaram juntos da posse de Rafael Correa, no Equador, em janeiro de 2007. No mesmo ano, Ahmadinejad iniciara um processo de aproximação com outros países sul-americanos, especialmente a Venezuela, dona da maior reserva de petróleo da América Latina e entre as dez nações com maior capacidade de refino no mundo.

Durante minha estada no Irã, pude acompanhar uma das muitas visitas oficiais do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, ao companheiro Ahmadinejad. O encontro aconteceu no Palácio Presidencial, em Teerã, e foi para lá que eu segui com Malileh a tiracolo. Os quarteirões no entorno do palácio estavam cercados e vigiados por militares. À distância, não havia sinais de que uma delegação estrangeira visitava o local. Como não sabíamos exatamente aonde ir, pedimos a um dos seguranças informações sobre como chegar ao exato local onde Ahmadinejad receberia o presidente venezuelano. “Chávez? Que Chávez?”, perguntou o militar, franzindo as grossas sobrancelhas. “Oras, Chávez, o presidente da Venezuela que está sendo recebido oficialmente hoje pelo presidente Ahmadinejad no palácio. E nós já estamos atrasadas”, respondeu Malileh. “Nunca ouvi falar”, resmungou o policial, balançando a cabeça e barrando a nossa passagem. Só na terceira tentativa encontramos alguém que sabia sobre

a visita. Com uma comunidade que não chega a três dezenas de imigrantes, poucos moradores de Teerã conhecem o presidente que se apresenta como líder das forças anti-imperialistas e das nações integrantes do “eixo Sul-Sul”.

Fomos encaminhadas para uma sala onde estavam os jornalistas da mídia estatal venezuelana. Após passarmos pelo detector de metais e duas revistas, a última delas para deixar os pertences pessoais — exceto pelo bloquinho, caneta e câmera fotográfica — fomos levados até um palanque montado para a imprensa no jardim do palácio. Autoridades iranianas já aguardavam sob um toldo a chegada do líder. Sob um sol escaldante, Ahmadinejad despontou no tapete vermelho, às 12h30, para receber o amigo venezuelano com honras militares. Eles atravessaram o jardim do palácio de mãos dadas — nos países islâmicos, é comum que os homens andem de mãos dadas com amigos. Chávez parecia confortável.

Já dentro do palácio, o discurso anti-imperialista dominou a conversa entre os dois líderes. Enquanto posavam para fotos e câmeras de tv, Chávez dirigiu insultos ao então presidente americano, George W. Bush. “Bush disse na semana passada que Fidel Castro vá com Deus (com graves problemas de saúde, o líder cubano estava afastado das câmeras e já se especulava sobre a sua saída do governo). Pois que Deus leve logo a Bush, para onde estão todos os criminosos.” E continuou: “Estive recentemente com Fidel e sua saúde está melhorando. Ele pediu que eu lhe enviasse saudações. Você sabe, os Estados Unidos têm medo de Fidel. Nesse momento, Bush está como um animal acuado e pode fazer qualquer loucura”. Ahmadinejad retrucou: “Pois que Deus não lhe dê tempo para fazer nenhuma loucura”. O microfone estava aberto e a conversa podia ser ouvida na antessala, onde os jornalistas aguardavam. Mas, acostumados a acompanhar os presidentes, tanto os jornalistas venezuelanos quanto os poucos iranianos presentes não se abalaram. “Se permanecemos juntos podemos resistir melhor com uma aliança contra o imperialismo. Os países independentes com sua unidade e cooperação podem aumentar seu poder”, sugeriu Ahmadinejad. Fim do encontro.

Apesar da aparente amizade e sintonia com Ahmadinejad, analistas locais acreditavam haver algo mais por trás dos esforços de Chávez em fortalecer a aliança com o Irã. Na opinião do editor do diário iraniano *Etemad-e-Melli*, Mehran Ghassemi, um especialista em relações internacionais, com quem conversei em Teerã, Chávez poderia usar os laços com Ahmadinejad como moeda de troca com os EUA. Se os americanos não conseguissem aprovar novas rodadas de sanções contra o Irã no Conselho de Segurança da ONU, tudo indicava que eles seguiriam com a iniciativa unilateralmente, negociando as restrições diretamente com as nações com quem mantêm acordos comerciais. Apesar da retórica chavista, a Venezuela é um dos maiores exportadores de petróleo para os Estados Unidos. E, nesse contexto, sua relação com o Irã poderia servir a Chávez de moeda de troca com os americanos.

“Sabe-se há muito que as relações econômicas podem garantir segurança para um país. E é isso o que Chávez e Ahmadinejad esperam”, disse Ghassemi. Na opinião dele, no entanto, Ahmadinejad não sabe “tirar vantagens” dessas relações comerciais porque

“é um idealista”.

A política diplomática do presidente é baseada na ideologia e não na busca por benefícios reais para o país e o povo iraniano. Para Ahmadinejad, ser contra os eua é mais importante do que a própria nação, ao contrário da Venezuela, que nunca abandonou as relações econômicas com os eua, apesar da retórica inflamada. Isso é saber jogar, beneficiar-se do jogo político, o que Chávez sabe fazer muito bem. Ele é muito inteligente, não se limita à ideologia.

A Ahmadinejad interessava fortalecer o elo com uma região de longo passado de conflitos ideológicos com os eua e onde, talvez, não lhe faltasse aliados, no caso de sanções, entre os governos de esquerda (Chile, Bolívia, Equador, além de Venezuela, Cuba e, controversias à parte, o Brasil) que proliferaram na região nos anos 2000.

Sob o governo Lula, a economia brasileira sobrevivera a uma das mais duras crises financeiras mundiais, que teve início com a quebra do banco americano Lehman Brothers e subsequente efeito dominó do qual ninguém escapou, mas o Brasil se recuperou mais rápido. No cenário internacional, a influência do governo brasileiro aumentava. Lula passou a ser consultado para virtualmente todos os processos de resolução de conflitos entre Ocidente e Oriente. A credibilidade do país se tornara evidente quando fora colocado no topo da lista de mercados emergentes (o Brasil recebeu o *investment grade*, uma espécie de selo de garantia para investimentos externos) e após a vitória nas disputas para sediar a Copa do Mundo, em 2014, e as Olimpíadas, em 2016.

Para Ahmadinejad, era uma força aliada importante. Assim, em 23 de novembro de 2009, o presidente iraniano desembarcou no Brasil para uma visita oficial de três dias, a primeira como presidente reeleito.

Os motivos que levaram Lula a receber Ahmadinejad no Brasil, apesar dos custos políticos internos e externos que isso acarretaria, foram especulados à exaustão pela imprensa mundial. O líder iraniano foi recebido em solo brasileiro em um dos períodos mais violentos do regime iraniano desde a Revolução Islâmica de 1979, com milhares de estudantes, manifestantes, reformistas e defensores dos direitos humanos no país presos, um aumento considerável no número de execuções sumárias — o Irã é o segundo país do mundo na aplicação da pena capital, atrás apenas da China. O regime era largamente acusado por organizações internacionais de não permitir acesso dos condenados à Justiça e utilizar a sentença à morte para eliminar opositores e espalhar o medo entre a população, a fim de reduzir os protestos públicos contra fraudes na contagem dos votos que reelegeram Ahmadinejad.

Lula foi extensamente criticado por virar as costas para tais violações durante a visita de Ahmadinejad. O argumento do Ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, foi de que a política externa brasileira adota como premissa não interferir nos assuntos internos dos países. Mas, ainda assim, não conseguiu evitar críticas ao Brasil.

Além do declarado interesse mútuo em acordos comerciais e energia nuclear, especialistas apontam para outros motivos dessa amizade, a despeito de possíveis custos políticos para o presidente Lula. Um deles seria a tentativa do governo brasileiro de neutralizar o poder de barganha de Chávez na região com os Estados Unidos e manter a Venezuela sob vigilância. Além da aproximação com o Irã, Chávez comprara recentemente seis bilhões de dólares em armamento russo, aumentando as tensões com países vizinhos, como a Colômbia e os eua. Manter o venezuelano por perto estaria por trás do apoio do Brasil à inclusão do país no Mercosul. A agenda Sul-Sul do Brasil também foi explorada, além de uma estratégia do presidente Lula para aumentar a sua influência internacional.

Lula almejava candidatar-se à vaga de Secretário-Geral da onu ao deixar a presidência, em janeiro de 2011. E continuou defendendo publicamente o diálogo com o Irã no lugar de aprovar novas sanções pelo Conselho de Segurança e o direito dos aiatolás de desenvolverem energia atômica para fins pacíficos, como afirmava Ahmadinejad. Foi esse o discurso do presidente brasileiro nas cúpulas da Segurança Nuclear, do Ibas (Índia, Brasil e África do Sul) e do Bric (Brasil, Rússia, Índia e China), em 2010.

Em um ponto, pelo menos, o presidente Lula estava certo: as três sanções contra o Irã colocadas em prática desde 2006 resultaram em nada mais do que manobras de empresas estrangeiras, inclusive americanas, para continuar mantendo negócios com o Irã. E tudo indicava que ocorreria o mesmo com a aprovação da quarta rodada, em junho de 2010.

No voo para Dubai, conheci um norueguês que trabalhava para uma fabricante americana de computadores. O executivo me disse ter visitado “muitas vezes” o Irã, “um mercado promissor”, mas naquela viagem especificamente ficaria nos Emirados Árabes Unidos para negociar a venda de peças a uma empresa terceirizada que montaria os equipamentos em Dubai e os venderia ao mercado iraniano, “por causa das sanções”. Reportagem publicada pelo *Boston Globe*, na edição de 29 de dezembro de 2008, informava que a californiana Hewlett-Packard fora flagrada por oficiais americanos ao usar empresas terceirizadas para vender impressoras para o Irã, uma prática supostamente adotada através de um distribuidor indiano baseado em Dubai, de nome Redington Gulf, desde 1997. Dois anos antes, o então presidente Bill Clinton banira o comércio com o Irã para pressionar o país a deixar de financiar grupos extremistas, como o Hamas, no território palestino, e o Hezbollah, no Líbano.

As sanções contra o país, aliás, eram uma realidade desde a Revolução Islâmica. Na mesma *blitz*, em Dubai, os oficiais encontraram atravessadores negociando “de iPhones a bonecas Bratz” para levar ao mercado iraniano. Pouco antes, a Xerox já havia sido flagrada comerciando seus produtos no Irã através de um distribuidor local, mas decidiu por conta própria terminar o contrato, que incluía também vendas para o Sudão e a Síria.

O Irã sempre manteve relações comerciais com a União Europeia e a Ásia.

Só não tinha boas relações com os Estados Unidos. Agora, talvez por causa das sanções, estão de olho na América do Sul. Para nós, isso é ótimo. O novo poder econômico está nos países orientais. Há novas correntes políticas surgindo. E o Brasil tem relações boas com todo o mundo. Então, muitas nações muçulmanas estão preferindo fazer negócios com o Brasil, que é um bom parceiro econômico e não tem rixas políticas ou religiosas com eles, avaliou um diplomata brasileiro, sentado ao meu lado durante jantar na casa do então embaixador do Brasil em Teerã.

O potencial de negócios entre os dois países é evidente. O Brasil já era o principal exportador para o Irã de carne de boi e frango. Mas, com Estados Unidos e Europa fora da mesa de negociações, poderia avançar também em outros setores, como etanol, ajudando o Irã com o problema da necessidade — e as dificuldades — de importar gasolina para consumo interno. Milho e soja, construção civil, infraestrutura são outras áreas de interesse do Brasil, que em 2009 aumentou as exportações para o Irã em quase 30%. Prova desse interesse foi a viagem oficial, em abril de 2010, do ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil, Miguel Jorge, a Teerã, acompanhado de 86 empresários brasileiros de treze setores, conforme noticiou a Rádio França Internacional. Além de uma carta do presidente Lula, reafirmando a importância dos acordos bilaterais, o ministro teria levado de presente a Ahmadinejad uma camisa oficial da Seleção Brasileira de Futebol.

20. De malas prontas para a prisão

3 de agosto de 2007:

Cara Adriana,

Obrigada pela sua solidariedade. (...) Dessa vez, nós recebemos uma condenação em família: minha esposa, o sobrinho dela, nossa filha e eu. Tudo isso é para intensificar e aumentar a pressão sobre mim e impedir que eu continue com as minhas atividades. Ao mesmo tempo em que determinaram essa sentença, eles (o Judiciário) fizeram outras duas acusações contra mim: uma na Corte de Imprensa e outra na Corte Revolucionária (que lida com assuntos de segurança nacional). (...) Eles decidiram fechar a Sociedade de Defensores dos Direitos dos Presos. Por agora, estou determinado a continuar as minhas atividades à frente da organização e da Associação Pelo Direito à Vida e a Sociedade dos Defensores Iranianos da Paz e ver quais serão as consequências desses esforços. Mantenho firmemente a minha posição e acredito que devo seguir com as atividades em favor da liberdade e dos

direitos humanos em quaisquer circunstâncias e a prisão não me impedirá disso.

Sábado, eu me apresentarei à Corte. Despeço-me aqui, caso não retorne.

Desejo o melhor a você e seus amigos e um mundo de paz, liberdade e espiritualidade.

Emadeddin Baghi

A carta chegou em resposta a um e-mail que eu havia encaminhado dias antes ao ler em um site internacional de direitos humanos sobre a possível prisão de Emadeddin Baghi, a quem eu entrevistara em Teerã apenas duas semanas antes. Jornalista, escritor, teólogo muçulmano, ativista e integrante do movimento que defende reformas políticas no Irã, Baghi me recebeu no escritório da Sociedade de Defensores dos Direitos dos Presos que vinha reunindo informações sobre tortura e outros abusos nas prisões iranianas e sobre execuções sumárias, principalmente de jovens, pelo Estado. Eu chegara até ele por indicação de um amigo, que trabalha para uma organização de direitos humanos com sede em Genebra. Naquele momento, entidades internacionais tentavam pressionar o governo iraniano para liberar Baghi de nova sentença pela Corte Revolucionária, desta vez a três anos de prisão, proferida em junho de 2007.

A primeira vez que Emadeddin Baghi entrou na temida Evin foi nos dias seguintes à Revolução Islâmica. Então com dezoito anos, ele fora visitar as celas onde opositores do monarca recém-deposto haviam sido torturados. O revolucionário, que se engajara na luta armada para derrubar o xá e instaurar a sonhada democracia islâmica, sob o comando do líder espiritual Ruhollah Khomeini, só não imaginava voltar ali como prisioneiro, anos depois, pelas mãos do mesmo regime que ajudou a colocar no poder. “Vivo com as malas prontas para a prisão”, disse durante a nossa conversa.

Baghi aproveitou os primeiros três anos no cárcere, entre 2000 e 2003, para estudar a história contemporânea do Irã. Saiu de lá pronto para seguir defendendo o que acredita. Sua luta começou aos dezesseis anos. Neto de um clérigo xiita, filho de um mercador e ativista político exilado no regime dos xás, Baghi nasceu em Kerbala, no Iraque. De volta ao Irã, aos quinze anos, formou um grupo de jovens para lutar pela revolução. Renovado pelos ideais de democracia islâmica, dedicou doze anos à vida de seminarista, estudando teologia e filosofia religiosa nas *madrassas* de Qon, reduto de clérigos e pelo menos duzentos centros de estudos islâmicos. Por isso, é tão perseguido. Ele desafia o regime dos aiatolás naquilo que lhes é mais valioso: a interpretação do *Alcorão*, base da jurisprudência iraniana. Seus artigos em defesa dos direitos humanos foram publicados em jornais do país — todos, em consequência, fechados pelo Judiciário — e em vinte livros, seis deles banidos.

No diário *Fath* (Vitória, em *farsi*), Baghi e o amigo Akbar Ganji, também jornalista, publicaram reportagens investigativas sobre a execução de mais de oitenta intelectuais e ativistas políticos seculares no fim dos anos 1990. Entre eles, estava um amigo de Baghi,

Saeed Hajjarian. A denúncia expôs diretamente o envolvimento do então ministro da Informação, Ali Fallahian, obrigando-o a admitir, pela primeira vez na história do Irã, o envolvimento de agentes da polícia secreta no assassinato de opositores. A condenação de Baghi, em 2000, foi selada sob a alegação de que seus artigos contra a pena de morte eram anti-islâmicos. Fallahian estava entre os acusadores.

Em liberdade, Baghi fundou em 2003 a Sociedade de Defensores dos Direitos dos Presos. Em 2004 foi sentenciado a mais um período na prisão após ser interceptado pelas autoridades iranianas quando embarcava para Nova York para receber um prêmio. De lá, ele seguiria para o Canadá, onde participaria do 2º Congresso Mundial Contra a Pena de Morte. Seu passaporte foi confiscado e Baghi impedido de deixar o Irã desde então. Novamente libertado, fundou a Associação Pelo Direito à Vida, em 2005. A organização tem como objetivo pressionar as autoridades a abolir a pena de morte no Irã. “Se for necessário, para levar adiante a democracia e a espiritualidade no Irã, eu estou pronto para voltar à prisão”, declarou naquela entrevista.

Baghi compartilha da opinião de Shirin Ebadi sobre o Estado teocrático. “Usar o islã politicamente remove o lado sagrado da fé.” Faça a ele, então, a mesma pergunta que fiz à Nobel da Paz: a democracia pode prevalecer num Estado islâmico?

O problema no Irã não é religião, mas um sistema repressor que quer se manter no poder e usa a religião para isso. Dizem que a democracia é incompatível com o islã por se basear no individualismo e na razão, ao invés da fé. Mas estão errados. Fazem parte de um grupo pequeno de clérigos que dominam a política e controlam a mídia. Há outros cem mil clérigos no Irã que propagam a fé em suas comunidades e conviveriam bem com um governo independente,

defende Baghi.

Influenciada pela imagem do radicalismo atribuído ao islã no Ocidente, eu insisto na questão: Liberdade e direitos humanos podem existir num Estado islâmico?

Os fundamentos dos direitos humanos têm apenas duzentos anos. Mas, se olharmos para nossa herança cultural, veremos a mesma visão filosófica e humanística na tradição mística do islã. Muitos acreditam que sua rápida expansão se deu por conta disso. E a decadência veio quando a tolerância foi substituída pelo dogmatismo religioso e a rigidez. O islã foi reduzido a uma visão inflexível, baseada em jurisprudência, que permite que prevaleçam sistemas totalitários. Essa é a causa do declínio da civilização islâmica,

sentencia Baghi. Mas, por que então ele lutara pela revolução para levar os aiatolás ao poder? “O que movia a geração da revolução eram ideais de liberdade contra o governo despótico dos xás. Queríamos a democracia islâmica, não outra ditadura”, explica. O teólogo acredita que o secularismo no Irã florescerá pelas mãos da sociedade

civil. “Eles (os *aiatolás*) estão ajudando a separar o islã do Estado, sem se dar conta, à medida que defendem, muitas vezes, posições anti-islã, cometendo atrocidades e perseguição à população para dominarem pelo medo”. Vítimas desse regime, os iranianos estão, pouco a pouco, se dando conta de que não há outro caminho senão separar política e religião, governo e clérigos.

O que mais irrita os *aiatolás* é o fato de Baghi ser, ele próprio, um religioso — e um dos homens muito próximos de Khomeini no passado. Seu primeiro livro, *Um estudo sobre os clérigos*, foi banido pelo então líder supremo, assim como as publicações seguintes, *Realidades e julgamentos*, de 1991, em que discutia o tratamento dado pelos líderes religiosos contra opositores; e *A tragédia da democracia no Irã*, de 1998. Em *Right to Life* (Direito à vida, em duas edições), Baghi defende a abolição da pena de morte no Irã, usando como argumento textos do *Alcorão* e a jurisprudência islâmica.

Considerado uma ameaça à segurança nacional, Baghi seria interrogado pelas autoridades iranianas 23 vezes entre 2004 e 2009. E, apesar da pressão internacional, por parte de entidades como Anistia Internacional, Repórteres Sem Fronteiras, Human Rights Watch e do Alto Comissariado da Onu para Direitos Humanos, Baghi voltou para Evin em 14 de outubro de 2007, aos 52 anos.

Desde então, eu acompanho o caso através de e-mails enviados pela família de Baghi. “Não permitiram que fizesse sequer uma ligação ou que os advogados o visitassem”; “Confinado em uma solitária, teve convulsões e foi transferido para um hospital”; “Em novo interrogatório na Corte Revolucionária, Baghi sofreu um enfarte. As autoridades iranianas o mandaram de volta à cela na mesma noite”; “Ele se nega a usar algemas e capuz, tratamentos ilegais contra presos segundo leis internacionais, e por isso as autoridades de Evin não o deixaram ir ao banheiro por quatro dias”; “Baghi está sofrendo de problemas no rim e na bexiga. Peça que você reze por sua saúde. Que Deus possa ajudá-lo a enfrentar e tolerar esses tempos de dificuldades.”

A pressão sobre a imprensa, os jornalistas simpatizantes do movimento reformista e dissidentes têm se intensificado na mesma medida da pressão por parte da comunidade internacional sobre o regime islâmico. As leis iranianas limitam a liberdade de expressão com base em provisões vagas do Código Penal em relação à “segurança nacional”. Embora o governo não pratique, às claras, a censura prévia, o Judiciário pode determinar o fechamento de meios de comunicação com base no artigo 24 da Constituição. Este confere a liberdade de expressão e de opinião a todas as publicações, porém, desde que elas estejam de acordo com os fundamentos do islã e a moral da sociedade.

A imprensa tem sido o principal alvo de controle do governo. No ano anterior às eleições presidenciais que reelegeram Ahmadinejad, pelo menos trinta jornais reformistas foram fechados. No passado, eles costumavam reabrir as portas sob novo nome, mas um artigo da lei de imprensa proibiu jornais banidos de fazerem isso. O Estado é dono da maioria das duas dezenas de impressos ainda em circulação. O Ministério da Cultura e Orientação Islâmica também baniu o serviço persa da britânica

bbc. O governo mantém o monopólio das tvs, com oito rádios nacionais e uma de ondas curtas para o exterior, quatro tvs nacionais e quatro canais internacionais de notícias. Antenas parabólicas são proibidas desde 1994.

A internet também é controlada. Os serviços são fornecidos, principalmente, pela estatal Companhia de Telecomunicações do Irã. O Parlamento estuda endurecer as leis contra ofensas feitas pela internet. A partir de janeiro de 2007, o Estado passou a exigir o registro oficial de sites. Estima-se em mais de 10 milhões as páginas com acesso bloqueado. E, desde 2008, blogueiros foram presos e blogs tirados do ar. Por sua vez, o presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, começou a investir na criação de um novo — e mais moderno — aparato estatal nas áreas de cultura e entretenimento, com a produção própria de minisséries de tv, um canal de notícias em inglês com transmissão para o exterior e web sites oficiais de seu governo.

Com o monopólio da produção televisiva e orçamento cinco vezes maior que o do Ministério da Cultura, a gigante estatal de radiodifusão Irib, diretamente subordinada ao líder supremo, aiatolá Ali Khamenei, lançou minisséries nacionais na linha de sucessos americanos como *Friends*. Direcionadas aos jovens, exibem cenas antes impensadas no Irã, como mulheres europeias sem o véu islâmico. Porém, mesmo as histórias de amor e amizade carregam mensagens políticas. Em julho de 2007, Ahmadinejad inaugurou a emissora estatal via satélite Press tv, com notícias 24 horas em inglês. O canal tem 50% de investimento privado, mas seu conteúdo é totalmente controlado pelo Estado. No discurso de inauguração da emissora, Ahmadinejad fixou como uma de suas missões “expor as notícias propagandistas dos inimigos”. Internamente, o governo controla todo o conteúdo de radiodifusão e tenta bloquear o acesso a canais como bbc e cnn. A Press tv também conta com um site de notícias em tempo real, alimentado por quase quatrocentos jornalistas, entre eles 26 correspondentes internacionais, em cidades como Washington, Nova York, Londres, Beirute e Damasco.

A perseguição a jornalistas se acirrou imensamente nos meses após a reeleição de Ahmadinejad, em resposta ao levante dos apoiadores do opositor Mousavi. Sabendo disso, eu escrevi para um parente próximo de Baghi, no auge dos protestos contra fraudes nas eleições presidenciais de junho de 2009. No e-mail, eu pedia informações sobre a real situação no país e um número de telefone por meio do qual eu pudesse falar com a família.

19 de junho de 2009:

“Sim. Sei quem você é e me lembro de você, mas a situação atual é terrível. Agentes de segurança estão por toda parte. Aparelhos de celular e a comunicação via sms foram cortados. Estamos sob vigilância. Não telefone, por favor. Nem para mim nem para Emadeddin”.

Diante das ameaças, eu mesma me peguei tomando cuidados de forma a evitar que meus e-mails não chegassem até iranianos que eu conhecera e sobre os quais eu buscava notícias frequentemente após a minha volta ao Brasil. No corpo dos e-mails que

disparei pedindo informações, eu dizia apenas “see attached” (veja o anexo). Em uma das mensagens, quando do julgamento de Baghi logo após a minha volta, intitulei o documento, “POR FAVOR, LEIA”, em letras garrafas e somente no corpo do arquivo foi que escrevi a Baghi: “Caro Emad, acabo de ler sobre a sentença à prisão determinada ao senhor, sua esposa e filha (...). Por favor, me atualize sobre o assunto”.

É uma sensação estranha para quem, como eu, não conhecera diretamente o peso de uma ditadura, embora tenha nascido no início dos anos 1970, em pleno regime militar no Brasil. Eu era ainda muito criança, meus pais não tinham ligação com qualquer movimento político, atividade clandestina ou tampouco a universidade. Vivíamos no subúrbio de Santos, litoral paulista, como uma típica família brasileira de classe média baixa, preocupada com o preço do leite, a fila da carne e a inflação. É a única lembrança que tenho daqueles tempos.

Naquela ocasião, após os protestos, tomei os mesmos cuidados. Diante da resposta, respeitei o pedido do irmão de Baghi para que não telefonasse à família, embora tivesse o número em mãos. Mas eu estava ansiosa por informações. As notícias que chegavam do exterior sobre Baghi eram contraditórias. Para uns, o ativista continuava preso. Outros diziam que a sua saúde era extremamente precária e, por isso, ele estaria sendo mantido no hospital do sistema carcerário. Por muito tempo, a família deixara de mandar notícias, o que me fazia acreditar que Baghi poderia estar solto ou em prisão familiar. Minhas dúvidas foram esclarecidas quando, em dezembro de 2009, seis meses após os episódios violentos que sucederam a reeleição de Ahmadinejad, recebi um e-mail da família, o primeiro com informações sobre Baghi desde o pleito presidencial.

28 de dezembro de 2009:

Caros amigos,

Informo que hoje (segunda-feira) às 6h45 da manhã quatro homens armados (não uniformizados) invadiram a casa de Baghi e o levaram. Outros militantes à paisana vigiavam a porta enquanto os demais o capturavam. (...) É preciso dizer que ele foi severamente espancado pelos homens armados. Eles o ameaçaram de morte. Quando se despedia da família, Baghi leu um trecho do *Alcorão* sobre tolerância e paciência em tempos difíceis, mas um dos homens disse: “Sua vida será curta o suficiente para ver o futuro”. Não sabemos onde Baghi está.

A família só soube que Baghi estava vivo dias depois, por meio de um amigo, que havia estado preso em Evin durante a onda de protestos, e fora libertado em seguida: “Eu ouvi a voz de Baghi”. Mais tarde, a família teria informações de que Emadeddin estava sendo mantido na cela 209 da prisão Evin, controlada diretamente pelo Ministério da Inteligência. Como ele, há muitos.

Baghi podia até estar de malas prontas para a prisão, mas naquela manhã até mesmo ele foi pego de surpresa. Às 6h45, quando os quatro homens, todos armados e não uniformizados, invadiram sua casa, ninguém sabia sequer quem eram aqueles homens. Eles agrediram o cunhado de Baghi violentamente, ameaçaram a mulher e as duas filhas do casal e o levaram sem deixar pistas. A suspeita é que Baghi tenha sido levado por milicianos da Guarda Revolucionária, à paisana. Infiltrados nos bairros onde viviam, eles foram extensamente usados pelo regime para identificar e prender dissidentes logo após a Revolução Islâmica, em 1979, instaurando um clima de desconfiança que perdura até hoje entre os iranianos.

A motivação, desta vez, teria sido a exibição de um vídeo inédito, pelo serviço em *farsi* da tv britânica *bbc*, em que Baghi entrevista o braço direito de Khomeini durante a revolução, aiatolá Ali Hussein Montazeri, que havia morrido no dia 19, aos 87 anos. Montazeri era o mais ferrenho e proeminente crítico do regime islâmico, apesar de ter sido um dos líderes da revolução ao lado de Khomeini. Por sua reputação como religioso, Montazeri era também o mais ouvido e respeitado dissidente. Embora fosse um conservador, ele acusava os aiatolás de conduzir a nação de forma anti-islâmica, como classificava as violações de direitos humanos. Com seu discurso por justiça social, Montazeri desafiava o discurso dos aiatolás no poder, especialmente do líder supremo aiatolá Ali Khamenei, quando este tentava usar o islã para legitimar ações de opressão contra civis. Ao demonstrar o espírito de compaixão contido na religião islâmica, abarcava grande parte dos clérigos iranianos e representava uma ameaça ao regime.

Após seis anos de prisão domiciliar, entre 1997 e 2003, e longo período de silêncio, Montazeri fizera uma crítica direta à forma como Ahmadinejad conduzia a questão nuclear, embora concordasse com o direito do Irã de desenvolver energia atômica para fins pacíficos. “Suas provocações só criam problemas ao país”, disse, acusando o presidente iraniano de governar com ideologia, enquanto a economia do país afundava. Pouco antes de morrer, Montazeri voltou à fala, colocando publicamente em dúvida os resultados das eleições que deram o segundo mandato a Ahmadinejad. Convocou a nação para um luto coletivo pelas mortes de manifestantes. E, em suas últimas palavras, acusou o regime de não ser nem islâmico nem uma república. Para Baghi, Montazeri era acima de tudo um mentor e amigo, com o qual compartilhava ideias muito semelhantes e costumava repetir as seguintes palavras: “Quando há medo, o despotismo prevalece”.

Após a prisão de Baghi em dezembro de 2009, porém, o medo se tornara uma perturbação constante entre os familiares do ativista. A saúde de Baghi realmente não era boa, desde a prisão entre 2007 e 2008 numa solitária sem luz ou ventilação, onde quase morreu. Diante da falta de informação sobre seu destino, havia um imenso temor de que o ativista tivesse o mesmo destino de Ali Mousavi, morto durante confrontos entre policiais e opositores em Teerã. Ele era sobrinho do candidato de oposição nas eleições presidenciais de junho, Mir Hossein Mousavi. O sobrinho de Baghi, o jornalista Mohammad Ghochani, também estava preso desde as eleições. A mulher e a filha

vinham sendo chamadas a depor e ameaçadas de prisão. Sua angústia só terminaria quase quatro meses após Baghi ter sido levado.

23 de abril de 2010:

Cara Adriana,

Na quinta-feira, visitamos Baghi e conversamos com ele por uma cabine telefônica para acesso aos presos em Evin. Ele se mantém extremamente forte, mas suas condições físicas, dores nas costas, dificuldades de respirar e o coração fraco, são problemáticas. Amanhã (domingo) é seu aniversário e a família fará uma celebração e homenagem, mesmo sem a presença dele.

No dia 12 de junho, aniversário de um ano desde os protestos contra a reeleição de Ahmadinejad, a comunidade *baha'i* no Brasil realizou uma manifestação pela “libertação imediata” de todos os prisioneiros no Irã. Informados por reportagens publicadas no *Estadão*, pediram especialmente por Emadddin Baghi.

18 de junho de 2010:[\[6\]](#)

Cara Adriana,

Obrigada pela informação. Eu ficaria agradecido, do fundo do meu coração, se você pudesse manter meu e-mail em segredo por questões de segurança.

(...)

Nossa família pôde visitar Emad na segunda-feira, quando ele teve de se apresentar à Corte. (...) Sua libertação é incerta. (...) Ele sofre de terríveis dores nas costas, tem problemas respiratórios e de coração. Suas condições físicas são realmente perigosas, mas sua força mental e determinação, posso dizer, são como uma montanha. Apesar da fraqueza física, a mente de Emad é comparável ao Monte Everest.

Segundo relatório da Anistia Internacional, o Irã executou 388 condenados à morte em 2009. Do total de execuções no ano, 112 ocorreram nos dois meses entre o pleito, em junho, e a posse de Ahmadinejad, em agosto, período no qual as ruas de Teerã foram tomadas por protestos contra supostas fraudes nas urnas, na maior manifestação popular contra o regime desde a Revolução Islâmica de 1979. Embora a maioria das condenações tenha sido sentenciada antes das eleições presidenciais que reelegeram Ahmadinejad, a Anistia Internacional interpretou o alto número de mortes no período como uma tentativa do governo iraniano de intimidar os manifestantes, usando antigos desafetos como bodes expiatórios. Entre eles, estavam minorias religiosas, como os *baha'is*, mulheres, curdos e homossexuais.

Durante a minha estada em Teerã, tive a minha própria experiência, única, em relação ao controle da imprensa. Naquele dia, acordei cedo e decidi tentar entender melhor onde cidadãos, governo e religião se unem e se distanciam nessa complicada

colcha de retalhos que é a sociedade iraniana. Não havia melhor lugar para fazer isso do que a Universidade de Teerã, que todas as semanas, no dia de descanso para os iranianos, abriga a chamada reza de sexta-feira. Nos arredores do campus, as ruas estão cercadas por fitas de isolamento e cavaletes, impedindo o tráfego de veículos. O evento reúne milhares de iranianos da ala mais conservadora, políticos e aiatolás, inclusive, frequentemente, o líder supremo Ali Khamenei. E, portanto, teme-se que seja alvo de possíveis atentados contra o regime. Por questões de segurança, nos dias da reza, só é possível chegar até as dependências da universidade a pé.

Das casas e das esquinas vai surgindo uma profusão de mulheres só com os olhos de fora, sob o negrume do chador. À medida que elas se deslocam, o tecido voa criando um cenário para lá de interessante. Eu saco a câmera e começo a fotografar. Em segundos, não sei de onde veio, alguém segurava meu braço gritando palavras que eu não entendia. Um carro, que parecia ser de segurança, estacionou diante da calçada, outros cinco vieram em seguida. Malileh me pediu o papel de autorização de entrevista e fazia sinal para que eu ficasse quieta, mas ela mesma falava sem parar. Em *farsi*. Parecia brigar com a senhora que ainda me apertava o braço, mas eu não entendia o que diziam. A mulher balançava meu braço e apontava para a câmera.

De repente me lembrei das fotos do jantar que havia compartilhado, na noite anterior, com transexuais iranianos, para uma reportagem sobre o assunto. Por um segundo, entrei em pânico. Não por mim, mas por eles. Vai saber se poderiam ser acusados de passar ao mundo uma visão anti-islâmica do Irã. E como é que eu iria explicar meu interesse pelo assunto, diante de pessoas tão conservadoras? Àquela altura, imaginava qualquer coisa ao ver se aproximarem de nós guardas *basijs* e homens munidos de walk-talks. Liguei a máquina fotográfica e, numa atitude impensada ou mal avaliada, aperto o comando “delet all”. A minha sorte foi eu ter copiado as imagens feitas dia a dia para o computador. Somente as da noite anterior ainda estavam na câmera, simplesmente porque chegamos tarde do jantar. E, é claro, as tiradas naquela manhã. Mais aliviada, mostro à senhora que o cartão está vazio. Ela não se dá por convencida e tira a máquina da minha mão. Olho para Malileh, indignada. Naquele momento, o telefone dela toca.

Era o homem responsável pelo escritório de imprensa que nos deu autorização para fazer entrevistas na Universidade de Teerã. Alguém já tinha ligado para ele e avisado sobre a nossa presença. “O que vocês estão fazendo aí?”, ele perguntava a Malileh. Ela argumentara que tínhamos o aval dele próprio para fazer entrevistas na universidade. Só não sabia que era necessária outra autorização específica para fotos dentro do local e nos arredores, e outra para a reza de sexta-feira, além da carteirainha de imprensa local, o que àquela altura eu não trazia. O homem, afinal, se convencera do fato de que não representávamos perigo algum ao regime e, ainda que sem as autorizações necessárias, nos permitiu acesso à cerimônia. A senhora finalmente largou meu braço e ainda um tanto emburrada me levou até a entrada, onde eu deveria passar por uma revista.

A tensão inicial se dissipou no sorriso das mulheres que trabalhavam dentro do pequeno contêiner onde era feita a revista. Rindo da minha falta de estilo, explicaram com gestos que havia algo de errado com a roupa que eu usava. Depois de ver tantas mulheres de chador, desconfeitei de que deveria estar mais coberta para a ocasião religiosa. Por mais que compreendesse, e tivesse consciência de ser eu a estrangeira naquele lugar, não consegui esconder a minha irritação diante do calor de 40 graus, o que fez as moças rirem mais ainda. Uma delas arriscava algumas palavras em inglês e tentou me fazer perguntas sobre o Brasil, às quais respondi com prazer. Para ser gentil, acabei me dando por vencida sob o argumento de que a obrigatoriedade da veste seria tão desagradável para as mulheres quanto a ditadura do biquíni — que o digam as adeptas de academia, silicone, lipoaspiração & cia. No Irã, no entanto, a maneira de se vestir é obrigatória e, no Brasil, uma escolha. Faz toda a diferença e, nisso, ela concordou comigo. Acabei ganhando de presente um camião largo, comprido, em um discreto tom de creme e, portanto, mais adequado, além de mais um *hijab* preto para a minha coleção particular.

Devidamente vestida, fiquei livre para fotografar no pátio onde estavam as mulheres — na reza de sexta-feira, assim como nas mesquitas, os espaços para homens e mulheres são segregados. Lá dentro, curiosamente, ninguém me perguntou mais nada e eu passei quase a manhã toda fotografando rostos e olhares fixos no ar, compenetrados na fé, esperançosos sob o chador. Em um espaço livre, ao lado do galpão, meninos jogam futebol, enquanto as mães rezam pela família toda. Meninos são iguais em qualquer lugar: onde há espaço e qualquer coisa que se pareça com uma bola, lá estão, eu penso. Mais mulheres vão chegando. *Allahu Akbar!* (Deus é Grande), gritam. A reza começa e elas se abaixam várias vezes em direção à Meca em uma tocante manifestação de fé.

21. Transexuais e a fatwa de Khomeini

Quando o presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad declarou, diante de uma plateia repleta de estudantes na nova-iorquina Universidade de Columbia, em 2008, não existirem gays no Irã, ele se referia, na realidade, à proibição legal contra o homossexualismo no país, punido severamente. Às vezes, até com a pena de morte.

Qual não foi, então, minha surpresa ao ser apresentada pelo funcionário de uma organização internacional humanitária, e amigo querido que tive a sorte de rever em Teerã, a quatro transexuais iranianos. Para a segurança deles, prometi não revelar seus nomes ou publicar as fotografias que fizemos naquele e em outros encontros que se seguiriam. Mas posso descrever com detalhes as roupas e adereços que usavam, assim como tenho guardada na memória a feição de seus rostos carregados de maquiagem e parcialmente escondidos sob o *hijab*.

Sentadas em um sofá, na casa desse amigo, elas me mostram seus nomes de mulher na carteira de identidade, na qual também aparecem maquiadas e sob o *hijab*. Eu olho

para os documentos entre confusa e incrédula. Então elas explicam, para meu espanto e de todos a quem eu contaria isso posteriormente, que a troca de sexo é permitida no Irã, graças a uma *fatwa* — o equivalente a um decreto de lei constitucional que, em um estado teocrático islâmico, refere-se à jurisprudência da *sharia*. Fora emitida pelo próprio aiatolá Khomeini, pouco antes de sua morte.

O líder religioso foi convencido por uma junta médica de que o transexualismo deve-se a um distúrbio classificado pela Organização Mundial da Saúde como “transtorno de identidade de gênero”. E, portanto, precisa ser “curado”. “É quando a mente do indivíduo não combina com o seu físico. Ele pensa como mulher, mas tem o corpo de um homem”, explicaria, mais tarde, o médico Bahram Mir-djalali, um dos poucos especialistas iranianos em cirurgia de troca de sexo. Uma curiosidade: algumas das próteses de silicone usadas por ele são importadas do Brasil, “onde estão alguns dos melhores cirurgiões plásticos do mundo”. Mas, antes de ter a operação aprovada, os pacientes devem submeter-se a seis meses de terapia com um psiquiatra indicado pelo governo e responsável por emitir o diagnóstico que autoriza o procedimento médico e a mudança oficial da identidade civil.

Em termos de saúde pública, a política é progressista até mesmo para os padrões dos mais liberais países do Ocidente. Mas, em um lugar onde o homossexualismo pode ser punido com sentença de morte por enforcamento, a alternativa da troca de sexo é muitas vezes mal usada e raramente aceita pela sociedade, com trágicas consequências físicas e psíquicas para os transexuais e suas famílias. A lógica é perversa. Como não é permitido ser homossexual, os gays têm de escolher entre ser homem ou mulher, o que implica fazer a cirurgia de troca de sexo, mudar o nome e a identidade civil.

Com o rosto ainda levemente masculino, disfarçado sob uma generosa camada de base, as bochechas destacadas com blush vermelho da cor do batom, sombra preta, assim como a linha grossa que delinea os olhos aumentados por cílios postiços, o primeiro transexual conta ter feito dezessete cirurgias para ter corpo de mulher. Apesar disso, ainda está confuso sobre a própria identidade. Ele acredita ser homossexual, mas depois de duas décadas de consultas médicas e psiquiátricas, sessões de psicoterapia, cirurgias e relacionamentos frustrados já não sabe mais.

“Olhe bem para mim. Você acha que eu faria isso com meu próprio corpo se não vivesse no Irã? Eu não tinha alternativa. Ou me tornava mulher ou seria morta”, diz, sob uma bata verde longa, com detalhes em miçangas, e um véu de seda sobre os cabelos negros. Ele diz que começou a se sentir “diferente” ainda criança. Aos doze, os pais começaram a notar, mas ignoravam, “porque apesar de ser de uma família liberal, eles não entendiam o que estava acontecendo”. Aos dezoito anos, foi recusado ao tentar se alistar para o exército e encaminhado a um médico, que afirmou ser caso de transexualismo e receitou hormônios. Aos vinte, ele decidiu trocar de sexo. Hoje tem 42. O doloroso procedimento para a remoção dos órgãos sexuais masculinos teve de ser repetido quatro vezes. O serviço oferecido nos hospitais públicos iranianos, segundo ele, é o mais básico e não considera a estética. Ele então viajou à Tailândia, com tradição

em cirurgias plásticas, para mudar outras partes do corpo e tornar-se mais feminino. Colocou implante de silicone nos seios, por 1.700 dólares, abriu o canal vaginal e aumentou o bumbum por outros quatro mil dólares. “Eu fui me transformando, mas também não entendia exatamente o que estava acontecendo comigo”, disse.

Convertido em uma bela mulher, conseguiu se casar, mas o marido descobriu seu passado e quis o divórcio. Separado, o que já é difícil para uma mulher comum, e desempregado, passou a exercer a profissão mais perigosa do Irã: a prostituição. Faz programas por cem dólares, já foi preso quatro vezes, ainda se incomoda com as pessoas apontando para ele nas ruas e sofre de depressão profunda. “Sou uma pessoa amargurada. Tomo remédios fortes para dormir. Transformei-me no que não sou e continuo sendo perseguido, mas agora como mulher”, declara. Com base nisso, foi a um escritório da Organização das Nações Unidas, em Cingapura, e pediu asilo. Mas a ONU não aceita refugiados por perseguição sexual.

A seu lado no sofá, naturalmente mais feminina, com os seios pequenos proeminentes graças a hormônios, assim como as curvas um tanto avantajadas para o seu 1,58 m, a amiga conta já ter sido presa cinco vezes, em seus quarenta anos de idade, acusada de prostituição. Outras vezes, preferiu pagar propina aos policiais para não voltar à cadeia. Um ano antes, passara doze dias em uma solitária e, ao ser descoberta transexual, recebera 99 chibatadas de uma carcereira a quem se refere como “juíza islâmica”. As fotos das marcas ainda visíveis em suas costas, quando foi libertada, servem de prova, mas ela não tem a quem recorrer em um país onde o Judiciário é dominado por clérigos conservadores e seu chefe apontado pelo líder supremo diretamente.

A situação, embora ruim, ainda é melhor do que antes da *fatwa* de Khomeini. Logo após a revolução, ela afirma, nove transexuais amigos seus foram enforcados em público. O grupo havia combinado de se encontrar para um happy hour no Hotel Intercontinental, quando guardas entraram e prenderam todo mundo. Somente ela conseguiu escapar por não ter traços masculinos. Ainda hoje, ela diz, iranianos comuns, mesmo os mais liberais, não aceitam conviver com transexuais e, por duas vezes, ela teve de mudar de endereço, porque os vizinhos a denunciavam à polícia por “desordem, ameaça contra a moral, prostituição”. “Mesmo que acreditem que somos mulheres, nos importunam por causa da maquiagem mais carregada que temos de usar, do véu, das roupas”, diz.

Muitas famílias também as abandonam como aconteceu com a terceira transexual do grupo, agora uma mulher alta e esguia, a mais bonita entre todas. Ela foi colocada para fora de casa após submeter-se à cirurgia em um hospital de Teerã, aos dezoito anos. Chegou a conseguir emprego em um escritório comercial, mas um ano depois o chefe descobriu sua identidade no passado e ela foi demitida. Como as outras, recorreu à prostituição. Diz que muitos homens iranianos procuram as transexuais, já que o sexo com as namoradas, antes do casamento, é raro. A amiga, e quarta transexual do grupo, com a metade do rosto coberto pelo véu branco, mas ainda com a feição visivelmente transformada por bochechas de silicone, adiciona ao comentário o fato de as garotas

iranianas serem inexperientes sexualmente. “Então, eles nos procuram. Essa é a vida moderna iraniana. E o governo não se importa com isso porque o sexo é permitido aos homens. Por outro lado, a polícia nos persegue porque não entendem o que somos.” De gestos exagerados e fala alta, ela reclama também que os iranianos muitas vezes se recusam a pagar pelo programa porque “na vida islâmica, as mulheres são entregues a eles de graça”.

Chocada com os depoimentos que acabara de ouvir e ainda curiosa para saber mais sobre o cotidiano dos transexuais em um país tão conservador quanto o Irã, aceitei o convite para jantar na noite seguinte em um restaurante tradicional iraniano. Ficava em um bairro residencial afastado, na zona sul, mas já na periferia de Teerã, em um casarão antigo de arquitetura xiita.

Quando avançamos pelo salão de mesas grandes, algumas delas comunitárias, lotadas com típicas e numerosas famílias, todos os olhares se voltaram para nós. Como o ambiente era muito alegre, barulhento e com música ao vivo, as mulheres logo desviaram a atenção para outros cantos e continuaram a se divertir com os filhos e parentes. Mas os homens não paravam de olhar em nossa direção. Sentamos na única mesa ainda com espaços vazios, no meio do salão. O primeiro garçom, aparentando cerca de cinquenta anos, aproximou-se e antes mesmo de dizer boa-noite ou perguntar sobre nosso pedido, disse ao ouvido de uma das transexuais que puxasse o *hijab* para a frente de forma a mostrar o menos possível o rosto. E ameaçou chamar a polícia se ela não obedecesse. À nossa esquerda, três senhores de meia-idade que jantavam sozinhos passaram a mexer com elas, com risinhos provocadores. Um dos amigos que nos acompanhava ficou irritado. “Deixa para lá, eu estou acostumada”, disse a transexual.

Gentis, meus anfitriões pediram não apenas um, mas vários pratos típicos e, pelo menos, três versões de *kebab*, para que eu experimentasse um pouco de tudo. Sorridentes, tentavam mostrar-se confortáveis em público, mas o clima continuava tenso. Elas há muito tinham se tornado mulheres de papel passado, oficialmente. Estavam adequadamente vestidas com batas largas, de mangas compridas e sem de cote, o *hijab* no devido lugar, calça jeans e sapatos baixos. Mas, os regimes autoritários costumam criar esse clima de medo, incerteza e desconfiança que contagia a todos e contribui em seu benefício no controle das massas. No Brasil dos anos 1970, sob a ditadura militar, havia o mesmo sentimento. No Irã não é diferente.

Na manhã seguinte, decidi comunicar ao escritório de imprensa a intenção de fazer uma reportagem sobre a *fatwa* de Khomeini em favor da troca de sexo. Para minha surpresa, o assessor não apenas confirmou as informações como consegui o endereço do melhor cirurgião na área, o doutor Mir-djalali. Nos últimos cinco anos, ele estima ter feito mais de duzentas cirurgias de troca de sexo. Na rede particular, custa algo entre quinze e trinta mil dólares, dependendo da extensão. E explica, em *farsi*, que em muitos casos seus clientes removem os órgãos sexuais masculinos, mas não abrem o canal vaginal. E então descreve tecnicamente e com muita serenidade as alternativas de fazer sexo que lhes restam. Até hoje a tradutora não me perdoa por tê-la feito traduzir

tais coisas diante de um homem.

Na antessala da clínica de grs (Genital Reconstruction Surgery, na sigla em inglês), dois rapazes e uma jovem aguardam pela consulta. Um deles me chama atenção, acompanhado de uma senhora coberta pelo chador que parece ser sua mãe. Eu peço para acompanhar a consulta como repórter; ele concorda desde que não tenha seu nome verdadeiro ou foto revelados. Ele tem vinte anos e vai se casar. No mês passado, procurou o consultório do doutor Mir-djalali para fazer a operação de mudança de sexo que o transformará em Maryan e permitirá a união com o noivo com quem namora há dois anos.

O nome escolhido para quando se tornar mulher é uma homenagem a Maryan Molkara, o primeiro transexual a escrever para o aiatolá Khomeini sobre o flagelo dos transexuais desde a Revolução Islâmica. Tratados como gays e lésbicas, estavam sendo caçados e sujeitos à lei do país, que condena o homossexualismo com a morte. Graças a seus apelos e à junta médica que defendeu junto a Khomeini a necessidade da cirurgia de troca de sexo nos casos de “transtorno de identidade de gênero”, o jovem iraniano tem em mãos a autorização judicial para se tornar mulher.

O futuro marido, porém, não conhece sua identidade. Como as relações íntimas antes do casamento são proibidas no Irã, e respeitadas por muitos, ele vem mantendo em segredo o fato de ter nascido homem, o que espera já não ser quando se der o casamento. “É a única chance que eu tenho de me casar. Se soubesse que sou um transexual, ele me deixaria”, diz. O doutor Mir-djalali me olha de lado. “Eles fazem isso, mas quando os maridos descobrem, acabam abandonados.” A senhora que o acompanha, franzina e calada, é sua mãe. Muito religiosa e conservadora, parecendo constrangida com a situação, ela diz ao médico que não consegue compreender por que o filho quer ser diferente e pergunta, repetidas vezes, se “isso é normal”. Ela sofreu um colapso nervoso e ficou três meses internada em um hospital ao saber que o menino queria ser mulher. O pai o expulsou de casa e ele passou a viver com um primo. Os três irmãos e a irmã não falam mais com ele.

Desde que a cirurgia foi autorizada, com base na *fatwa* de Khomeini, a mãe tenta compreender e dar suporte ao filho à revelia do marido. “Ele é tão inteligente e sensível, tão ingênuo. A sua mente sempre foi muito boa”, diz. Diante dela, o jovem, que tem o rosto masculino carregado de maquiagem, mãos largas cobertas por bijuterias orientais e um lenço florido sobre os cabelos, diz se sentir culpado. E revela como foi difícil para ele assumir a si próprio num país tão conservador. “Desde os três anos eu já tinha problemas na escola e queria brincar com as coisas das meninas. Os garotos não entendiam e me deixavam de lado.” Seu caso foi “diagnosticado” na primeira visita ao psiquiatra. “Ele me fez passar por muitos testes, mas logo aceitou.”

Na clínica há dois psiquiatras para atender aos transexuais. “Primeiro, tentamos convencê-los do contrário porque essa é uma cirurgia delicada, com complicações físicas e implicações sociais profundas”, diz o médico Hossein Zamani, do Hospital Mirelmal. “O problema do Irã é a sociedade e não a religião, porque o imã Khomeini os aceitou

assim.”

No fim do dia, fui ao encontro daquele amigo para deixar com ele colares que eu trazia do Brasil, feitos com sementes da Amazônia. Pedi a ele que entregasse o souvenir às meninas, em agradecimento pelo convite e, principalmente, pela confiança depositada em mim nos relatos de suas histórias de vida.

Combinação duplamente explosiva

O aumento das infecções sexualmente transmissíveis, como o hiv, obrigou as autoridades iranianas, a despeito de todas as restrições ditadas pela religião muçulmana, a implantar um disk informação para combater o problema.

Enquanto usuários de drogas injetáveis são o grupo de risco mais elevado no Irã, rota de contrabando da heroína proveniente do Afeganistão para o Ocidente, o número de pessoas infectadas por via sexual tem acudado o governo. Trata-se de um assunto delicado no conservador Estado islâmico, que proíbe as relações sexuais fora do casamento e pune os homossexuais com pena de morte.

“Nos últimos anos, tem aumentado a incidência de infecção do vírus da Aids através de contato sexual”, disse Sedaghat Abbas, do setor de Aids no Ministério da Saúde iraniano. “Há indicações de que o padrão de infecção está migrando das agulhas compartilhadas para o contato sexual sem o uso de preservativos”, acrescentou, em entrevista para o jornal local *Etemad*. De fato, não apenas as profissionais do sexo como também os homossexuais, ambos banidos da sociedade e ferozmente perseguidos pela polícia, têm contribuído para o crescimento das ocorrências na medida em que fazem sexo desprotegido.

Porém, diante da escalada das drogas, o governo viu-se forçado a adotar a política da redução de danos. A distribuição gratuita de seringas e a educação preventiva são medidas que têm ajudado a controlar as infecções entre os toxicod dependentes. Em uma mudança de atitude ditada pelo agravamento do problema, o Ministério da Saúde lançou um serviço telefônico para fornecer informação gratuita ao público sobre os comportamentos de alto risco. Ainda assim, o Irã tem uma baixa prevalência de infecções por hiv, com uma taxa de 0,16% na população adulta. Aliás, em todo o Oriente Médio e o Norte da África, com exceção do Sudão, a epidemia na região é comparativamente pequena. De resto, cabe lembrar

que o hábito de injeção da droga no país de muito pouca tradição neste modo de uso leva a suposições. Uma delas é a de que tal método tenha sido “importado” dos “amigos estrangeiros” no Afeganistão, onde foi registrado o uso de heroína entre os militares das forças de ocupação. Para os pobres da fronteira, a droga é distribuída pelos patrões aos empregados, pois faz com que trabalhem mais horas no serviço pesado sem sentirem dor.^[1]

[1] Texto baseado no jornal árabe-brasileiro *Al Baian Socialista*, de março de 2010.

22. BAZARIS: entre tradição e avanço

Mais um fim de semana iraniano se aproxima e fico ansiosa com a expectativa de viajar para fora de Teerã e conhecer um pouco mais sobre esse país fascinante. Nosso destino é Esfahan, certamente uma das mais belas cidades iranianas e do mundo, passando no caminho pela cidade religiosa de Qon. Serão os meus últimos momentos em Teerã. Dentro de três dias, inicio a minha viagem de volta ao Brasil.

Quarta-feira é como a nossa sexta-feira para os iranianos, véspera do fim de semana que, para eles, é quinta e sexta-feira, sendo a primeira equivalente ao nosso sábado, dia de compras e lazer, e a última ao nosso domingo, dia de descanso e reza. Os mais religiosos vão para a mesquita ou para a Universidade de Teerã, onde religião e política se misturam na chamada reza de sexta-feira, conduzida pelo líder supremo aiatolá Ali Khamenei ou outra autoridade apontada por ele.

As famílias menos tradicionais e religiosas chegam logo cedo aos muitos parques da capital. Estendem os tapetes na grama e espalham travessas de *kebab* (a versão iraniana do espetinho na praia), frutas secas, sucos, refrigerantes e garrafas térmicas de chá. Ali passam o dia todo. Piquenique é uma mania nacional — quase tudo no Irã, aliás, gira em torno de muita comida e chá. Em casa ou nas ruas.

Mulheres, majoritariamente, aproveitam o final da tarde de quarta-feira para reabastecer os estoques da despensa no Grande Bazar de Teerã, o maior e mais popular centro comercial da capital. Seus corredores se estendem por mais de dez quilômetros, num abafado labirinto de lojas, onde se vende (quase) tudo. Cada ala do bazar tem a sua especialidade. Frutas, verduras e legumes, grãos, nozes e castanhas, temperos e enlatados, utensílios de cozinha, modernos eletrodomésticos, enxoval de cama, mesa e banho, calçados e roupas, vestidos de noiva, diferentes modelos de *hijab* e os tradicionais chador, joias e bijuterias, objetos de decoração, prataria, antiguidades, bordados e afins; e, como não poderia deixar de ser, magníficos tapetes persas.

No Grande Bazar de Teerã pulsa a tradicional economia mercantilista, outra herança da antiga Pérsia. Suas primeiras tendas teriam surgido ali durante a dinastia aquemênida, seis séculos antes de Cristo. Ou há 2.600 anos. As partes mais antigas da arquitetura que se vê hoje, em tijolos, datam de quatro séculos atrás. Fica em seus

arredores a maior e mais movimentada mesquita do Irã, a de imã Khomeini, que desde o século XVIII atende a *bazaris*, compradores e visitantes islâmicos.

No passado, o bazar concentrava bancos, pousadas, casas de chá. Com o crescimento da cidade para outras regiões longe do centro, como aconteceu em toda grande metrópole, o bazar passou a atrair um tipo de comércio mais popular e perdeu parte do seu antigo charme com a mais recente invasão de artigos Made in China. Mas ainda é possível observar os resquícios de um passado sustentado a ouro, pérolas e tapetes. Entre as dezenas de milhares de pequenos boxes, sobrevivem os tradicionais corredores de pedras preciosas, ourives e tapeçarias como há milênios.

Com a mais extensa costa do Golfo Pérsico, ao sul, os mercadores persas por muito tempo dominaram o mar Árábico e, assim, o comércio entre o Oriente e o Ocidente. Eram profundos conhecedores da navegação, geografia e engenharia. Construíram portos e estradas para levar e trazer as riquezas da Índia e China até o Egito e Europa. Havia muitas rotas, como a chamada Rota da Seda, que ligavam a Ásia ao Mediterrâneo e fatalmente passavam pela Pérsia. Ou atravessavam o mar Cáspio, no norte do Irã.

Além do comércio com outros países, os persas eram importantes produtores. Da região da província de Fars, então a mais pulsante economicamente e onde está Shiraz hoje, eram exportadas *commodities*, como linho e algodão, sal e frutas, pérolas. Os valiosos e belos tapetes persas, fabricados à mão, já eram reconhecidos como obras de arte e extensamente vendidos para Europa e China, principalmente.

Os mercadores eram os homens mais ricos e de maior prestígio naqueles tempos. Abriam novos mercados, colaborando com a expansão do Império, se relacionavam com o mundo e detinham o poder econômico. Assim, exerciam também decisiva influência na esfera política.

No Irã de hoje, os *bazaris* já não são tão prósperos e o poder mudou de mãos ao longo das décadas. Mas, se já não constituem a classe econômica de antes, ainda conservam uma impressionante influência política sobre a inchada classe média, que ajuda a manter no poder os políticos conservadores, incluindo-se aqui o polêmico presidente Mahmoud Ahmadinejad.

Parte da Revolução Islâmica foi financiada com o lucro das vendas dos *bazaris* e inflamada por sua imensa capacidade de mobilização do proletariado. Durante o regime do xá Mohammad Reza Pahlevi, eles viram seu poder sendo substituído pelo de empresários e industriais capitalistas do Ocidente. O *boom* do petróleo, nos anos 1970, não os beneficiou. Quando Ruhollah Khomeini despontou como um líder capaz de levar o Irã a retomar suas origens, eles abraçaram a revolução.

E são os *bazaris*, ainda hoje, que compõem a única classe forte e unida o suficiente para derrubar o mesmo regime que ajudou a triunfar. Um exemplo dessa força deu-se em setembro de 2009, quando os comerciantes pararam o Bazar de Teerã e outros tantos espalhados pelo país na primeira greve em trinta anos, desde a revolução. A pressão fez o governo voltar atrás em uma medida já aprovada no Parlamento, e que precisava apenas ser sancionada por Ahmadinejad, de impor um imposto de 3% sobre o

valor dos produtos comercializados. Os *bazaris* continuaram não pagando taxa alguma para o governo que apoiam.

Esse apoio, no entanto, vem diminuindo na mesma medida em que piora a economia e aumenta a pressão sobre o comércio local das sanções econômicas impostas pelo Ocidente, no âmbito das Nações Unidas, contra o programa nuclear iraniano. O direito do Irã de desenvolver energia nuclear é consenso entre os *bazaris* — entre todos os iranianos, aliás —, mas não a maneira atabalhoada com que o presidente iraniano conduz a política externa do país, tampouco a sua política interna, que os *bazaris* consideram ineficiente.

Enquanto se ocupava dos inimigos imperialistas, Ahmadinejad deixou que a inflação saltasse de 6,5% no início do seu governo para 14% nas eleições para o segundo mandato, em junho de 2009. Extraoficialmente, estima-se em 30% a inflação, catapultada pelo crescente aumento dos gastos do governo, inchaço da máquina pública e queda nos lucros das empresas e indústrias, 80% das quais parcial ou totalmente estatizadas pelos aiatolás após a Revolução Islâmica.

A crise vivida pela economia mundial, com início em 2008, derrubou o preço do petróleo no mercado externo de um pico de 145 dólares, em julho de 2009, para 75 dólares o barril, em outubro do mesmo ano, piorando ainda mais a já prejudicada balança comercial iraniana, altamente dependente das exportações. Frustrados com a redução nas vendas locais e no comércio exterior, por conta das más relações com outros países, os *bazaris* já não compõem uma massa conservadora homogênea pró-governo.

Durante a Revolução Islâmica e a subsequente guerra Irã-Iraque, os aliados *bazaris* foram envolvidos na importação de armas e se tornaram grandes parceiros comerciais dos mulás. Com o fim do conflito, precisavam encontrar outra fonte de renda. A retomada das importações de produtos iranianos pelo Ocidente e o fluxo de capital externo para o Irã, portanto, seriam de enorme benefício para os *bazaris*.

Pelos barulhentos corredores do Grande Bazar de Teerã, os comerciantes falam sobre política e economia enquanto mostram mercadorias e negociam preços. Vozes atravessam os corredores para alcançar o comerciante da tenda à frente. Um vizinho entra na conversa, outro faz uma piada e ri de si mesmo, ao que um vendedor de pratarias esbraveja, contrariado.

Para quem não entende o que dizem, como eu, eles parecem brigar o tempo todo. Mas, no dia seguinte, estão todos de volta no mesmo lugar, como no dia anterior. É como se fossem uma grande família. E, às vezes, são. Os *bazaris* empregam irmãos, sobrinhos, primos, casam suas filhas com os filhos de outros *bazaris*. Os negócios aumentam e vão sendo transferidos entre gerações de clãs. É assim há milênios.

Amanhã viajarei a Esfahan, a antiga capital da Pérsia sob o domínio dos safávidas, onde está o Bazar-e Bozorg. Primeira dinastia a reinar após a conquista pelos árabes, no século vii, os safávidas levaram o Império Persa ao topo do poder e transformaram Esfahan em um centro

mundial do comércio e da cultura. Propagaram o xiismo erguendo suntuosas mesquitas, além de palácios e jardins magníficos, e fizeram de Esfahan até os dias de hoje um museu da arquitetura islâmica a céu aberto.

Também tentaram regulamentar, minimamente, com base nos preceitos do *Alcorão*, o comércio nos bazares, antes espaços caóticos e sem regras. O livro sagrado do islã vê o lucro como pecado. Negociações mais justas e a prática do *waqf* (algo como caridade, em árabe), ou seja, doar parte dos lucros aos que precisam, foram algumas das obrigações trazidas aos *bazaris* pelos salávidas. O primeiro bazar a adaptar-se ao islã foi o Bazar-e Bozorg, em Esfahan, ponto de comércio persa há, pelo menos, quatorze séculos, e hoje ainda reduto de *bazaris* ultraconservadores e dos mais cobiçados tapetes, pratarias e cerâmicas iranianos.

Por causa de sua importância no passado e localização, no centro do Irã, as estradas que cortam o país de norte a sul e de leste a oeste se cruzam em Esfahan, a 340 quilômetros ao sul de Teerã. A cidade hoje tem aeroporto, com voos diários para Teerã e outras partes do país, e destinos internacionais como Damasco, na Síria, e Dubai, nos Emirados Árabes Unidos.

Eu preferi ir por terra. Estava curiosa para ver como eram as estradas, esperava passar por pequenos vilarejos e queria explorar o local onde o ônibus faria paradas para almoço e reza. Como os muçulmanos fazem cinco orações diárias, entre o nascer e o pôr-do-sol, com intervalo máximo de três horas entre uma e outra, seria preciso fazer pelo menos uma parada no caminho. O tempo de viagem até Esfahan é de aproximadamente seis horas.

Os ônibus saem do terminal rodoviário de Teerã a cada meia hora, e há opção de leito, porém, em horários específicos. Compramos a passagem de ida por 70 mil riais (pouco mais de R\$ 12, na cotação de abril de 2010), com saída às 8h30, pela empresa Royal Safar Iranian. Não era um ônibus-leito, mas era direto, tinha assentos confortáveis, ar-condicionado, serviço de bordo (sem bebidas alcoólicas, é claro) e dvd.

O filme exibido no trajeto conta a história de uma iraniana de rosto angelical e olhos azuis, enganada por dois impostores: o primeiro, dizendo-se apaixonado, conseguiu convencê-la a se casar com ele. Assim que se casam, ele se torna um homem violento, dando espaço para que o segundo se apresentasse como um amigo compreensivo à boa moça que, carente e sensível, se apaixona por ele. Os impostores, então, usam a traição para chantagem. O adultério é motivo suficiente para que o homem possa divorciar-se da mulher, deixando-a sem um centavo. Pelas leis do Irã, ela pode ser presa ou até mesmo receber a pena de morte. Moral da história: mesmo que seu marido seja violento, a traição só piora ainda mais as coisas. É um tipo de mensagem subliminar que costuma figurar na produção da tv iraniana.

A relativa modernidade que se vê em Teerã é apenas uma das facetas de um Irã cheio de contradições. Na medida em que o ônibus se afasta da capital, aumenta o número de mulheres cobertas com o negro chador. Elas dominam o cenário da religiosa Qon, afastada cerca de 150 quilômetros de Teerã, onde fizemos uma parada

rápida.

Qon é a capital da fê xiita, reduto de aiatolás, formados em suas mais de duzentas *madrassas* (escolas religiosas), universidades e centros de estudos islâmicos, e a maior concentração de mulás do mundo. Entre os muros de suas instituições foi orquestrada a Revolução Islâmica.

Seguimos viagem e, na parada para o almoço, o ônibus estaciona em uma daquelas lojas de conveniência integradas a um posto de gasolina, como no Brasil. Entre as opções, lanches rápidos, refrigerantes, chá e doces artesanais, produzidos na região, como o *sohan*, um biscoito doce finíssimo e quebradiço feito de pistache e açafraão. Há banheiros grandes, limpos e, para a minha felicidade, com vasos sanitários como os nossos, e não apenas um buraco no chão, modelo comum nas casas iranianas mais antigas.

Exceto pelas pequenas salas de oração, uma para mulheres e outra para os homens, o local é muito similar às paradas de ônibus nas estradas brasileiras.

Depois de outros 260 quilômetros na estrada bem conservada, com cinco pistas, e paisagens desérticas pontuadas pelas torres das mesquitas ao longe, chegamos a Esfahan. O Kowsar International Hotel tem uma localização privilegiada, com vista para o rio Zâyandeh, uma das principais atrações na cidade. Tomo conta das malas, enquanto Malileh discute em *farsi* com um dos homens na recepção do hotel. Percebendo que ela está visivelmente irritada, pergunto o que está acontecendo. “Ele diz que não podemos ficar no mesmo quarto porque você é estrangeira”, ela diz. “Como assim? E o que ele tem com isso?” Ela explica que, nas regiões mais conservadoras, alguns hotéis não permitem que iranianos dividam o quarto com ninguém que não seja um parente próximo. No caso dos estrangeiros, o choque de culturas poderia influenciar “negativamente” os locais.

Malileh desconfia do argumento. “Eles cobram taxas diferentes dos estrangeiros. Está querendo nos cobrar por dois quartos”, disse, com o olhar de quem sabe o que está falando. Malileh é uma pessoa correta, mas está longe de ser facilmente dobrada no exercício de seus direitos. Quando pediu ao funcionário da recepção que, então, nos mostrasse em que parte do *Alcorão* ou em que lei estava escrita a proibição, o homem se deu por vencido.

No elevador, ela me conta que, se fôssemos do sexo oposto, não teria sequer ousado argumentar. Em todo o país, os casais só podem se hospedar juntos se apresentarem a certidão de casamento, exigida no *check-in*. Sem o documento, não podem sequer viajar juntos. As empresas de turismo não aceitam. É lei. Se viajarem sozinhos e forem pegos pela polícia na estrada, digamos, em um ônibus de linha ou carro alugado, terão de dar meia-volta e serão escoltados até as respectivas famílias. Os guardas costumam ser mais maleáveis aos que viajam em turma, mas desde que não vejam demonstrações explícitas entre os casais, como estar de mãos dadas. E, é claro, desde que as meninas se hospedem em um quarto, e os homens em outro — com a difusão do uso de circuitos internos de tv para a segurança, é improvável que isso mude no escuro da noite.

A suíte do Kowsar Hotel tem duas camas de solteiro, armário embutido com espelho, uma penteadeira, mesinha de escritório, poltrona, telefone, uma pequena televisão, com os canais nacionais, e frigobar sem bebidas alcoólicas. A decoração é a mesma de qualquer quatro estrelas das redes hoteleiras padrão. O serviço inclui café da manhã em um agradável restaurante, no térreo, aberto também para o jantar, *concierge* 24 horas e acesso à internet no mezanino da recepção. O que mais me impressiona é o terraço, de onde vejo casais andando de pedalinho pelo Zâyandeh e turmas caminhando pelas margens. Com seis universidades, Esfahan atrai jovens de todas as partes do país.

Apesar de ver do terraço o movimento lá fora, eu ainda não estava segura com relação à minha roupa: uma bata indiana branca, bastante larga, e com as mangas um pouco abaixo dos cotovelos apenas. Por baixo, eu colocara uma camiseta também branca, para disfarçar a leve transparência. Calças azuis de um tecido leve, longe de estarem grudadas ao corpo, mas talvez com as barras menos amplas do que eu gostaria. E o *hijab* azul, bordado com miçangas, que eu comprara no bazar de Teerã.

Nenhuma parte do meu corpo aparecia. Ainda assim, eu não me sentia segura. Comparando às roupas que eu vinha usando em Teerã, digamos que este seria um visual mais na linha “fim de semana de sol no campo”.

“Como estou?”, eu pergunto a Malileh.

“Uhm... o branco...”

“É a única bata que eu trouxe...”

“E o véu?”

“Esse ou um vermelho...”

“Em Teerã, você não teria problemas, mas aqui... Bem, vamos descobrir rápido.”

Era uma tarde ensolarada, de céu azul e calor perto dos 38 graus. Famílias caminhavam pelo rio, outras admiravam a paisagem sentadas na beira d’água, com vista para Shahrestan. O dia estava agradável e as pessoas pareciam bem humoradas, o que não as impedia de lançar em minha direção olhares reprovadores. “Não ligue para elas. Não há nada de errado na sua roupa”, repetia Malileh. “Essas mulheres deveriam ir a Teerã ver como nós nos vestimos.”

Atraída pela beleza da praça Naghsh-e Jahan (que significa Imagem do Mundo, em persa), eu parei realmente de prestar atenção nos olhares. Construída em 1593, tem em seu entorno o mais extenso e suntuoso conjunto arquitetônico xiíta. Um bem cuidado gramado, canteiros de flores aqui e ali e um grande espelho d’água. Há grupos fazendo piquenique, tão popular aqui quanto em Teerã, rapazes acelerando suas motos para chamar a atenção das poucas jovens desacompanhadas, crianças andando de bicicleta, casais e famílias passeando em carruagens puxadas por cavalos brancos, que podem ser alugadas como no Central Park de Nova York — mas, aqui, parecem um tanto fora de contexto.

Sentamos em um dos bancos da praça. Malileh foi comprar *fereni*, um pudim de arroz-doce vendido como sorvete, a três mil reais (R\$ 0,50) a taça. Eu avisto, à distância, o primeiro grupo de turistas estrangeiros — são, certamente, japoneses e digo isso não

apenas pelos olhinhos puxados, mas pela quantidade de máquinas fotográficas entre eles. Mais adiante, no bazar de Esfahan, eu encontraria duas jovens espanholas, as únicas turistas ocidentais com que cruzaria nessa jornada. Natureza, arquitetura e religião atraem para Esfahan milhares de turistas. A maioria deles, porém, de outras partes do Irã. Desde a Revolução Islâmica tornou-se mais raro ver visitantes estrangeiros no país, com pequenas variações, dependendo das tensões internas e externas. Durante a guerra do Iraque, eles praticamente sumiram. E, agora, mais uma vez, depois que cenas de violência contra manifestantes, durante protestos nas ruas de Teerã contra supostas fraudes na reeleição do presidente Ahmadinejad, foram registradas por aparelhos de celular e espalhadas mundo afora.

Segundo a organização em prol da Herança Cultural, do Turismo e do Artesanato do Irã, cerca de 2,3 milhões de turistas visitaram o Irã em 2009, a maioria deles vindos dos vizinhos muçulmanos do sudeste asiático, além da Turquia e da China, na Ásia, e Alemanha, na Europa, que mantém voos diários entre Frankfurt e Teerã, apesar das sanções econômicas aprovadas pelo Conselho de Segurança da ONU.

São pouco para um país com 2.500 anos de história, sítios arqueológicos preservados, monumentos arquitetônicos magníficos, deserto, montanhas, praias, boas estradas e aeroportos, pistas de esqui, restaurantes de culinária típica. O setor corresponde a menos de 2% dos empregos nacionais. O sumiço dos turistas e as dificuldades impostas na exportação — exceto pelo petróleo, é claro — de produtos iranianos têm afetado de forma muito mais dura os negócios dos *bazaris*.

Sem parar as mãos que delineiam o desenho em um pequeno frasco, o artesão Zarif Ali, de 34 anos, conta que no período de Ahmadinejad os turistas sumiram de Esfahan, a 340 quilômetros de Teerã, uma das cidades mais belas do Irã e com o maior e mais antigo conjunto da arquitetura islâmica. Ali cresceu vendo o pai moldar e colorir artesanalmente os delicados recipientes, do tamanho de um dedo polegar. Feitos com ossos de camelo, são depois pintados nos tons de verde e azul que marcam o *design* xiita. Guardam um óleo que, misturado a um pó de pedras negras, se transforma em rímel, como nos tempos de Cleópatra. O ofício é transmitido entre as gerações de sua família na pequena venda do Bazar-e Bozorg. “Mas, se a política externa iraniana continuar afastando compradores e visitantes, será difícil seguir vivendo desse conhecimento tradicional”, ele diz. Conhecimento este que ele agora ensina ao filho, de sete anos.

O mundo parece ter parado em um tempo remoto de Esfahan. Um tempo em que os *bazaris* dominavam a economia da Pérsia. A habilidade comercial ainda corre nas veias dos iranianos. Simpáticos, sorridentes, insistentes e exagerados, usam da dramaturgia para convencer o comprador de que tudo ali é raro, especial, mais bonito, antigo e valioso. Se entrar em uma loja, é difícil sair. Pouco acostumados com turistas gastando em euros, os iranianos ganham dos turcos na insistência. Sigo pelos corredores do emaranhado de bazares interligados por pequenas vielas de muros de pedras. O teto vazado permite entrar a luz do sol e ver os pilares e cúpulas das mesquitas ao longe. Atravesso o corredor de velhos joalheiros e ourives, dou risada ao avançar sobre a ala

dos tapeceiros e ler o cartaz em inglês, com a seta apontando para uma pequena loja, em uma das estreitas vielas do Bazar-e Borzogh: “Flying Carpets. Here” (Tapetes Voadores. Aqui).

Um grupo de meninos adolescentes se aproxima, vindo pelo mesmo corredor, em nossa direção. Falam alto e riem, olhando para mim e para Malileh. Um deles faz um gesto obscuro. “O que é isso, Malileh?”, eu pergunto, espantada com a ousadia do garoto iraniano. “Se você soubesse o que estão falando de nós, por causa das roupas que estamos vestindo, você ficaria vermelha de vergonha. Eu não tenho coragem de repetir”, diz Malileh, emburrada sob seu *hijab* azul. “Vamos embora. Já estou com saudades da vida moderna na cidade grande”, ela disse. Saudades de Teerã.

Na última noite em Teerã, Malileh quer me oferecer um jantar. Iria me levar à sua casa, onde vive com os pais, mas, gentilmente, coloca-se à disposição para me mostrar partes da cidade que não tive tempo de conhecer antes de viajar a Esfahan. Eu aceito ambos os convites. Assim, nos dirigimos ao parque Jamshidieh, aos pés das montanhas. A noite é clara e a lua confere um tom prateado às pedras onde as lâmpadas amarelas não alcançam. Nos vinte minutos de caminhada, paramos para tirar fotos em um pequeno lago com queda d’água. Muitas famílias faziam piquenique nos gramados. Casais namoravam nos trechos mais escuros, sob a sombra de Alborz. Não havia policiais por perto. Pelo menos, não cruzamos com nenhum oficial no caminho. É preciso fôlego para vencer a subida íngreme até a Kurdish House, mas não consigo pensar em lugar melhor para me despedir da cidade.

O restaurante funciona em um casarão de madeira, com magnífica vista para as luzes da cidade. Escolhemos uma mesa no terraço. Ou, melhor, um lindo tapete persa vermelho. A comida: *kebab*, é claro. Acompanham tomates e cebolas, tudo preparado no fogo a lenha. E arroz soltinho, sobre o qual os iranianos têm o costume de derreter barrinhas de manteiga salgada, do tipo em lata. Fizemos um brinde com *doogh*. A essa altura, o álcool pouco importava. Se este seria o último jantar em Teerã, que fosse tipicamente iraniano. Brindamos por esse encontro maravilhoso de civilizações, a dela milenar e a minha ainda tão jovem; por um mundo cada vez menor, que nos dá a chance de conhecer gente distante e mantê-la tão perto; pelas experiências compartilhadas nessa jornada que certamente mudaria a minha vida.

No hotel, divido com Malileh as fotos do último fim de semana, em Esfahan. Uma, em particular, chama nossa atenção pela beleza do cenário, um fim de tarde na magnífica praça Naghsh-e Jahan. Pela primeira vez, me dou conta da semelhança entre aquela imagem e a que, meses antes, me atraiu à exposição em um centro cultural de São Paulo e, mais tarde, ao Irã. A diferença era que, agora, eu era parte da fotografia.

No caminho para o aeroporto, paramos em uma pequena e charmosa livraria, onde aproveito para comprar livros ilustrados de poesia persa, para levar de presente aos amigos, e uma xilogravura com um verso de Rumi:

Non existe outro mundo.

Só conheço aquilo que vivenciei.

Posfácio Caldeirão fervilhante

Em maio de 2010, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi recebido pelo líder iraniano Mahmoud Ahmadinejad no palácio presidencial em Teerã. Na pauta, uma proposta conjunta do Brasil e Turquia para um possível acordo sobre o programa nuclear do país, com base em um plano da Agência Internacional de Energia Atômica (aiea), da onu. Ele previa que o urânio iraniano seria enriquecido na Turquia e devolvido em níveis que possibilitariam sua utilização em pesquisa e energia alternativa, e não na fabricação da bomba nuclear.

Assinado pelos três países, o tratado foi celebrado pelo presidente Lula como um grande feito da diplomacia brasileira, algo que “os Estados Unidos não conseguiram em trinta anos”. Porém, não convencera a secretária de Estado norte-americana, Hillary Clinton, sobre o sucesso do diálogo. Para Washington, Ahmadinejad tentava apenas ganhar tempo, evitando novas sanções contra o país, sem desistir realmente de desenvolver o programa nuclear até o ponto de enriquecer urânio a 90% — o necessário para fabricar a bomba atômica. Mas não só isso.

Numa tentativa de reafirmar a influência dos Estados Unidos no cenário internacional, Hillary Clinton apressara-se em responder ao acordo, intensificando a pressão sobre o Conselho de Segurança da onu para que aprovasse novas sanções contra o Irã, embora China e Rússia resistissem — ambos são os principais exportadores de combustível para o país. Numa queda de braço com o Brasil, Washington acabara por conseguir a assinatura dos cinco membros do conselho com poder de veto, e em junho, a quarta rodada de sanções fora aprovada. Os termos do novo documento proibiam empresas de manter negócios com a Guarda Revolucionária ou mesmo transportar ao país material balístico e nuclear, e autorizava de antemão aos americanos inspecionar navios estrangeiros suspeitos de carregar armamento.

Julgando as iniciativas ainda insuficientes, os eua e a União Europeia decidiram apertar o cerco econômico contra o Irã, aprovando sanções unilaterais ainda mais restritas que aquelas sancionadas no âmbito nas Nações Unidas. Em um memorando de três páginas, assinado em janeiro, e vazado ao *The New York Times* em abril, o secretário de Defesa Robert Gates alertara a Casa Branca e as agências de inteligência americanas sobre a necessidade de novas opções, incluindo o uso das forças militares, para barrar a continuidade do programa. Alegando que o Brasil e a Turquia teriam sido “manipulados” por Ahmadinejad, Israel aumentava a pressão sobre os aliados americanos para que lançassem a ofensiva em um ataque contra as instalações nucleares iranianas. Mas com 150 mil soldados já deslocados para o Iraque e Afeganistão, parecia pouco provável que a Casa Branca aprovasse a medida.

Teerã, por sua vez, desafiava a comunidade internacional, insistindo no direito de

desenvolver energia atômica para fins pacíficos. Animosidade contra o Ocidente aumentava. “Todos os dias eles adicionam uma nova folha à sua pilha de erros”, declarou o chanceler iraniano Manouchehr Mottaki sobre as novas sanções. Desafiador, Ahmadinejad impedira dois inspetores nucleares da onu de entrar no país sob a alegação de que teriam vazado para a imprensa informações de um relatório “falso”. E seguia na sua cruzada pela América Latina em busca de parceiros comerciais, irritando ainda mais os Estados Unidos. Depois de visitar o Brasil e a Venezuela, o presidente iraniano esteve no Paraguai, Nicarágua e Cuba. E articulava uma visita oficial do presidente cubano Raúl Castro a Teerã.

Com a credibilidade colocada em cheque diante da recusa dos eua de aceitar o acordo assinado em visita do presidente Lula a Teerã, a diplomacia brasileira diminuía o envolvimento na questão. “Brasil e Turquia são países emergentes imaculados que se aproximaram de Teerã com boas intenções. As novas sanções lançam dúvidas com relação à nossa credibilidade”, declarou à imprensa internacional o ministro das Relações Exteriores Celso Amorim, pivô do acordo com o Irã. O chanceler reafirmava a necessidade de reforma do Conselho de Segurança, para permitir a entrada de novos membros permanentes com poder de veto, uma reivindicação antiga do Brasil. Para ele, o órgão de segurança das Nações Unidas “não mais refletia a realidade política atual”, uma vez que exclui nações emergentes.

Àquela altura havia apenas uma questão sobre a qual todos concordavam: as novas sanções não seriam capazes de evitar o desenvolvimento do programa nuclear iraniano. Poderiam até aumentar os custos econômicos que Teerã pagaria para levar adiante suas ambições nucleares. Politicamente, contudo, o preço não era tão claro. Ahmadinejad tinha a possibilidade de usar as resoluções como justificativa para o fraco crescimento da economia iraniana, a inflação alta e o desemprego registrados no seu governo, reforçando a ideia defendida por ele de que a verdadeira intenção por trás das sanções era impedir o desenvolvimento do Irã. E nada seria melhor para o regime iraniano do que um motivo para reconquistar o apoio da população contra os “opressores” estrangeiros. No cenário externo, as sanções tampouco haviam prejudicado os aiatolás até então. Ao contrário disso, o Irã aumentara a influência na região na mesma medida em que as potências ocidentais perdiam a credibilidade diante de conflitos fracassados, do avanço incontrolável do gigante chinês e de outras economias emergentes como Brasil, Rússia e Índia.

No complexo tabuleiro das relações internacionais, o jogo dos poderosos continuava tenso, e a perspectiva de um acordo real com o Irã era basicamente tão provável quanto em 2006, quando as primeiras sanções foram aprovadas no âmbito das Nações Unidas. Talvez, agora, ainda menos provável. Os aiatolás permaneciam no poder e o programa nuclear seguia, apesar dos eua, da União Europeia e da onu.

Engana-se, no entanto, quem olha para o Irã como uma nação estagnada. Dentro de um contexto histórico de longa duração, os trinta anos do regime islâmico representam um período curto, muito curto, para qualquer julgamento. Seus ancestrais

dominaram impérios por duzentos, trezentos, quinhentos anos. E ainda que se tome a conjuntura recente, o observador atento verá mudanças profundas na era pós-revolução de 1979, a começar pela demografia. O Irã tornou-se uma nação jovem, de blogs, páginas no twitter e nas redes sociais, de manifestações via celular. Uma nação de mulheres universitárias, que trabalham fora, dirigem, protestam e, como a estudante de música Neda Agha-Soltan, morrem pelo que acreditam. Se a tradição do sacrifício xiita ainda está presente, os velhos mártires foram substituídos por novas fâces, como o rosto angelical de Neda e de outros jovens mortos nos protestos de junho de 2009.

Longe dos que se revezam no poder nas três últimas décadas, há uma sociedade pulsante que empurra o país para a frente. Um caldeirão fervilhante, no qual se misturam ingredientes como história, nacionalismo, juventude, determinação, orgulho, superação, desejo de mudança, sonhos e o deslumbramento com um mundo que se tornou pequeno e próximo pelas telas dos computadores.

Um ano após os protestos contra a reeleição de Ahmadinejad, a maior manifestação pública vista no Irã desde a Revolução Islâmica, a vida cotidiana retomou o ritmo de antes e os protestos recuaram. Mas a sensação que se tem nas ruas de Teerã é a de que esse caldeirão está prestes a explodir. As manifestações em massa deram lugar a iniciativas individuais e permanecerão ativas até que os iranianos encontrem um caminho comum. Partirá deles a transformação. Tem sido assim há três mil anos.

Dicas essenciais

Como se vestir

As mulheres têm de usar blusões largos até os joelhos, de mangas longas, além de calças compridas e o véu, bem resolvido como uma echarpe sobre os cabelos. Nada transparente ou que evidencie o contorno do corpo. Fora de Teerã, os costumes são ainda mais rígidos e conservadores. Para não ser importunada, prefira roupas e véu preto que se adquire em qualquer bazar por um preço ínfimo. É aconselhável usá-lo principalmente nos escritórios da burocracia oficial, caso precise, por exemplo, estender o visto. O chador — um manto negro cobrindo da cabeça aos pés — pode ser exigido em lugares especiais, como nos prédios do governo. Para as rezas de sexta-feira nas mesquitas, usa-se uma das vestes brancas que ficam penduradas em uma espécie de varal ou dobradas nas prateleiras com os terços e as pedras de ablução. São limpas e gratuitas. E não tenha medo de entrar, ninguém vai olhar feio para o turista se ele não fizer estardalhaço e for respeitoso. A hospitalidade iraniana está acima de qualquer suspeita.

Aos homens, basta que sejam discretos com jeans ou camisetas, evitando bermudas e sandálias. Namorados, amasiados e afins, nem pensem em se hospedar no mesmo quarto de hotel. Só com certidão de casamento, exigida no *check-in*.

Comportar-se em público

Beijos e abraços estão proibidos nas ruas. Cantarolar e ouvir música alta também não pode. E nada de estender a mão e muito menos trocar beijinhos no rosto. Entre estranhos, só um simples aceno de cabeça, sobretudo entre mulheres e homens. Nos prédios públicos, universidades e mesquitas, nunca saque a câmera sem antes pedir autorização.

Outra coisa: mulher não fuma em público e mantém o olhar baixo quando conversa com um homem.

Documentos

É preciso preencher um formulário de solicitação de visto (webiran.org.br) e enviá-lo com duas fotos 3x4 para a embaixada do Irã em Brasília (61-3242-5733) com, pelo menos, quatro semanas de antecedência. A embaixada também pode ajudar na indicação de tradutores e fornecer um manto às viajantes do sexo feminino. Para os brasileiros, é possível obter o visto no próprio aeroporto, na chegada em Teerã, desde que munidos de uma carta convite e mediante o pagamento de cinquenta euros.

Como chegar

Teerã tem dois aeroportos Internacionais: Imã Khomeini, ao sul, e Mehrabad, mais perto do centro. Via Oriente Médio, a melhor escolha é a Emirates Airlines, com voos diretos de São Paulo para Dubai e de lá para Teerã. Via Europa, as companhias que operam voos diretos para Teerã são Lufthansa, de Frankfurt, e British Airways, de Londres. Desde outubro de 2008 a Air France deixou de atuar nessa rota. A estatal Iran Air (iranair.com) também opera voos internacionais para Dubai e cidades da Europa.

Lá dentro

Entre cidades: a partir de Teerã, os ônibus são confortáveis, com ar-condicionado, dvd e lanchinho. Para Qon, Esfahan, Shiraz e Persépolis, eles saem da estação central (praça Arzhananin, 9821-8873-2535). Outra opção são os trens. Na estação ferroviária da praça Rah-Ahan, os destinos estão escritos em inglês (rajatrains.com).

Já de outras regiões mais distantes como de Esfahan a Shiraz, por exemplo, o transporte rodoviário deixa muito a desejar. Se puder, prefira os aviões, que são baratos e seguros. Além da Iran Air (iranair.com), há diversas companhias internas que oferecem voos domésticos para os principais destinos turísticos. Mas fique atento aos horários, caso dependa de uma conexão, pois algumas vezes atrasam até sete horas sem motivo aparente nem explicação plausível.

Transporte

Em Teerã, o transporte é um dos maiores desafios para os turistas. Poucos taxistas falam inglês, as linhas de metrô (tehranmetro.com) são poucas e as de ônibus, confusas para quem não domina o *farsi*. Os táxis acabam sendo o meio mais fácil, mas peça no hotel e negocie o preço antes (três mil riais é o que os locais pagam por uma corrida à maioria dos destinos centrais), pois não existem taxímetros. Do aeroporto Imã Khomeini (ika) até o centro pode chegar a 50 mil riais (cheque antes se o hotel não oferece o traslado). E não se espante se o motorista passar de ponto em ponto pegando outros passageiros. Compartilhar táxi é usual no Irã. Por isso, para mulheres viajando sozinhas, uma boa dica é usar o Women's Táxi (1821, se estiver em Teerã, ou 9821-5586-3380, womentaxi.ir), cooperativa de taxistas iranianas só para mulheres. As placas de rua com tradução para o inglês são uma grata surpresa aos turistas. Para não se perder, tenha em mente que a avenida Valiasr corta a cidade de norte a sul e a avenida Azadi, de leste a oeste.

Aluguel de carro

Desista. Se as estradas iranianas são uma reta só e têm um asfalto quase aveludado de tão macio, o trânsito dentro das cidades é caótico, congestionado e nem todas as placas estão traduzidas. Prefira pegar um avião, ônibus, táxi ou contrate um motorista. É barato, muito mais seguro e confortável, acredite.

Quando ir

Como quase todo lugar do mundo, as melhores épocas para se visitar o Irã são a primavera e o outono, de climas amenos, sobretudo para as mulheres, obrigadas a abrir mão dos shorts e da regata. No verão a temperatura pode ultrapassar os quarenta graus. No inverno cai neve e os termômetros vão abaixo de zero. Agora, se seu objetivo é esquiar, a alta temporada é entre janeiro e fevereiro. Confira o calendário e evite viajar durante o Ramadan, mês do jejum para os muçulmanos, quando quase todos os restaurantes e casas de chá fecham. O mesmo para o Noruz, o Ano Novo iraniano, entre 21 e 24 de março, quando os hotéis ficam lotados e os preços vão às alturas.

Entrada nos monumentos históricos

Eles têm hábito de praticar um preço para nativos e outro para estrangeiros. No caso do ingresso às ruínas de Persépolis, por exemplo, a diferença equivale a uma

quantia razoável. Por isso, se estiver com amigos locais, cubra o rosto e siga adiante sem dizer nada, pois e economizará um bom dinheiro.

Dinheiro

Por causa dos embargos econômicos, o Irã está fora do sistema bancário internacional, o que significa que nenhum lugar aceita cartão de crédito. Só dinheiro vivo. Inclui para pagar o hotel. Há apenas uma única moeda em vigor, o rial. Mas fique atento, pois é comum o uso corrente do termo *tooman*, herança do passado. Um *tooman* é o mesmo que dez riais e, portanto, cem *tooman* são mil riais. Um real brasileiro equivale a seis mil riais iranianos. Euros são mais fáceis de trocar. As casas de câmbio estão concentradas nas principais avenidas da área comercial, além do aeroporto. Em compensação, são mínimas as chances de você ser roubado. Poderá transitar tranquilamente com *cash* na bolsa sem medo de assaltantes, tão comuns no nosso cotidiano brasileiro. E não se esqueça de guardar algum comprovante para que possa converter o dinheiro para a moeda de origem quando deixar o país.

Embaixada

Não há escritórios de apoio aos turistas. Por isso, leve o telefone da embaixada do Brasil em Teerã para onde for: rua Yekta, 26, com a rua Bahar, 9821-2274-3996/7/8. embassy@braziliran.org.

Telefone

Cartões de telefone internacionais são incomuns. A melhor opção é ir até um internet café e ligar pela rede.

Palavras e frases para o dia a dia

Olá – *Salam*

Sim – *Baleh*

Não – *Nah*

Por favor – *Loftan*

Com licença – *Be bakh shid*

Obrigada – *Merci*, como no francês

De nada – *Ghabel na-dareh*

Desculpe – *Mota assef am*

Até logo – *Khoda Hafez*

Eu me chamo – *Esmam...e*

Eu sou do Brasil – *Man ahl-e Brasil hastam*

Você fala inglês? – *Inglissi mi-david?*

Eu não falo persa – *Farsi balad nsitam*

Onde é o hotel? – *Hotel kojast?*

Por favor, mostre no mapa – *Lotfan rooy-ey in naghshesh neshian bedid*

Por onde devemos ir? – *Az kodam rah berim?*

Quanto custa? – *Che ghadr?*

Onde é o banheiro? – *Tualet kodjást?*

Mesquita – *Masjed*

Banco – *Bánk*

Museu – *Museh*

Ponte – *Pol*

Avenida – *Kiaâbân*

Estrada – *Bozorgâh, otobân*

Praça – *Meidân*

Igreja – *Kelisâ*

Consulado – *Konsulgâri*

Centro – *Markaz*

Rio – *Rud, rud khâneh*

Chá – *Chay*

Kebab de carneiro – *Shish kabab*

Kebab de carneiro com arroz – *Chelo kabab*

E, se tudo o mais faltar, pão com manteiga – *Nan-o-kareh*


Taarof é outra palavra importante, para a qual não existe tradução. Reflete uma espécie de código social, um meio de sobrevivência que os iranianos apreendem desde pequenos. De um lado, indica a generosa hospitalidade e cortesia e, de outro, certa subserviência, já que por meio dela a pessoa consegue disfarçar as verdadeiras intenções. Em resumo, eles dizem sim para tudo, mesmo quando querem dizer não. Portanto, não exagere. Mas, se por acaso, se apaixonar por alguém de lá, use e abuse de *azizam*, que quer dizer querido(a), do coração.

Tabela de números

1 – <i>Yek</i>	۱	9 – <i>Noh</i>	۹	50 – <i>Pandjâh</i>	۵۰
2 – <i>Do</i>	۲	10 – <i>Dah</i>	۱۰	60 – <i>Shast</i>	۶۰
3 – <i>Seh</i>	۳	11 – <i>Yâzdah</i>	۱۱	70 – <i>Haftâd</i>	۷۰
4 – <i>Chahâr</i>	۴	12 – <i>Davâsdah</i>	۱۲	80 – <i>Hashtâd</i>	۸۰
5 – <i>Pandj</i>	۵	20 – <i>Bist</i>	۲۰	90 – <i>Navad</i>	۹۰
6 – <i>Shesh</i>	۶	21 – <i>Bist o yek</i>	۲۱	100 – <i>Sad</i>	۱۰۰
7 – <i>Haft</i>	۷	30 – <i>Si</i>	۳۰	1.000 – <i>Hezâr</i>	۱۰۰۰
8 – <i>Hasht</i>	۸	40 – <i>Chehel</i>	۴۰	2.000 – <i>Do hezâ</i>	۲۰۰۰

Alguns trajes islâmicos

Chador – Veste negra que cobre da cabeça aos pés as

 muçulmanas xiitas mais religiosas. É obrigatório nos locais sagrados em vários países, e não apenas no Irã.

Burca - Tradicional do Afeganistão e Paquistão, era o traje nobre das monarcas, que não podiam ser vistas pelos plebeus. Foi popularizada e tornou-se obrigatório em público durante o regime Taleban, mas hoje é opcional. Traz um quadriculado na altura dos olhos que permite à

mulher enxergar.

Hijab - Em árabe, a palavra quer dizer cobrir-se. Mas, acabou dando nome ao véu islâmico adotado pela maioria das muçulmanas para esconder os cabelos. Seu uso em público é obrigatório no Irã.

Niqab - Veste negra e longa, que envolve o corpo inteiro e o rosto, deixando apenas uma fresta para os olhos. Seu uso é imposto às muçulmanas em

países como a Arábia Saudita.

Caderno de fotos



Indicação dos monumentos históricos da era aquemênida, nas proximidades de Shiraz.





Tumba do Rei Ciro em Naqshi-i Rostam.



Mausoléu do poeta Hafez em Shiraz.



Café 8 1/2, em Teerã.



Iranianas compram suco de romã, na frente do Parque Melat, em Teerã.



A cineasta Manijeh Hekmat em sua produtora, em Teerã.



Visita do presidente da Venezuela, Hugo Chaves, ao presidente do Irã Mahmoud Ahmadinejad, no Palácio do Governo, em Teerã.



Outdoors com imagens dos aiatolás em Teerã.



Táxi de mulheres.



Campus da Universidade de Teerã.



Bazar de Teerā.



Jovem compra vestido para festa no Shopping Salavieh, em Teerã.



Onibus que faz o percurso entre Teerã e Estãhan.



Praça Real, da dinastia safávida, construída por volta de 1600 em Eslahan.



Com 21 arcos, a Ponte Djubi, em Estáhan, estende-se por 147 metros sobre o rio Zâyandeh.



Mulheres conversam na Praça Real em Esfahan.



Meninos jogam futebol enquanto as mães participam da reza de sexta-feira, no pátio da Universidade de Teerã.



Mulheres se reúnem para a reza de sexta-feira, na Universidade de Teerã.

- [1] Tradução livre da autora.
- [2] Texto baseado em A. E. Clemesha, *A formação de um mundo árabe*. Aula ii do curso “O mundo árabe contemporâneo”. Instituto da Cultura Árabe, www.icarabe.org, 22 de agosto de 2007.
- [3] Trechos desta seção foram publicados em *O Estado de S.Paulo* e em <http://blogs.estadao.com.br/adriana-carranca/>
- [4] Clive Irving, *Crossroads of civilization – 3000 years of Persian history*.
- [5] Maria Lígia Quartim Moraes, “Cidadania no feminino”, in: Pinsky, J. & Pinsky, C. B., *História da cidadania*, São Paulo: Contexto, 2003.
- [6] Esta fora a última notícia que eu receberia sobre a situação de Baghi na prisão Evin, em Teerã. Cinco dias depois, uma terça-feira comum, o ativista tocara a campainha na porta de sua casa, para a surpresa da família. A notícia se espalhou rapidamente pelos blogs, sites de organizações de direitos humanos e de relacionamento, acompanhada de uma foto, já em seu quarto, muitos quilos mais magro, mas com um largo sorriso no rosto. Baghi foi solto no dia 23 de junho de 2010, sem maiores explicações por parte do Judiciário. Mas, continuava de malas prontas para a prisão.

Capa

Folha de rosto

Sobre as obras que compõem esta série:

Autoras

Créditos

Prefácio O fascínio do “outro”

Parte 1 - A caminho de Pasárgada

1. Que país é esse?

2. Contradições

3. Apesar da censura...

4. Mamãe passou açúcar em mim

5. Unificando a nação

6. Deus e o diabo na terra do sol

7. Esfahân nesf-e djahân

8. Reencontrando Kurosh

9. Outra civilização

10. A sedução dos versos

Parte 2 - A terra do meio

11. Na trilha dos aiatolás

12. Rumo a Teerã

13. Aos pés de Alborz

14. Petróleo e racionamento

15. Geração pós-revolução

[16. DA MINISSAIA AO HIJAB](#)

[17. Uma Nobel da Paz](#)

[18. Quem tem medo de Ahmadinejad?](#)

[19. No país do futebol](#)

[20. De malas prontas para a prisão](#)

[21. Transexuais e a fatwa de Khomeini](#)

[22. Bazaris: entre tradição e avanço](#)

[Posfácio - Caldeirão fervilhante](#)

[Dicas essenciais](#)

[Caderno de fotos](#)